UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

ROSEMARY RUFINA DOS SANTOS PERIN

CADERNOS DE EDUCAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA DO ILÊ AIYÊ: UM PRECURSOR DAS DIRETRIZES CURRICULARES DA LEI 10639/03?.

SALVADOR / BAHIA
2007

ROSEMARY RUFINA DOS SANTOS PERIN

CADERNOS DE EDUCAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA DO ILÊ AIYÊ: UM PRECURSOR DAS DIRETRIZES CURRICULARES DA LEI 10639/03?.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação Campus I, como requisito final à obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof[a.]. Dra. Ana Célia da Silva
Co-Orientador: Prof [a.]. Dra. Delcele Mascarenhas Queiroz

SALVADOR / BAHIA
2007

P445c Perin, Rosemary Rufina dos Santos

Os Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica Ilê aiyê: Um precursor das Diretrizes Curriculares da Lei 10639 ?./ Rosemary Rufina dos Santos Perin. – Salvador, BA: RRSP, 2007.

167 p. : ilus. 23 cm.

Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do Grau de mestre em 26/03/2007, pelo Departamento de Educação. Orientadora: Prof [a.] Dra. Ana Célia da Silva. Coorientador: Prof [a.]. Dra. Delcele Mascarenas Queiroz.

I. Perin, Rosemary Rufina dos Santos. II. Título. III. Universidade do Estado da Bahia. 1. Educação. 2. Pedagogia. 3. Projeto de extensão.

CDU. 37.014(813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO

ROSEMARY RUFINA DOS SANTOS PERIN

CADERNOS DE EDUCAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA DO ILÊ AIYÊ: UM PRECURSOR DAS DIRETRIZES CURRICULARES DA LEI 10639/03?.

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.Área de concentração: Educação, Universidade Estadual da Bahia – UNEB, pela seguinte banca examinadora:

_____

Profª. Dra. Ana Célia da Silva – Orientadora - UNEB

_____

Prof ª. Dra. Delcele Mascarelhas – Co - Orientadora - UNEB

_____

Prof ª. Dra. Narcimária Patrocínio Correia Luz - UNEB

_____

Profº. Dr. Elias Lins Guimarães - UESC

DEDICATÓRIA

Dedico a Mariana Santos Perin, aos meus amigos, parentes e esposo Hélcio Moreira Perin. Essa dissertação de mestrado, as crianças e jovens afro-descedentes, no sentido de elevar a auto-estima desses. Aos professores que ensinam na Educação Básica no sentido de reverter à discriminação e o racismo na sociedade brasileira, afirmando a identidade étnico cultura de homens e mulheres negras.

AGRADECIMENTO

Agradeço esta dissertação a Deus, a mãe Maria de Lourdes, as minhas irmãs e irmãos, ao meu amigo, companheiro e esposo Hélcio Perin. A minha amiga de infância Ana Claudia Néri Bastos que juntamente com Nívea Rosas me ajudaram na elaboração do projeto de iniciação científica. A minha professora de graduação Narcimária Luz, que me acolheu no Programa Descolonização e Educação durante a iniciação científica e no Mestrado, Tia Nilda Moreira. Aos meus colegas de iniciação científica Lea Autrelina, Terciana Vidal, Ana Rita de Cássia Barbosa. A minha orientadora de Mestrado Ana Celia da Silva e a minha co-orientadora Delcele Mascarenhas. Aos meus colegas de mestrado Lucio, Jussara, Alfredo. A Maria. Auxiliadora pela revisão ortográfica desta monografia e aos funcionários do Departamento de Educação campus I. Ao Ilê Aiyê pela riqueza do material produzido pelo seu projeto de Extensão pedagógica e a todos aqueles que construíram de forma direta e indireta para a realização desse sonho.

Nação Ilê

A semente foi semeada
No Barro preto Curuzu
Germinou nasceu Ilê Aiyê
Geminou nasceu Ilê Aiyê

Somos filhos da terra
Descendente desta nação
Amamentados pelo mesma mãe
Embaladas pela mesma mão

Não vou esquecer a lição que o Vovô ensinou
Diz que a força da semente africana
È de origem Bantu nagô

Vem do Barro Preto
Liberdade Curuzu
Fonte de sabedoria Ilê Axé Jitolu

Ilê Aiyê vamos gritas mais alto liberdade
Pela paz pela amor
E pela Igualdade

Lucinha Ouro Preto: In: cadernos VII de Educação do Ilê Aiyê Terra de Quilombo

RESUMO

Este trabalho é o produto da dissertação de mestrado denominado “Os Cadernos de Educação do Projeto Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê: Precursores das Diretrizes Curriculares Nacionais da lei 10.639/03?[1]”. Buscamos investigar se os Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê podem ser considerados os precursores das Diretrizes Curriculares Nacionais da lei 10639/03, analisando o histórico que funda a Associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê e consequentemente, os Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê. Foram identificados os seus temas mais relevantes para as Diretrizes Curriculares Nacionais da lei 10639/03, no intuito de apontar se os conteúdos dos Cadernos de Educação do Projeto de Extensão pedagógico do Ilê Aiyê podem trazer contribuição para essas Diretrizes. Essa pesquisa é de cunho qualitativo, na qual foi utilizada a técnica de análise de conteúdo e documental. Foram realizados o levantamento, bibliográfico, analise e interpretação dos conteúdos significativos dos cinco Cadernos do Ilê Aiyê. Os cadernos selecionados foram: o primeiro Caderno “Organizações de Resistência Negra” publicado no ano de 1995, que traz como dado relevante os quilombos, em especial Zumbi dos Palmares, a Frente Negra Brasileira, Filhos de Gandhi, Apaches do Tororó; O terceiro, “Zumbi 300 anos-Ilê Aiyê 21 anos” de 1996, como dado relevante tem a História de vida de Zumbi dos Palmares através do concurso artístico cultural promovido pelo PEP, Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê; o volume IV “As Forças das Raízes” publicado no mesmo ano que o anterior, aborda o Universo do Candomblé; O V, “Perolas Negras do Saber”, aponta varias celebridades negras na Religião, Política, Artes, Ciência, Educação e Esportes. O ultimo Caderno “Malês a Revolução”, em 2003, trata da influência da religião muçulmana, da revolução, seus participantes, o decorrer da revolução e o desfecho da mesma. Buscamos contribuir para o debate em torno da inclusão do Estudo da História da Cultura afro brasileira na Educação Básica. Os cadernos surgem no intuito de mostrar a História e a cultura africano - brasileira. Estes cadernos foram escolhidos devido à relevância dos seus temas que contribuem para a Cultura e História do povo africano e afro - brasileira. Enfim, podemos considerar que os cadernos são precursores das diretrizes curriculares nacionais por se tratar de um material singular que aborda a temática da civilização afro - brasileira, que já existia antes das diretrizes, embora não fosse o único. A partir deles muitos outros surgiram no intuito de contribuir para a temática da história e cultura afro - brasileira.

Palavras – Chave: Educação, Cultura e Currículo.

ABSTRACT

This work is the product of the called “the Notebooks of Education of the Project Pedagogical Extension of the Ilê Aiyê: Precursors of the National Curricular Lines of direction of law 10,639/03”. We search to investigate if the Notebooks of Education of the the Project Pedagogical Extension of the Ilê Aiyê can be considered the precursors of the National Curricular Lines of direction of law 10639/03, analyzing the description that establishes the Association Block Carnavalesco Ilê Aiyê and, the Project of Notebooks of Education of the Ilê Aiyê. Its more excellent subjects for the National Curricular Lines of direction of law 10639/03 had been identified, in intention to point if the contents of Notebooks of Education of the Ilê Aiyê can bring contribution for these Lines of direction. This research is of qualitative matrix, in which the technique of analysis of documentary content was used and. They had been carried through the survey, bibliographical it analyzes and interpretation of the significant contents of five Notebooks of the Ilê Aiyê. The selected notebooks had been: the first Notebook “Organizations of published Black Resistance” in the year of 1995, that it brings as given excellent the quilombos, in special I buzzed of the Palmares, the Brazilian Black Front, Children of Gandhi, Apaches of the Tororó; Third, “21 years” of 1996 Buzzed 300 years Ilê Aiyê, as given excellent it has the History of life of I buzzed of the Palmares through the cultural artistic competition promoted by the PEP, Project of Pedagogical Extension of the Ilê Aiyê; volume IV “the Forces of the Raízes” published in memso year that the previous one, approaches the Universe of the Candomblé; The V, “Perolas Black of Saber”, points varies black celebrities in the Religion, Politics, Arts, Science, Education and Sports. I finish it Notebook “Malês the Revolution”, in 2003, deals with the influence of the Muslim religion, of the revolution, its participants, elapsing of the revolution and the outcome of the same one. We search to contribute for the debate around the inclusion of the Study of the History of the Brazilian Culture afro in the Basic Education. The notebooks appear in intention to show to History and the culture afro - Brazilian. These notebooks had been chosen due to relevance of its subjects that contribute for the Culture and History of the African people and afro - Brazilian. At last, we can consider that the notebooks are precursory of the national curricular lines of direction for if dealing with a singular material that approaches thematic of the civilization afro - Brazilian, that already it existed before the lines of direction, even so was not the only one. From them many others had appeared in intention to contribute for thematic of history and the culture afro - Brazilian.

Key Words: Education. Culture end curriculum.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Miniatura da capa dos cadernos selecionados para pesquisa.....**40**

Expressão artística de J.Cunha sobre as entidades de afoxes e afros.....**44**

Expressão artística premiada no concurso do PEP, Zumbi.....**45**

Miniatura de algumas entidades do Candomblé.....**50**

Capa do Caderno de Educação do Ilê Aiyê, volume I.....**74**

Foto do Ilê Aiyê no carnaval de 2007 retirada no site do Bloco.....**85**

Capa do Caderno de Educação do Ilê Aiyê, volume III.....**86**

Capa do Caderno de Educação do Ilê Aiyê, volume IV.....**92**

Capa do Caderno de Educação do Ilê Aiyê, volume V.....**99**

Foto de Abdias do Nascimento.....**101**

Capa do Caderno de Educação do Ilê Aiyê, volume X.....**129**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **13**
1.1 Hipóteses
1.2 O objeto de investigação/questão central
1.3.Os Cadernos de Educação do Ilê Aiyê: Precursores da Lei 10639 ?
1.4 Objetivos gerais e específicos da pesquisa
1.5 Metodologica.
•Estrututa da Dissertação
1.6. Categorias centrais de analise
1.5.1. Cultura
1.5.2. Educação
1.5.3. Currículo

2. O SOLO DE ORIGEM DOS CADERNOS DE EUCAÇÃO DO ILÊ AIYÊ **26**

2.1 Arkhé do Ilê Aiyê

2.2 Mãe Hilda Jitolu

2.3 O grande quilombo da era moderna

3. CADERNOS DE EDUCAÇÃO DO ILÊ AIYÊ : Descrevendo conteúdos **40**

3.1 Caderno I "Organizações de Resistência Negra "
3.2 As irmandades religiosas
3.3 O candomblé
3.4 Os quilombos
3.5 Organizações políticos-associativas e recreativas
3.1.2 Alguns Blocos de afoxes e Blocos afros
3.1.3. Caderno III "Zumbi 300 anos - Ilê Aiyê -21 anos"
3.1.4 Caderno IV "A força das Raízes"
3.1.5 Caderno V "Perolas Negras do Saber"
3.2 Caderno X "A Revolução do Malês"
3.2.1. Alguns pontos das Diretrizes da lei 10639/03

4. CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA AOS CONTEÚDOS SIGNIFICATIVOS DOS CADERNOS DE EDUCAÇÃO DO PEP DO ILÊ AIYÊ 74

4.1Caderno I “Organizações de Resistência Negra

4.2 Caderno III “Zumbi 300 anos - Ilê Aiyê -21 anos”
- O concurso: Zumbi
- Quilombo: Zumbi

4.3 Caderno IV “A força das Raízes”
4.4 Caderno V “Perolas Negras do Saber”
4.5. Caderno X “A Revolução do Malês”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 137

6. REFERÊNCIAS 140

7. ANEXOS 153

Anexos

A escolha do objeto de investigação, os Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, se deu quatro anos antes da seleção do Mestrado em Educação e Contemporaneidade, no curso de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, a partir das inquietações do período da Iniciação Científica com o Programa Descolonização e Educação (PRODESE) do Departamento de Educação/Uneb-Campus I, em 1999. Durante esse período sugiram muitas questões em torno da problemática da Cultura, Educação e Currículo. No ano de 1998, ano anterior ao da Iniciação Científica, pude fazer um estágio extracurricular no Colégio Estadual Cleriston Andrade. Nesta oportunidade, ocorreu o primeiro contato com o sistema de educação pública de Salvador. Nessa escola, pude fazer estágio como docente no Projeto Aceleração I e II[1], uma espécie de projeto que visou diminuir a distorção série/idade, por meio de um currículo que contemplou conteúdos, habilidades e atitudes de duas séries, em apenas um ano letivo.

Ainda na Graduação em Pedagogia, no ano de 2000, fiz o estágio curricular supervisionado no primeiro grau na **Escola Mãe Hilda**, mantida pela Associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê, lecionando na 1ª. série do ensino fundamental. Nesse mesmo ano pude produzir os resultados do projeto da iniciação Científica em seminários, simpósios internacionais, congressos, encontros estaduais e regionais, além de ter a oportunidade de publicar artigos e resumos em revistas conceituadas tais como a revista da Faeeba: Brasil 500 anos, o Caderno de Resumos do III Colóquio de Professores de História da Educação, o Caderno de Pesquisa Vol 1, o Caderno de Resumo e Anais do II Encontro de História oral do Nordeste, a IV Jornada de Iniciação Científica da Uneb 2000, o CD Rom do 8 o. Simpósio Internacional de Iniciação da USP, o CD-ROM do I Colóquio Internacional de Políticas Curriculares.

Como estudante da área de Currículo e Pluralidade Cultural, também contactei com um cotidiano diferente da experiência anterior, nas turmas de aceleração. No estágio como docente na Escola Mãe Hilda, constatei que o respeito às diferenças e à afirmação da identidade negra eram possíveis de serem trabalhados, confirmando assim, os resultados do projeto de Iniciação Científica, intitulado "*Educação e Comunalidade: A experiência dos Cadernos pedagógicos do Ilê Aiyê*". Sendo assim, emergiram questões em torno da problemática do currículo. A partir das questões surgidas na

[1] Projeto mantido pelo Governo do Estado da Bahia, através do Programa Educar para Vencer. Dentre os objetivos do Projeto situava-se diminuir a distorção série idade dos alunos freqüentadores da rede pública de ensino.

Iniciação Científica comecei a amadurecer a idéia de um projeto maior, o do Mestrado. Eis por que desenvolvi essas idéias por meio de referenciais teóricos que pudessem possibilitar meu ingresso no Mestrado em Educação, pois teria um espaço de tempo maior para discutir e reconstruir novas discussões em torno das contribuições dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê.

Depois dessas experiências, levantei a hipótese de que os Cadernos poderiam ser considerados um dos precussores das diretrizes curriculares nacionais da lei 10639/03. Tendo em vista estudos, tais como os de Luz, A. M. (1992), Luz, N. C. P. (2001), Silva, J. C. (2005), da Silva, A. C. (2001), Silva T. T. (2003), Freitas(1983), Godi, A. (1999), Reis, J. J. (1996), Moreira e Silva (1995; 1999), Charlot(1979), Giroux (1997), Hall(2000), Coll(1987), Teles, M.(1996), Apple (1982; 1999) entre outros, a existência de uma política hegemônica que impõe através da sua cultura, educação e currículo, normas, parâmetros e leis, que não contemplam o continuum civilizatório que traga o legado cultural africano através das referencias de ancestralidade, Arkré para o currículo de crianças e afro – descendentes. Considero que os conteúdos dos Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê poderão contribuir para a superação da lacuna em torno da perspectiva de História e cultura afro-brasileiras.

A escolha dos Cadernos de educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê como objeto de pesquisa, se deu por estes serem temáticos, por abordarem a temática da civilização africano-brasileira, por tratar de temas pertinentes aos valores históricos culturais negros. Estes cadernos também se caracterizam por apontar conceitos, heranças e contribuições trazidas pelo povo africano. Os Cadernos, na realidade, são os resultados de pesquisas realizadas para eleger o tema do carnaval de cada ano do Ilê Aiyê. Assim, o objeto dessa investigação são os conteúdos dos Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê. Após a escolha de pesquisa selecionamos as categorias Cultura, Educação e Currículo e levantamos a seguinte questão: “Os Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê podem ser considerados precursores à Lei nº. 10639/03”? Por quê?

A lei 10639/03 data de 9 de janeiro de 2003, altera o texto original da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta novos dispositivos aos artigos 26 A e 79 B desta lei, pois ambos tratam da obrigatoriedade de inclusão da temática da história e cultura Afro-Brasileira no currículo da educação escolar. Esta mudança surge no intuito de resgatar a História e a cultura afro-brasileiras

excluída do currículo escolar em todos os níveis. Essa lei, mas em especial as diretrizes curriculares da lei 10639/03, tratam da influência da cultura africana na formação da sociedade brasileira e a luta dos negros no Brasil, além de buscar denunciar a existência de uma cultura preconceituosa, impermeável a aceitar o diferente e a conviver com o desigual. Segundo Carneiro (2004) os artigos modificados da lei foram o art. 26-A , § 1º. e § 2º e o artigo Art. 79- B. Estes artigos encontra-se na integra no anexo dessa dissertação.

No contexto dos anos 90 ocorre à criação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê A proposta é plural no sentido de que está sintonizada com uma educação que contemple os anseios das crianças e jovens afro descendentes.

Antes da existência do PEP o Ilê Aiyê registrava o tema do carnaval de cada ano em cadernos, mas sem nenhum Procedimento dIdático Pedagógico. Valia, como divulgação da temática apresentada no desfile carnavalesco; o que não deixava de denunciar a desigualdade, mas também comprovar a resistência e a consciência e a capacidade criativa desse GRUPO, incentivando a auto-estima das crianças e jovens que estudam nas escolas públicas do entorno do Bloco Carnavalesco IIê Aiyê. A proposta foi implementada através da capacitação de professores das escolas municipais e estaduais escolhidas, a exemplo do Duque de Caxias, Abrigo dos Filhos do Povo e Escola Tereza Conceição Menezes além de mantida pelo Ilê Aiyê, Escola Mãe Hilda.

No momento da elaboração dos Cadernos, o Ilê Aiyê dispõe de um grupo de colaboradores envolvidos diretamente nas temáticas focalizadas pelo bloco. Dentre os colaboradores, figuram artistas, educadores e antropólogos. As ilustrações do artista plástico J. Cunha oportunizaram a aferição de novas leituras visuais aos Cadernos.

O PEP (Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê) foi criado com o objetivo educacional de resgatar as raízes africanas e suas influências no Brasil, por meio da construção da identidade cultural negra entre crianças e adolescentes, contribuindo dessa forma para afirmação de uma cidadania negra com auto estima, reafirmando a herança ancestral que cultiva as raízes africanas. Os Cadernos têm o papel primordial de contribuir para uma re-significação da cultura negra, estabelecendo um olhar mais plural na construção da auto-estima dos afro-brasileiros. Os Cadernos passam a ser material didático a partir de 1995, quando é criado por Jonatas Conceição e demais componentes da Associação.

Para Jonatas Conceição da Silva (1999: entrevista) a proposta dos Cadernos é voltada para:

> Uma educação preocupada em contemplar os diversos segmentos étnicos de uma maneira que permita a formação de cidadãos e cidadãs com identidade cultural consciente do seu papel social. (informação verbal)

A proposta do Ilê é plural, está sintonizada com uma Educação pluricultural[2] num espaço-tempo de socialização e individualização, de cultura e de construção de identidades. Seu projeto pedagógico foi construído tendo em vista um espaço e tempo educativo-cultural em que participam crianças, adolescentes e adultos, onde se socializam e se formam. O Ilê Aiyê como movimento negro vem contribuir para a firmação da identidade negra, através da música, história e educação e,

> Traz novas questões e novas perspectivas pedagógicas resultantes da interação de projetos educativos desenvolvidos coerentes como à necessidade de emancipação de quem não é hegemônico no plano político. Construída historicamente com profundos vínculos com a cultura e a tradição ancestral, a vivência do Ilê promove processos pedagógicos onde o confronto com o outro diferente possibilita a elaboração da própria identidade do afro-brasileiro. (GUIMARÃES, E.L, 2006, p .6).

Nesse sentido Elias Lins Guimarães afirma que,

> O Ilê vai desenvolver e consolidar algumas teses sobre a necessidade da solidariedade do afro-descendente entre si, da valorização e preservação das religiões de origem africana, da afirmação de um padrão de beleza negra, da valorização e respeito à mulher negra, da construção da cidadania negra, do reforço ao auto-estima e, principalmente, do ensino da história das civilizações africanas através das suas atividades educativas, da sua linguagem musical e iconográfica. (GUIMARÃES,E.L., 2006, p. 6).

Após a escolha do objeto de pesquisa foram definidos os seguintes **objetivos**: que investigar se os Cadernos de Educação do Ilê podem ser um dos precursores das Diretrizes Curriculares Nacionais da lei 10639/03, analisando o histórico que funda a Associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê e consequentemente, o Projeto dos cadernos de Educação do Ilê Aiyê, identificando os seus temas mais relevantes para as Diretrizes Curriculares Nacionais da lei 10639/03 e por fim apontar os conteúdos dos Cadernos de

[2]O termo educação pluricultural neste estudo está sendo compreendido como uma prática que serve ao objetivo de compreender e atender a pluralidade interna da cultura e estimular hábitos mentais e atitudes de abertura para com outras culturas com vistas a uma escolarização que favoreça a igualdade de oportunidades e o reconhecimento das diferenças. Assim sendo, vincula-se à pretensão de uma educação para a democracia e a tolerância num mundo cada vez mais plural.

Educação do Ilê Aiyê que podem trazer contribuição para as Diretrizes Curriculares Nacionais da Lei 10639/03.

As entrevistas de Silva (04/01/2006), Josefina, M. (6/01/2006), Pinto (9/01/2006) e Petronilia (16/09/2006), comprovam que os cadernos de educação podem ser um dos precursores das diretrizes curriculares nacionais da lei 10639/03 encontram-se no anexo dessa dissertação.

Para o desenvolvimento da **metodologia,** utilizamos os pensamentos de diversos autores, tais como, Bogdan e Biklen (1994), Bardin (1974), André (1999). Minayo (2004) e Demo (1995)

Não podemos falar de pesquisa de analise qualitativa sem falarmos de pesquisa quantitativa, pois as duas andam juntas. "Analise qualitativa são os caminhos percorridos para desenvolver essa investigação. A abordagem escolhida foi à análise qualitativa, que é centrada no tratamento metodológico da dimensão qualitativa da realidade social". (DEMO.1995 apud SILVA A. C.,2001).

Como proposta metodológica, esta pesquisa se caracteriza por ser de cunho qualitativo. Segundo André (1999, p.16), "Pesquisas qualitativas e quantitativas estão intimamente relacionadas, sendo assim, as discussões hoje devem se centrar em questões tais como; critério de seleção e apresentação de dados qualitativos, métodos e procedimentos" .

Ainda sobre pesquisa qualitativa Minayo afirma.

> Não existe um 'continuum' entre 'quantitativo-qualitativo', em que o primeiro termo seria o lugar da 'instituição', da ' exploração' e do 'subjetivismo', é o segundo representaria o espaço do científico, por que traduzido 'objetivamente' em dados matemáticos.(MINAYO,1994, p. 22)

Então a diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sócias que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região "visível, ecológica, morfológica e concreta", a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.(MINAYO,1994, p. 22).

Para a coleta dos dados elegemos a análise de conteúdos, que é constituída por,

> Um conjunto de técnicas destinadas a ressaltar os conteúdos de diversas categorias de documentos escritos, certos elementos singulares de onde se inferem características psico-sociológicas do objeto analisado. Ela pretende enfocar tanto a expressão como a

> coisa, independentemente da espécie de textos considerados (isolados ou por conjuntos), desde que o analista suspeite que haja no conteúdo inferências úteis para o conhecimento dos homens que as produzem ou do homem em geral. (BARDIN,1974, p. 134).

Alem da análise conteúdo, também utilizamos a entrevista como instrumento para desenvolvimento desta pesquisa. Bogdan (1994) cita Morgan (1974), onde este diz que "a entrevista, se caracteriza por se tratar de uma conversa interacional". (BOGDAN, 1994, p. 134).

A **estrutura** da dissertação encontra-se assim organizada: no primeiro capítulo, apresentamos o objeto de investigação, os objetivos, a questão central, a metodologia e os conceitos centrais da pesquisa, que são: cultura, educação e currículo. Para isso dialogamos com alguns teóricos e com outros reafirmamos o pensamento que visa construir novas bases teóricas para as questões centrais dessa dissertação como Carneiro (2004), Geertz (1978), Silva. A. C (2001), Luz. N. C. P (1999), Coll. C. (1987), Oliveira (2003), Luz, A. M. (1992) Silva T. T. (2003), Hall, S. (2000),), Sodré (2000), Bhabha (1998), Giroux (1997), Teles M. (1996), Dayrell (1999), Moreira e Silva (1995; 1999), Charlot (1979).

Ainda nesse capítulo, fundamentamos os instrumentos aplicados através das noções de Lucdke e André (1987; 1999), Bogdan e Biklen (1994), França (2003), Santos (2004), Rúdio (1983) Demo (1995) Minayo (1994) e Bardin (1974). As idéias desses fundamentam as técnicas para o desenvolvimento desta dissertação.

No segundo capítulo apresentamos o solo de origem da Associação Bloco carnavalesco Ilê Aiyê, em especial dos Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica Ilê Aiyê. Tais como, Luz, N. C. P. (1999; 2001), Luz, M. A. (1992;1995), Freitas, D. (1983), Santana (2002), Godi, A. (1999), Reis J. J. (1983). Da Silva,J. C. da (1997; 2005), Sergio, R. (1980), Santomé(1998), Costa (1998), Siqueira, M. L.(1998) entre outros.

No terceiro capitulo descrevemos os Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica Ilê Aiyê selecionados para essa pesquisa, Caderno I "Organizações Negras Brasileiras". Caderno III "Zumbi 300 anos - Ilê Aiyê 21 anos", Caderno IV do Ilê Aiyê "A força das Raízes", caderno V."Perolas Negras do saber" e, caderno X "A Revolução malês" e por fim, alguns tópicos das Diretrizes Curriculares Nacionais da lei 10639/03.

No quarto capítulo, na interpretação de dados, trabalhamos com autores que nos fundamentassem em relação a organizações negras, aos blocos afros e afoxés, as entidades do candomblé, as Pérolas Negras do Saber, a Revolução Malê. Também trabalhamos com sites. Os autores que procuramos dialogar foram: Quintão(2002), Braga,J. (1987; 1992), Luz, M. A. (1995), Sodré, M. (2000), Freitas, D. (1983), Leite (1992), Moura, M. (1987), Godi (1991), Siqueira (1995), Freitas, J. (1996), Perin, R. R. S. (1999; 2000), Guimarães (2002), Silva, J. C. (2005), González (1995), Fernandes, F. (1978), Nascimento, A. (2002), Calmon, P. (1915), Dias (1973), Spitzer (2001), Mãe Hilda (2006), Reis, J.J. (2003; 2006), Bacelar, J.. (20060, Mauá, I. (2002), CEAO (2003), Lody (2003), Pires (2002), Lopes, N. (1988), Amado (1995) e Rodrigues, N.(2004).

O quinto capítulo, são as considerações finais, seguido as referências bibliográficas, os anexos. Após elegermos os três **conceitos centrais** - cultura, educação e currículo - buscamos fundamentá-los à luz da teoria.

Para tratar da primeira categoria de análise, **Cultura,** Geertz (1978) cita Clyde Kluckhohn, que define cultura como:

> (1) o modo de vida global de um povo", (2) "o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo", (3) "uma forma de pensar, sentir e acreditar", (4) "uma abstração do pensamento", (5)" Um teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente", (6) "Um celeiro de aprendizagem em comum", (7) "Um conjunto de orientações padronizadas para os problemas correntes", (8)" o comportamento aprendizado", (9)' um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento", (10)" um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens", (11) "um precipitado da história. (GEERTZ ,1978, p. 14).

Geertz (1978, p.15) acreditando, como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias. "A analise de Geertz sobre cultura não é como se esta fosse uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa em busca de significado".

A cultura, herança coletiva da sociedade, é o conjunto de objetos materiais que permitem ao grupo assegurar a sua vida cotidiana, de instituições que coordenam as atividades dos membros do grupo, de representações coletivas que constituem uma

concepção do mundo, uma moral, uma arte. (MUNANGA, 1986 apud SILVA. A.C., 2001).

A questão da cultura é bastante complexa, pois envolve vários aspectos da vida humana, para isso, Coll (1987) traz uma definição mais próxima da antropologia social:

> Tomando como referencia COLL e WAKAI (1984, p. 6-7), que engloba múltiplos aspectos: conceitos, explicações, raciocínios, linguagem, ideologia, costumes, valores, crenças, sentimentos, interesses, atitudes, pontualidade, pautas de comportamento, tipos de organização familiar, profissional, econômica, social, tecnológica, tipos de habitat etc. No decorrer da sua história, os grupos sociais encontraram numerosas dificuldades e geraram respostas aditivas para poder superá-las, a experiência assim acumulada configura sua cultura.(COLL. C. 1987, p. 41).

Oliveira (2003) define cultura como o conceito que está intimamente ligado ao de história, em que um conceito não reduz o outro, mas ambos se relacionam intrinsecamente. Citando SAHLINS (1990, p.7), OLIVEIRA (2003) trabalha com o duplo vetor entre história e cultura, por acreditar que a história é ordenada culturalmente e os esquemas são ordenados historicamente. Desta forma ao considerarem o duplo vetor entre cultura e história, estão afirmando que as ações criativas são os pontos de partida para entender como a cultura é historicamente reproduzida na ação e como a cultura é alterada historicamente.(OLIVEIRA, D. E., 2003, p. 78).

Pensando assim, para Oliveira (2003, p. 79), **"**A cultura é, com efeito, o manto que cobre as ações humanas. Nesse sentido o real é o conjunto de signos, significados e ressignificados pela sociedade que o produz. Sendo semiótica, a cultura não é essencial. Ou seja, ela é contingencial e dinâmica e não estática e formal. (...)**"**.

Outro aspecto da cultura também é trabalhado por Bourdieu e Passeron. Para estes existe uma dinâmica, a da reprodução social que se encontra relacionada à da reprodução cultural. Nesse sentido:

> A dinâmica de reprodução social está centrada no processo de reprodução cultural. È através da reprodução cultural dominante que a reprodução mais ampla da sociedade fica garantida. A cultura que tem prestígio e valor social é justamente a das classes dominantes: seus valores, seus gostos, seus costumes, seus hábitos, seus modos de se comportar, de agir. Na medida em que essa cultura tem valor em termos sociais; na medida em que ela faz com que a pessoa que a possui obtenha vantagens materiais e simbólicas, ela se constitui como capital cultural. Esse capital cultural existe em diversos estados. Ela pode se

> manifestar em estado objetivado: as obras de arte, as obras literárias, as obras teatrais etc. (SILVA. T. T, 2003, p. 34).

Identificamos que não existe uma cultura, mas várias culturas que se relacionam entre si. Hall (2000) cita Bhabha (1990) na tentativa de apontar que não existe um único tipo de cultura, mas várias culturas, dentre elas a cultura nacional na citação abaixo:

> A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernácula, tornando esta um meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultural nacional, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. Dessa e de outras formas, a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade. Não obstante, há outros aspectos de uma cultura nacional que a empurram numa direção diferente, trazendo á tona o que Homi Bhabha chama de "a ambivalência particular que assombra a idéia da nação. (BHABHA, 1990, p. 1)

Giroux (1997) em sua obra "Os professores como intelectuais" utiliza uma citação de Freire sobre a definição de cultura:

> A cultura é a representação de experiências vividas, artefatos materiais e práticas forjadas dentro de relações desiguais e dialéticas que diferentes grupos estabelecem em uma determinada sociedade em um momento histórico particular. A cultura é uma forma de produção cujos processos estão intimamente ligados com a estruturação de diferentes formações sociais, particulares aquelas relacionadas com gênero, raça e classe. Também é uma forma de produção que ajuda os agentes humanos, através de uso de linguagem e outros recursos materiais, a transformar a sociedade. (GIROUX, 1997, p. 153).

No caso da citação acima é observado que a cultura está bastante ligada à dinâmica de poder e produz assimetrias nas capacidades dos indivíduos e grupos que definem e realizam suas metas.

A **Educação** é a segunda categoria de que tratamos neste trabalho. Educação, segundo Coll (1987) "é o conjunto de atividades mediante as quais um grupo assegura que seus membros adquiram a experiência social historicamente acumulada e culturalmente organizada" (Coll, 1987, p. 41). Para Teles (1996, p. 13) em sua obra "Educação a Revolução Necessária , afirma que," a Educação é a integração do novo membro, a introjeção de toda a riqueza cultural de seu povo, em termos de língua, costumes, religião etc".

É importante definir ou tratar da noção de escola, pois não é possível, pelo menos em termos formais discutir o conceito de educação sem discutir o conceito de escola. Embora saibamos que a educação não ocorra apenas neste espaço. Ela também ocorre nas ruas, nas oficinas, nos terreiros de candomblés, nas entidades carnavalescas, quer dizer em diversos lugares. Mas a escola, local onde ocorre a educação formal é analisada como espaço-cultural, segundo Dayrell (1999):

> Significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homem e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras negras, brancos, adultos e adolescentes, enfim alunos e professores seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio – cultural implica assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que constitui, enquanto instituição. (DAYRELL, 1999, p. 136).

Para Giroux (1997, p. 147) “A educação é aquele terreno no qual o poder e a política têm expressão fundamental, no qual a produção de significado, desejo, linguagem e valores inclui e responde às crenças mais profundas acerca do que significa ser humano, sonhar, e identificar e lutar por um futuro particular e forma de vida social”.

Sobre a ótica de Moreira e Silva (1999, p.21) “desde o início da teorização critica sobre Educação um importante aspecto que influencia a Educação é a ideologia, por isso este tem sido um dos conceitos centrais que orienta a análise da escolarização, em geral e do currículo”. Para os autores Moreira F. e Silva T.(1999):

> O ensaio de Louis Alhusser de 1983 foi o divisor de águas que “romperia” com a noção liberal e tradicional da Educação como desinteressadamente envolvida com a transmissão de conhecimento e lançava as bases para toda a teorização que se seguiria. (MOREIRA F. ; SILVA T., 1999, p. 21).

Segundo a lógica de Moreira e Silva, Althusser argumentava que a Educação construiria um dos principais dispositivos através do qual a classe dominante transmitiria suas idéias sobre o mundo social, garantindo assim, a reprodução da estrutura social existente. Essas idéias seriam diferencialmente transmitidas na escola para as crianças das diferentes classes; seriam educadas segundo uma visão de mundo apropriada, tanto aos que estavam destinados a dominar, quanto aos que se destinavam à posição social subordinada.

A escola segundo Silva, T. T. (2003, p.33): Constitui-se num aparelho ideológico central porque, afirma Althusser, atinge praticamente toda a população por um período prolongado de tempo. Sendo assim, para Charlot (1979):

> Á Educação transmite, portanto, às crianças modelos sociais de comportamentos. Mas todas as crianças não adquirem os mesmos modelos, pois nem todas são educadas no mesmo meio social. A sociedade não é um todo homogêneo vinculando modelos de comportamento que fazem à unanimidade de seus membros. A sociedade compreende grupos diferentes, perseguindo suas próprias finalidades, tendo uma organização interna específica, e elaborando modelos particulares de comportamentos de grupos religiosos, culturais, sindicais, esportivos, políticos etc. O contato da criança com esses modelos varia em função de sua inserção familiar. Mas sobretudo, a sociedade é dividida em classes sociais não socialmente diferente da vida, do trabalho, das relações humanas.etc., e traduzem essas concepções em seus ideais. (CHARLOT, 1979, p. 14).

Bernard Chalort, Althusser, Giroux, Apple e outros que tratam do conceito de Educação relacionado à classe social frisam e reforçam que na Educação temos um poderoso instrumento, o currículo. Por falar em **currículo**, buscaremos defini-los a partir deste momento com base na teoria.

Para Moreira F. e Silva T.(1995):

> O currículo pode ser considerado o primo pobre da teorização educacional. O currículo é entendido como o conjunto de todas as experiências de conhecimento proporcionadas aos/ às estudantes estão no centro mesmo da atividade educacional...". "Afinal a escola não está apenas histórica e socialmente montada para organizar as experiências do conhecimento de crianças e jovens como objetivo de produzir uma determinada identidade individual e social". O currículo constitui o núcleo do processo institucionalizado da educação.(MOREIRA F. ; SILVA T.,1995, p. 184).

Nesta perspectiva, Apple (1999), traz a idéia de currículo nacional:

> O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado de seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. È produto das tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo.(APPLE, 1999, p. 59).

Ainda buscando trazer a noção de currículo, Apple (1999) levanta uma questão em torno do currículo, que nos faz refletir profundamente sobre os fatores que estão em torno do mesmo, sejam eles históricos, culturais, religiosos, que valida este ou aquele conhecimento. Então:

> Que tipo de conhecimento vale mais?". Para ele, responder a esta questão não é fácil, por que existem conflitos acerca do que deve ser ensinado, já que não se trata apenas de uma questão educacional, mas de uma questão intrinsecamente ideológica e política. "Quer reconheçamos ou não, o currículo e as questões educacionais mais genéricas sempre estiveram atrelados à história dos conflitos de classe, raça, sexo e religião, tanto nos Estados Unidos quanto em outros países. (APPLE, 1999, p.39).

Além da questão acima, Apple (1982, p.17) levanta novamente mais questões a cerca do conhecimento que é legitimamente aceito pela sociedade. *Então, partindo do principio da tradição seletiva, ele pergunta: A quem pertence o conhecimento? Quem o selecionou? Por que é organizado e transmitido dessa forma? E para que grupo determinado*?.

O currículo segundo Apple (1982) reproduz a ideologia cultural e econômica dominante através do:

> Princípio geral da realidade por não explicar por que razões determinados significados sociais e culturais, e não outros, são distribuídos através das escolas; nem explica tampouco como o controle do conhecimento que preserva e produz instituições pode estar ligado à dominação ideológica de grupos poderosos numa coletividade social. (APPLE, 1982, p. 43/45)

Para Apple existem vários tipos de currículo. Ele pontua aqui em especial o currículo nacional e a sua importância:

> O currículo nacional é importante, pois promove a estrutura que permitirá o funcionamento do sistema nacional e avaliação. Este currículo possibilita a criação de um procedimento que pode supostamente dar aos consumidores escolas com "selos de qualidade" para que as "forças de livre mercado" possam operar (...).(...), O currículo nacional e, sobretudo o sistema de avaliação nacional atuarão, em essência, como uma "comissão de vigilância do Estado" para controlar os "excessos" do mercado. (APPLE, 1999, p. 74).

Santomé (1998, p.131) traz uma importante informação de que existem vozes ausentes na seleção da cultura escolar, pois as instituições escolares e as propostas curriculares utilizam-se de forma abusiva das denominadas culturas hegemônicas.

Para o autor:

> As culturas ou as vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados, que não dispõem de estruturas importantes de poder, costumam; ser silenciadas, ou mesmo estereotipadas e deformadas para anular suas possibilidades de reação. (SANTOMÉ, 1998, p. 131).

A problemática do currículo aqui estabelecida não é só em torno do conjunto de: conteúdos, disciplinas, métodos, experiências, objetivos, etc. que compõe a atividade escola. Segundo Costa (1998):

> O currículo e seus componentes constituem um conjunto de saberes, regidos por uma determinada ordem, estabelecida em uma arena em que estão em luta visões de mundo e onde se produzem, elegem e transmitem representações, narrativas, significados sobre as coisas e seres do mundo. (COSTA, 1998, p. 41).

2 O SOLO DE ORIGEM DOS CADERNOS DE EUCAÇÃO DO ILÊ AIYÊ

Neste capítulo busca-se resgatar um pouco do solo de origem da história que funda a Associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê, em especial o Projeto de extensão pedagógica com o s seus cadernos de educação, falaremos sobre o histórico do bairro da Liberdade.

O nome Liberdade tem sua origem nas lutas de independência da Bahia. Em 2 de Julho de 1823, o exercito nacional entrou em Salvador para combater as tropas do general Madeira de Melo, lutando pela independência do Brasil. Ainda sobre o contexto histórico, a Liberdade foi sede de alguns quilombos nos tempos que precederam à Abolição da escravatura. Com a Lei Áurea, esses núcleos de resistência acabaram dando origem à população de negros que temos hoje em dia. As tropas que venceram a luta contra os portugueses passaram pelo bairro levando junto voluntários. A rua principal do bairro, a Lima e Silva, também já foi chamada de Estrada das Boiadas. Esta denominação foi lhe dada porque servia de passagem para o gado que era levado das fazendas para os abatedouros no Retiro.

A história do bairro da Liberdade se confunde com a formação da cidade de Salvador. Foi pela Estrada das Boiadas que os baianos do Recôncavo alcançaram Salvador para lutar contra as tropas portuguesas durante a conquista de independência nacional. Há séculos vários quilombos compunham a paisagem daquele que viria a ser considerado o maior reduto da cultura negra da cidade. Hoje, o bairro é marcado pela multiplicidade de expressões culturais de matriz africana e pela imagem de espaço valorativo de negritude **(**Proj. Coração da cidade, 2005: 01).

> A Liberdade é um bairro único em Salvador. O bairro tem diversas características dentre elas a de concentrar a maior população negra da cidade, que sobressai entre os seus cerca de 300 mil habitantes. Depois, por sua assumida diversidade cultural, comportando diferentes tribos, tendências, estilos, comportamentos, movimentos. Uma pluralidade que se estende do carnaval às religiosida, concentrando tradições de grande valor cultural.
> (LICEU DE ARTES E OFÍCIOS-PROJ. CORAÇÃO DA CIDADE, 2005, p. 04).

Em constante ebulição este bairro cresce, consolidando a sua independência comercial. É um bairro com vida própria, com a tendência de expressar com orgulho as

raízes da cultura afro-descendente, cujos sinais são vistos em toda a parte, nas roupas, nos cabelos trançados, na paixão pela música de percussão, na devoção aos orixás e por amor à mãe África.

> O Bairro tem marcas do passado e presente, a Liberdade do candomblé de D. Arcanjo na Meireles, dos cines São Jorge (Antigo Liberdade) e cine Brasil, da capoeira de Mestre Valdemar no Corta Braço, dos Afoxés de Zé do Gude na Meireles e de seu Caboclo na Av. Peixe, das padarias da Vitória e São José, da escola Dória de datilografia, das sorveterias Irajá e Ventura, do baile de Zacarias na Boa fé, de D. Marta- a vendedora de pamonha de milho, sentada em frente ao Colégio Duque de Caxias e da vendedora de Beiju molhado na escadinha, das flores do Japão, do médicos de família Dr. Jorge e D. Alberto Leal, do Foto Ideal, de Valzinho Alfaiate, das agremiações carnavalescas Muzenza., Os Estudantes, Deixa Disso, Desajustados, Barrabas, Magnatas, Bafo-de-Onça, Filhos da Liberdade, Netos de Ghandy...E entre tantas outras expressões, a Liberdade do IIê Aiyê. (XAVIER, DARCI. 2005, p.03).

O bairro também já recebeu ícones ilustres como Nelson Mandela, famoso líder sul-africano, que lutou contra o apartheid na África do Sul. Em homenagem a sua visita foi erguido um monumento, o busto de bronze, localizado na Av. Lima e Silva, ao lado do Plano Inclinado, como reconhecimento a luta de Mandela contra a discriminação racial e a favor da paz. Em agosto de 1991.

Outro importante registro é a existência da única igreja de Salvador dedicada a S. Cosme e S. Damião. É uma das cinco do Brasil. Esta igreja é a mais importante igreja católica do bairro, localizada na Av. Lima e Silva. No dia 27 de Setembro é comemorado o dia dos gêmeos. Os Santos gêmeos são considerados os padroeiros da Liberdade.

Buscamos definir o bairro da Liberdade e para definir o PEP é necessário à definição das bases que fundam o Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê e consequentemente o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê. Sendo assim, é importante traze a noção do vem a ser arkré.

> Arkré é uma palavra de origem grega que se refere tanto á origem como ao devir, futuro, princípios inaugurais que estabelece sentido, força e dão pulsão às formas de linguagem estruturadoras da identidade: princípios-começo-origem: princípio recriador de toda experiência: gênese. (LUZ, N.C. P., 1999, p. 49).

Mas é importante falar que Arkhé, não se registre a um princípio inaugural histórico-social e cultural, “mas engloba a energia mística, constituinte da ancestralidade e das forças cósmicas que regem o universo na interação dinâmica de restituição de axé do Aiyé e do Orum e vice-versa, ao contrario”. (LUZ, M. A. 1995, p. 560/561).

Buscaremos aqui falar da importância de Mãe Hilda Jitolú, a matriarca, que pela da sua força ancestral e da religião tradicional africana, o candomblé, representa a arkhé civilizatória do Ilê Aiyê através do terreiro Ilê axé Jitolu.

2.2. MÃE HILDA DE JITOLU

J. Cunha (sem identificação de data)

Mãe Hilda Dias dos Santos nasceu em 06 de janeiro de 1923 e teve cinco filhos. O primeiro deles, Antonio Carlos dos Santos Vovô, presidente fundador do Ilê Aiyê. O Nome Jitolù foi dado em 24 de Dezembro de 1942, na época da sua iniciação feita por Cassiano Manuel Lima, falecido em 14 de dezembro de 1944, dois anos depois de ter feito as obrigações religiosas da sua filha Jitolu. Mãe Tança (A Iyalorixa Constancia da Rocha Pires) do Terreiro Gege Salvalu CACUNDA DE IAIÁ, continuou os trabalhos das obrigações de Jitolu.

Da porteira para dentro, da porteira para fora é uma frase que caracteriza os limites da comunidade terreiro, que procura estabelecer as relações de ethos negro-africano do egbé com a sociedade oficial europocentrica.

> As comunidade-terreiro, egbé, se constituem em bem organizadas instituições compostas de um espaço sócio-religioso e arquitetônico próprio e caracterizado por uma população flutuante de seus membros que ali comparecem conforme determinada temporalidade litúrgica. (LUZ. A. M. 1992, p. 65).

Então a “Porteira” funciona como uma metáfora de limites, posto que a referencia geográfica não traduz o alcance real dos processos de desdobramentos espaço-temporais do egbé que atua e se desdobra de diversas formas na formação social brasileira como um todo. Desta forma Egbé concentra o saber e poder religioso renascido.(LUZ A. M. 1992.p, 66).

Em depoimento Mãe Hilda Jitolu fala da porteira para dentro:

> Entrei no Candomblé porque minha família toda já era do Candomblé. Aí a minha mãe, tinha assim um medo, um receio ante a responsabilidade com a religião, mas eu era uma pessoa muito doentia e precisava fazer `Santo`, por que eu era assim por causa do santo que era ´pra ser feito e cuidado´.(...) Chegou um determinado tempo, diante da gravidade da doença, eu tive que recorrer aos orixás e aí fiz o santo na casa de um Senhor que se chamava Cassiano. Ele se interessou pelo meu caso, procurou fazer o tratamento e providenciar o que precisava para a feitura do Santo(...). (Informação verbal, p. 9)

Mãe Hilda fala da sua ancestralidade no (depoimento 5, p.13 da sua biografia Mãe Hilda a História da minha vida)

> **O pai Obaluaê,** meu pai, é um santo. È um Vodum vivo. Ele é um santo, agora o pessoal não está mais levando em consideração, mas no tempo antigo, quando se falava em Obaluaê, se colocava a cabeça no chão, se colocava a mão no chão, porque ele é um santo vivo, o santo da fé, quando se falava nele abalava a terra. Obaluaê é o santo da terra, ele é tão respeitado que vive com o rosto coberto, pra não se ver o rosto dele como é ele não mostrava o rosto a ninguém. Era um santo que não se podia falar toda hora no nome dele, era um santo que vivia coberto pra não se olhar o rosto dele, ele é médico, ele cura e já curou muita gente. No tempo que ele governava, teve a marca que ele deixou na terra. A roupa dele era linhagem e chitão, não tinha moda. Todo cheio de Xaôrô búzios, onde ele passava todo mundo sabia que ele ia passando, ele era o rei. Ele era pobre, muito respeitado, mas ele era um rei, tanto como Xangô é rei. Ele era um rei do Daomé.(MÃE HILDA, p. 13).

Mãe Tança, a Mãe de Santo de Mãe Hilda. Mãe Hilda foi tratada por Mãe Tança quando o pai de santo dela faleceu. Jitolu foi bem acolhida “tudo que não consegui com o meu pai de santo, devido ao tempo, foi ela quem me deu” (p. 13). Na festa de Páscoa na casa de Mãe Tança, se usava dar comida a Obaluaê e 06 de janeiro era a comida de Xangô. Depois entrava a festa de Oxalá. “Mas a função mesmo de lá era Sábado de Páscoa,

a gente ia e ficava duas semanas, né? Por que era sábado de Aleluia, até o domingo seguinte, e conforme quando botava Iaô era o mês todo" (p. 13)

A festa Santa de Mãe Tança: a festa de Nanâ. Mãe Tança comemora também a festa de Nanã. A festa de Nanã era comemorada no mês de Maio e pessoas de vários lugares iam para lá e para chegar lá era necessário transporte como caminhão, ônibus, pois o lugar era muito longe. Para chegar do terreiro tinha uma estrada que passava pela San Martin bairro localizado na cidade de Salvador/Ba. A casa e o Barracão se localizava na Sussuarana, bairro de Salvador.

Após Mãe Hilda ter feito suas obrigações, começou a seguir a sua estrada, seu axé. Mãe Hilda fez as obrigações de 3 anos, 7 anos, 14 anos, de 21 anos e 25 anos, as obrigações foram feitas na sua própria casa, pois segundo Mãe Hilda o seu orixá não queria sair dali. Mãe Hilda teve que lutar para realizar as obrigações, vender comida em fábrica para juntar dinheiro para fazer o Terreiro, fazer a casa. Assim nasceu o Ilê Axé jitolú, o solo de origem do Ilê Aiyê.

No dia 6 de Agosto de 1952, nasceu o Terreiro Ilê Axé Jitolú, "foi levantado um barracão de palha, coberto de palha todo. Era assim quando inaugurou. Foi quando mostramos um renascimento, por que foi assim a primeira festa no barracão, com os fundamentos todos, abrindo as portas" (p.10). Para Mãe Hilda aí se considera o nascimento. O nascimento do terreiro.

Segundo Mãe Hilda, logo após o nascimento do Terreiro, foi comemorada a festa de Obaluaê no dia 16 de agosto. No mês de setembro seguiu com a festa do Caboclo Tupyassu. Mãe Hilda conta a História do Caboclo

> A história é a seguinte; meu santo é Gegê, e na terra o Gegê, a gente tem que louvar é o caboclo. Diante daqui ser Brasil, e os caboclos é que mandam, por que o Brasil é terra do caboclo. Então, mesmo que ele seja Gegê no paiquiri, mas ele veio pra terra dele. O caboclo chegou, invadiu e exigiu e a gente tem de aceitar, abrir as portas pra ver, por que ele tem força realmente. Abrir as portas pra ele e louvar esse dia 7 de setembro, todo mundo com muita influência, com muita dedicação, todos da casa, com caboclo. (AIYÊ, ILÊ. depoimento 3 de Mãe Hilda de Jitolu, p. 11).

Outra festa importante para Hilda é a festa de Oxalá. Essa foi realizada no dia da obrigação de 14 anos do Ogã Antonio Carlos dos Santos Vovô. A festa de Oxalá é realizada em janeiro "A festa de janeiro é festa de Oxalá. È a Água de Oxalá, começa com

água de Oxalá, Oxalufá e Oxaguiã e que são dessas águas. E depois é a comida é a obrigação. È festa muito animada, que tem muito significado. Essa festa tem que ser realizada, por que é uma proteção que a gente segura".(Depoimento 3 de Mãe Hilda de Jitolu, p. 12).

Ainda sobre a sua ancestralidade Mãe Hilda foi convidada em 1980 para ir fazer as obrigações de Zumbi. Segundo Mãe Hilda:

> De 1981 em diante fui porque o homem era de Santo, Zumbi era um filho de Ogum. Bom os homens que vieram me convidar foram o Deputado Abdias do Nascimento, Olímpio e Ordep Serra. Lá eu encontrei um sacerdote que se chamava "Dom Pelé", Dom José Maria Pires e um Pastor Protestante, Jairo Santana. A chegada foi difícil, porque para chegar ao topo da Serra da Barriga eu tive que montar num burrego pra me levar até a Serra, mas fui com muito prazer, debaixo daquelas palmeiras, levei o que eu tinha eu levar pra Babá Zumbi dos Palmares. Isso se estendeu até 1986. Daí em diante por doença não tive mais condição de ir. (Informação verbal)

Nos trezentos anos Mãe Hilda foi novamente à Serra da Barriga. Ela voltou pra lá e levou o que podia levar, levou a sua presença e o que ele tinha direito, dado por ela. Uma outra festa, que Mãe Hilda comemora é a festa da Mãe Preta. Para Hilda

> Escolheram-me para ser a mãe preta do Ilê Aiyê. A música é de autoria de Apolônio e Jailson. Mãe são todas as mulheres, não é uma só. Mãe são todas as mulheres, principalmente as mulheres negras, muitas delas foram mães dos filhos dos brancos, porque era o leite delas que amamentava o filho dos brancos, é o sangue que é misturado, que eles não levam ao conhecimento e não respeitam. Foi um sangue tão abençoado que engrandeceu o mundo, porque toda família branca tinha uma negra dentro de casa para amamentar os filhos.(ILÊ AIYÊ-MÃE HILDA, p. 19).

Ainda falando em Mãe Hilda Jitolu é importante situa-la como uma "Pérola Negra do Saber". Por Mãe Hilda ser condecorada com a Medalha Dois de Julho, pela Prefeitura Municipal de Salvador através do Decreto 3390 de 02 de julho de 1968, nos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares. Concede a medalha Dois de Julho em ouro a Iyalorixá Mãe Hilda Dias dos Santos, Mãe Hilda Jitolu do Ilê Axé Jitolu. Decreto 11186 de 20 de novembro de 1995. No ano de 2001 o prefeito Antonio Imbassay entrega as chaves da cidade a Mãe Hilda para reinar durante os dias do carnaval de Salvador. Além disso, Mãe Hilda é indicada para compor o grupo das mulheres que concorrem ao Prêmio Nobel da Paz, para representar todas e todos povo negro de Salvador Bahia.

Isto faz representar o reconhecimento de uma mulher que, com a sua luta cotidiana, mantém e expande os valores civilizatórios africanos, através do culto aos inkices, voduns e orixás, contribuindo para a afirmação da identidade e construção/reconstrução da auto-estima das crianças, jovens e adultos negros, numa sociedade que necessita urgentemente construir meios de conhecer, reconhecer, respeitar e interagir com as diferenças e diversidades étnico-raciais e culturais prevalentes no nosso país.

2.3 O Grande Quilombo da era Moderna pode ser interpretado e compreendido na citação abaixo, onde a concepção de Quilombo está ligada à figura da rainha Nzinga,

> A rainha Nzinga ou Rainha invisível, como destacam os relatórios portugueses. Nzinga é um marco de força e resistência para os descendentes nas Américas e especialmente no Brasil. As incursões portuguesas em Angola, no fim do século XVI e início do XVII, sofreram derrotas significativas em face das estratégias de guerrilhas organizadas por Nzinga, a Mãe Preta. (LUZ, N. P. C. 2001, p. 25).

Então o Ilê Aiyê é também um Quilombo, desde a década de setenta do século XX, á política de discriminação racial, sofrida pelos negros baianos. Sua luta se estende até hoje, no sentido de resgatar o respeito, a dignidade, a auto estima do povo negro por maio da história e da arte nas suas várias linguagens.

> O quilombo foi introduzido em Angolas pelas hordas dos imbangalas, que os portugueses fizeram *Jagas.* A origen deste povo é um enigma histórico ainda não cabalmente elucidado. O termo quilombo designa tanto o território dominado por um potentado como à povoação em que ele vivia.(FREITAS, D. 1983. p, 59-60)

Após o nascimento do Ilê Axé Jitolu, nasce a Associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê, o grande quilombo da era moderna, considerada a primeira instituição brasileira a mostrar a cultura negra que nasce de um terreiro, o Ilê Axé Jitolu.

> O Ilê Aiyê surgiu no final da década de 70, ainda com o ecoar das lutas dos negros norte americanos por Direitos Humanos, o movimento “Black Power” e sua repercussão na música e na estética, ao aumento do número dos terreiros de Candomblé em Salvador, o surgimento do Tropicalismo, o Bloco Apaches do Tororó (tomando como referencia os índios americanos), nasce, em 1974, o Bloco Ilê Aiyê. Em suas canções, desde então, evidenciando-se o desejo de expressar a questão étinica no processo de afirmação de uma identidade cultural, de origem africana, reconstruída”. (SANTANA, 2002, p. 147).

A semente que Mãe Hilda plantou pode ser definida na música ***Nação Ilê*** de ***Lucinha Ouro Preto.*** Música retirada da página 8 do caderno VIII ”Terra de Quilombo” do projeto de extensão pedagógica do Ilê Aiyê. Ver musica completa no anexo dessa dissertação.

A semente foi semeada
No Barro preto Curuzu
Germinou nasceu Ilê Aiyê
Germinou nasceu Ilê Aiyê

Somos filhos da terra
Descendestes desta nação
Amamentados pela mesma mãe
Embalados pela mão

Sobre o Ilê Aiyê Mãe Hilda fala, que

> O Ilê tem uma força, e eu creio que essa força foi trazida pela força do orixá, porque quando eu comecei a ter filhos eu já tinha minhas obrigações na minha cabeça, já tinha minhas obrigações no meu corpo, daí foi quando eu comecei a ter filho, então o meu filho já nasceu dentro do axé. Então ele trouxe a sua missão, porque cada qual traz a sua missão de alma, de servir ao próximo, á comunidade, cada qual já traz uma missão”. (ILÊ AIYÊ-MÃE HILDA, p. 14).

O Ilê Aiyê significa Mundo Negro. A Associação foi fundada em 1 de Novembro de 1974 por um grupo de jovens do Curuzu Liberdade, bairro da cidade de Salvador, estado da Bahia.

> Nesse contexto de 1974, um grupo de jovens que convivia no bairro da Liberdade e adjacências forma a Zorra Produções, onde organizavam passeios, campeonato de futebol e festas. Esse grupo, nascido num terreiro de Candomblé, se transformou no hoje conhecido Ilê AIyê. Na simbologia do grupo o nome é compreendido como nossa casa, casa de negros, incorporado no imaginário do bloco como Mundo Negro-Senzala do Barro Preto. (FREITAS, J. M.,1996. p, 30)

> O bloco foi formado por um grupo de jovens negros que organizava festas, passeios e outras atividades recreativas-culturais, a princípio denominavam festas, passeios e outras atividade recreativas-culturais, a princípio denominado grupo “A Zorra” e depois Ilê Aiyê”, casa de negro, como já foi dito acima. O grupo de fundadores na época sentiu a necessidade de criar um espaço onde os jovens negros pudessem

> divertir-se sem sofrer restrições de nenhuma forma. (REIS, J. J. 1983, p. 107-123)

O nome Ilê Aiyê foi eleito em ioruba por ser usado dentro do Axé, um nome de uma casa. . Hilda disse que,

> Com o pouco conhecimento que tinha sugeriu este nome, mas achei que aquele nome ia abalar diante as coisas que estava acontecendo do outro lado, por que os americanos estavam brigando do lado de lá que não deveria ser e mandei que eles escolhessem outro nome e eles escolheram Ilê Aiyê. Se eu concordava, se tava bem, o que é que eu achava?. Então eu disse: muito bem, é casa, vocês vão abrigar seus amigos, seus colegas, aquelas pessoas. Então é o negro da casa Grande. Ilê Aiyê quer dizer a casa universal, para todos, é a Senzala do Barro preto no Curuzu. (ILÊ AIYÊ - MÃE HILDA DE JITOLU, p. 15).

O Ilê na relalidade surge no intuito de mudar a estrutura racista soteropolitana para Silva (2005),

> Os fundadores do Ilê eram rapazes e moças imbuídos de saudável propósito de produzir e usufruir do prazer. Em todos os sentidos: o prazer de uma reza para Santo Antônio, de uma brincadeira de Terno de Reis, das quadrilhas e sambas juninos, de ir buscar água num dique localizado ladeira abaixo do Curuzu, dos passeios á orla, na então longínqua praia de Itapuã, das matinês acaloradas, com seus temíveis dragões, do Cine São Jorge, dos ensaios dos blocos com roupas iguais e “Viu Não Vá”, das festas para os santos, dos blocos com roupas iguais pra todo mundo nos carnavais. Antonio Carlos dos Santos Vovô, presidente do Ilê Aiyê, em depoimento ao Jornal O Mondo relatara brincadeiras da turma que dirigiria mais tarde a entidade. (SILVA, 2005, p.46).

É através da música e com este referencial histórico-cultural que o Ilê Aiyê tem desenvolvido ao longo dos seus 31 anos de trabalhos ininterruptos inúmeros temas, como a necessidade da solidariedade dos negros entre si, a valorização das religiões de origem africana, em especial o candomblé, reforçando a auto-estima dos negros, buscando assim, um padrão de beleza negra. Além de buscar através do ensino formal difundir as histórias das civilizações africanas.

O Ilê Aiyê traz como contribuição a possibilidade de organização da juventude negra, na década de setenta. Além do legado da tradição, o legado da cultura produzido

pelos negros norte-americanos. Antonio Godi em citação levanta a seguinte questão. Silva, j. C.(2005, p 55) cita Godi (1999, p. 97).

> Será que seria possível o surgimento de um Ilê Aiyê, se não fosse o fenômeno maravilhoso dos Estados Unidos, com o funk, com o Soul, explodindo para todos os lados?. Isso influenciou profundamente os jovens baianos que viam James Brown, que viam Michael Jackson e os irmãos, e que tentavam reconstruir formas de se vestir e de se sentir não muito distante deles. O que a gente começa a perceber é que um novo fenômeno, no que diz respeito á nossa existência, começa a se manifestar, começa a se revelar.(SILVA, J.C., 2005, p.55 apud GODI, 1999, p.97).

De relevante significado para o bloco Ilê Aiyê e para Mãe Hilda é a saída do bloco, Mãe Hilda faz suas obrigações, porque ele surgiu do candomblé. Mãe Hilda consulta os Orixás para pedir proteção para o povo negro. Então Mãe Hilda decidiu fazer ´obrigações´, no começo dos ´ensaios´ e no dia da saída. Isto é feito todos os anos, antes da saída do Bloco. Para Mãe Hilda a proporção que o Ilê Aiyê vai crescendo, as ´obrigações´ também vão crescendo.

Segundo Mãe Hilda são:

> Obrigações brancas´, porque o branco é sinal de paz. São rituais á base de pombos brancos que eu solto: é o grito da paz e da misericórdia para cobrir a cabeça de todos e levar a proteção, são pipocas bem alvinhas, milho branco cozido. A saída do Ilê é uma satisfação para todos porque é aberta ao mundo e para todo mundo vê a saída do Ilê, uma coisa tradicional que o povo faz questão de ver .(ILÊ AIYÊ – MÃE HILDA DE JITOLU, p. 17).

O Bloco Carnavalesco Ilê AIyê inspirado no contexto histórico da década de 70 do século passado via que o movimento negro, particularmente se reorganizava com um olhar nas conquistas de independência das nações africanas. Com a propagação das idéias e lutas do Black Power e dos Panteras Negras nos Estado Unidos e , principalmente se organizava para fazer justiça aos assassinatos de negros e para reavaliar o papel do negro na história brasileira. Este contexto teve sua repercussão na juventude negra de Salvador, gerando novos comportamentos e formas próprias de expressão. O projeto dos jovens do Curuzu Liberdade de fundar um Bloco só de negros trazia, já em 1975, uma proposta inédita no carnaval baiano, caracterizando-se desde então, pelo desfile de jovens.

> Os objetivos do Ilê Aiyê são bem definidos desde a sua origem. Seus objetivos básicos são resgatar e expandir a cultura de origem africana no Brasil, partir de diversas contribuições culturais e referenciais políticos. As lutas pela independência dos paises africanos, principalmente de língua portuguesa e a resistência cultural afro-brasileira originaria do candomblé. O Ilê Aiyê inaugurou dentro da reorganização do movimento negro brasileiro um novo modo de pensar o ser negro no Brasil. (ILÊ AIYÊ – PEP, 1996, p.05).

Ainda sobre os objetivos do Ilê Aiyê o diretor de relações públicas do Ilê, na época, Sérgio Roberto dos Santos, em entrevista ao jornal O Globo, resumiu, os objetivos do Bloco Afro Ilê Aiyê: Silva, J. cita (2005, p. 55) cita Santos. Sergio, R. em entrevista ao jornal O globo, (12/02/1980)

> A gente quer valorizar a presença negra no Brasil, mas sem folclorizar. Queremos o espaço a que temos direito. Não é justo que o negro só apareça vestido de baiana ou dançando capoeira em cartão-postal. O negro não é só isso. Temos valores, muita coisa bonita que se perdeu nesse trajeto da África para cá. Queremos e vamos mostrar que somos também. (Informação Verbal)

Após o nascimento do IIê Aiyê Mãe Hilda continua com o desejo de ampliar sua ação social através da criação de uma escola dentro do Axé. Para ela o terreiro era pequeno, mas tinha disciplina. É uma escola para filhas de Santo e a escola Mãe Hilda, situada no Curuzu-Liberdade, seria uma escola direcionada para crianças e jovens da comunidade. Sobre a escola, Mãe Hilda declara:

> Temos as atividade do candomblé, de ano a ano, mas sempre assim do final de um ano pro começo do outro, então não empata as atividade da escola. Eu abri as portas do meu barracão para botar uma escolinha de primeiro grau, e daí essa escolinha rendeu um projeto pedagógico pra todas as escolas daqui da comunidade. Abrigo, Duque, Teresa Conceição, Celina Pinho. (ILÊ AIYÊ - MÃE HILDA HISTÓRIA DA MINHA VIDA, p. 21).

Após concretizar o projeto da escola, Mãe Hilda fala no primeiro Encontro de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê afirmando que “O candomblé sempre foi casa de ensinamentos e que esta função agora prossegue com as nossas diversas Escolas”. (Caderno I, 1995, p.5)

Nesse ano de lançamento do PEP, 1995, O IIê completava 21 anos de atividade. Não abriu mão de um “trabalho de auto-estima negra, através do passado ancestral, da análise do cotidiano e do estímulo a um projeto transformador”.(caderno I, 1995, p. 5).

O PEP- Projeto de Extensão Pedagógica, criado em 1995, pelo Ilê Aiyê, tem como um dos objetivos construir uma pedagogia que resgate as raízes culturais africana e sua influência no Brasil, a partir de uma sociedade onde exista respeito mútuo entre os indivíduos.

Segundo Silva, j. C no relatório do PEP, em 1997.

> Reafirma-se como importante: "A construção da identidade cultural entre crianças e adolescentes, contribuindo para a formação do cidadão, melhorando a qualidade da educação, reduzindo os índices de evasão e repetência"... "O PEP norteia suas ações a partir de três grandes eixos: identidade, auto-estima e pensamento crítico". (SILVA, 1997, p. 67)

O projeto ocorre nas escolas das redes públicas estaduais e municipal de Salvador, tendo como resultado, segundo Jonatas Conceição da silva, coordenador dos Cadernos de educação do Ilê Aiyê:

> 1. ter encorajado, através, principalmente, da publicação dos Cadernos de educação, os professores a utilizarem conteúdos complementares que não são contemplados no sistema oficial de formação do professor; 2. ter ampliado o conhecimento dos professores das redes públicas acerca da cultura e história africanas, tanto na África como na diáspora; 3. ter fortalecido o Ilê como uma entidade educacional reconhecida como centro de referência da cultura afro-brasileira; 4. ter criado uma tradição do Ilê Aiyê como promotor de eventos educacionais de forma sistemática; 5. ter sensibilizado as redes estadual e municipal para a construção da identidade cultural dos alunos; 6. ter sistematizado subsídios para o início de projetos similares ao do Ilê Aiyê, em outros bairros da cidade e regiões do Estado da Bahia. (SILVA, J. C., 2005, p. 67).

O projeto de extensão pedagógica do Ilê teve a sua primeira fase de 1995 a 1997, atuando principalmente nas escolas públicas do bairro da Liberdade. As escolas foram: Colégio Duque de Caxias com ensino de segundo grau, escola Tereza Conceição Menezes, escola Pierri Verger, na época escola de primeiro grau da rede municipal a escola, de primeiro grau Abrigo dos Filhos do Povo. O projeto também contemplou a escola Mãe Hilda, de primeiras séries do ensino fundamental e a escola de Artes e educação Banda Êre, para crianças e jovens de 8 a 17 anos idade.

No Colégio Duque de Caxias ocorreu à capacitação de professores, pelos educadores do PEP, com algumas temáticas como; a reconstrução das civilizações africanos no território brasileir; a organização de resistência Negra; teorias antropológicas da origem do homem; educação: visibilidade, invisibilidade e recalque

do afro-brasileiro no processo de formação da identidade nacional, entre outras. O curso foi ministrado por diversos educadores do PEP: Valdina Pinto, Ana Célia da Silva, Jaime Sodré, Jorge Conceição e Maria de Lourdes Siqueira, entre outros que vieram depois.

È importante salientar que os conteúdos ministrados pelos professores na capacitação deveriam ser repassados aos alunos em sala de aula, sendo esta atividade acompanhada e avaliada pelos educadores do PEP. Com os alunos, foram realizados um concurso artístico-literário, oficina de danças, de percussão, de torço de trançados, capoeira e uma feira afro-brasileira, no Colégio Duque de Caxias, que contou também com a participação de outras escolas.

O concurso sobre "zumbi 300 anos" ocorreu no colégio Duque de Caxias que culminou no volume 3 dos cadernos de educação do Ilê Aiyê, no ano de 1996.

No ano de 1997 ocorreu a reunião de avaliação do PEP, realizada com professores, diretores, educadores e coordenadores do Ilê Aiyê. Ainda em 1997, o PEP concorreu ao prêmio Itaú-Unicef Educação e Participação", um concurso nacional e recebeu Menção Honrosa. Embora o Ilê com o seu PEP tivesse tido êxito nos anos anteriores e no ano de 1997, neste mesmo ano foram encerrados os convênios com as fundações e entidades que apoiavam financeiramente o PEP, dentre elas CEAO/UFBA, CESE, Fundação Odebrecht, Smec, Unicef, Liceu de artes e ofícios, Fundação ABRINQ e SETRAS**.** Mas em 1999 recomeçaram as atividades pedagógicas do projeto, só nas escolas municipais de Salvador, pois a secretaria estadual de educação não mostrou mais interesse em continuar com o PEP.

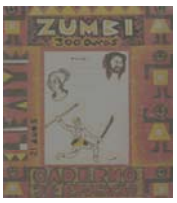
Segundo j. C, Silva,

> A secretaria de educação Dirlene Mendonça, com a assessoria especial da professora Ana Tedesco, criou o Programa Educação Dever de Todos, tendo por finalidade levar aos alunos da rede municipal conteúdos e atividades das organizações não governamentais de Salvador que desenvolvem práticas educativas. O objetivo da secretaria era tornar o ensino da rede municipal atraente e motivador. O PEP do Ilê Aiyê foi convidado a colaborar com o programa dentro da categoria Pluralidade Cultural.(SILVA, 2005, p.70).

0s cadernos de educação do Ilê Aiyê, que fazem parte do projeto de Extensão Pedagógica, têm como objetivo encorajar os professores a utilizarem conteúdos complementares, que não são contemplados no sistema oficial de formação para o magistério.

> Com os cadernos, pretende-se formalizar e sistematizar os conhecimentos do Ilê AIyê em forma de material didático e de apoio ao professor, contribuindo de forma concreta para a criação de currículo e programas adaptados à realidade multi-étnica brasileira, uma vez que o material didático que chega às escolas não contêm informações sobre a história dos africanos e dos afro-descendentes.(SILVA, J. C., 2005, p. 71).

3 CADERNOS DE EDUCAÇÃO DO ILÊ AIYÊ: Descrevendo conteúdos



Temos como objetivo, nesse capitulo, descrever os conteúdos dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê e identificar os temas mais relevantes dos Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê.

A escolha dos cinco volumes para análise e interpretação dos dados se deu devido a sua importância histórico/cultural, por sua relevância em termos de conteúdos e por compreendermos que estes abarcam temas relevantes que possam contribuir de forma mais direta para o estudo da cultura africana e afro brasileira.

O primeiro caderno tem como tema “Resistência Negra” e foi publicado no ano de 1995. O segundo traz a “civilização Bantu” no ano de 1996. O terceiro “Zumbi 300 anos” no ano de 1996. No IV ano, em 1996 “as forças das raízes”, o V foi “Pérolas negras do saber”, no ano de 1997. O caderno VI, no ano de 1998 com tema “Guiné Conakry”. No ano seguinte, em 1999 foi publicado o caderno VII “Revolta dos Búzios”, “Terra de Quilombo” volume VIII foi publicado no ano de 2000. No ano seguinte, em 2001 foi à vez do tema “África Ventre Fértil do Mundo”. Em 2002, o X caderno da coleção veio com o tema “A Revolução Malês”, XI com o tema “A rota dos Tambores no Maranhão”.

Foram selecionados cinco cadernos de educação. Caderno I “Organizações Negras Brasileiras”. Caderno III “Zumbi 300 anos - Ilê Aiyê 21 anos”, Caderno IV do Ilê Aiyê “A força das Raízes”, Caderno V.”Perolas Negras do Saber” e Caderno X “ Male a Revolução”.

Os cadernos, eles foram eleitos por abordarem a temática da civilização africano-brasileira, tratar de temas pertinentes aos valores histórico- culturais negros. Os cadernos ainda se caracterizam por trazerem em seu bojo conceitos, culturas, valores e contribuições dos povos negros. A intenção da proposta dos cadernos é resgatar a identidade étnico-cultural negra perdida e negligenciada pela historiografia oficial.

Nesta dissertação buscamos contribuir para uma teoria que discuta a diferença, que aponte os contínuos civilizatórios, diferentes do abordado no livro didático das escolas da rede pública de ensino no Brasil, para que possamos lembrar da África como um continente que trouxe para o mundo não só a mão-de-obra escravizada, mas, valiosas contribuições como à religião africana, o samba, os costumes alimentares, os hábitos de higiene, a metalurgia, a socialização, o poder da resistência, a sabedoria, entre outros valores positivos.

3.1.Organizações de Resistência Negra

O Caderno I Organizações de Resistência Negra do Projeto de extensão pedagógica do Ilê Aiyê. Ele surgiu como tema do carnaval de 1995, teve como tema central as **Organizações de Resistência Negra**. O tema foi desenvolvido pela diretoria do Ilê Aiyê composta por diversos membros, dentres eles Antonio Carlos dos Santos Vovô, Jonatas Conceição da Silva, J. Cunha, Maria de Lourdes Siqueira dentre outros, a Coordenação que compôs este caderno estava composta dos seguintes integrantes Arany Santana e Jonatas Conceição da Silva, A equipe de apoio foi composta por Samuel Ararão Reis (Assessoria Geral ao Projeto), Ana Célia da Silva, Jaime Sodré, Lindinalva Barbosa, Maria de Lourdes Siqueira, Valdina Pinto, Adelson Evangelista (Ala de Canto), Elisangela da Hora Souza, Danda e Rosilene Brito de Oliveira, as duas últimas fizeram parte da ala de Dança, Na editoração e programação foi possível contar com a colaboração de Nelson Araújo Conceição Filho e na Ilustração, J. Cunha.

Este volume I, Organizações de Resistência Negra foi eleito para descrição devido à relevância do tema, Candomblé, religião tradicional afro- brasileira, tendo como representante, Mãe Hilda de Jitolu, abordando o histórico da Associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê e conseqüentemente o surgimento do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê.

O caderno está organizado em seis tópicos. Na introdução intitulad*a "Crianças precisam de horizontes"* Mãe Hilda fala da abertura do primeiro encontro de educação do Projeto de Extensão pedagógica do Ilê *Aiyê. No primeiro "Organizações religiosas"*; trata dos núcleos tradicionais de resistência religiosas no Brasil, das irmandades religiosas, como a irmandade da Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e da resistência dos terreiros de candomblé. *No segundo, "Organizações Quilombolas"*; fala sobre a resistência dos quilombos, da origem do quilombo na África, do quilombo dos

Palmares, dos filhos de Gandhi e dos Apaches do Tororó. *O Terceiro*, "*Organizações Político-associativa e Recreativa*. O quarto *"Ilê Aiyê nos seus 21 anos"*, aborda um pouco da história do Ilê Aiyê, falando sobre as intenções de criar o bloco*;* por fim *"as canções do Ilê aiyê"*.

Este caderno traz importantes instituições negras do Brasil, que priorizam a melhoraria das condições de vida do homem negro, preservando os valores históricos da cultura negra.

Dentre as instituições abordadas, temos as irmandades religiosas, os quilombos, os terreiros de candomblé e os afoxés, que mantêm como base os valores, princípios culturais e religiosos africanos, difundindo, assim o legado africano no Brasil.

3.2.As irmandades religiosas

As irmandades religiosas tinham como objetivos prestar serviços de natureza social, financeira, hospitalar, educacional e funerária aos membros associados pela sua negritude (p.7).

Um dos primeiros passos de independência da irmandade foi solicitar ao Rei de Portugal a liberação de um terreno, onde constituíram com as próprias mãos a Igreja de Nossa Senhora dos Pretos no Pelourinho. A posse oficial ocorreu em 27 de janeiro de 1724.

3.3.O Candomblé

*O Candomblé***;** apresenta como resistência também "A resistência dos terreiros de candomblé". A proeminência social e cultural dos povos de origem Yorubá, que aqui desembarcaram quase no final da escravidão, na segunda metade do século XIX, criando condições para o surgimento dos primeiros Terreiros de Camdomblé, por volta de 1830, segundo as fontes de que se têm notícias. Estes centros religiosos se estruturam em torno do culto ás entidades místico-religiosas: orixás, *voduns* e *inquices.* Há uma unidade em torno de um Deus Supremo - constituído por uma Trindade, exercendo, cada um, sua ação específica, a criação do homem, da natureza e das relações entre Deus, os homens e os cosmos". (1995, p. 8).

Outro núcleo de resistência abordado neste Caderno é o conjunto das organizações **quilombolas.** Segundo pesquisa realizada, quilombo é um termo de

origem banto que quer dizer *"acompanhamento guerreiro na floresta"*, sendo entendido em Angola como divisão administrativa. (p.10).

3.4.Os Quilombos

Os quilombos angolanos tinham um tipo de organização que não era nem vertical nem horizontal, mas travesso, ou seja, existia uma forma de poder eminentemente tirânico ao mesmo tempo em que democrático baseado nas relações de linguagem africana ou parentesco. O quilombo de Palmares possuíam esse tipo de organização política.(1995, p. 10).

Sobre a origem do Quilombo na África, temos na página 10, a seguinte explicação: Os quilombos bantos partem da região da bacia do Congo, ainda antes da queda do Reino do Ndongo. No século XVII, essa forma de sistema social de linhagem era muito difundida entre o povo mbundu. Através dos estudos realizados acerca da história do povo de linhagem mbundu foi possível reconstruir a sua trajetória, inclusive as guerras tribais africanas.

Na página 11 do Caderno temos a tradição oral, tradição falada, não baseada na escrita, a história do reino bundu é contada através desta narração:

> Um caçador vindo do Este, chamada N'gola, invadiu o território e impôs aos Mbundus um regime monárquico de governo. Assim quando os portugueses chegaram a Angola encontraram um pequeno Reino Mbundu em formação chamada Ndongo, cujo Rei era N'gola, nome que os portugueses derivaram de toda região ao Sul do Congo, ou seja, Angola.

A equipe, já citada, de pesquisadores deste caderno levantou uma importante hipótese (1995):

> (...) de que o quilombo se origina na tradição mbunda e que no início da colonização foram transferidas para o Brasil linhagens, famílias e etnias diversas que aqui puderam reproduzir, com dificuldades imensas, a sua sobrevivência africana". (1995, p.11).

Neste mesmo Caderno é descrito que, no Brasil, as primeiras notícias sobre o Quilombodos Palmares vêm da capitania de Pernambuco, em 1559. Palmares, em 1606 já estava em formação. Os Quilombos chamavam os Palmares de N'gola Janga, dando a

impressão de que os povos Janga e os Angolas formaram um só reino no Brasil assim na África. (p.11)

Na página 13 temos o sub tópico denominado“ *Zumbi dos Palmares*” (esboço de uma biografia). Neste tópico é feita uma rápida bibliografia de Zumbi dos Palmares, mas que nos aprofundaremos na análise do caderno intitulado “Zumbi-300 anos”, volume 3 deste Projeto de Extensão.

3.5.As organizações político-associativa e recreativas

As organizações político-associativa e recreativas são os focos de analise no caderno1, *organizações de resistência negra*. Na página 16 temos outro tema relevante, as organizações político-associativa e recreativas, tal como a “Sociedade protetora dos desvalidos – SPD”, fundada no ano de 1832. Os objetivos são expressos em seu estatuto, oferecendo assistência social, educacional, técnica, médico-dentária ao associado, estendendo aos associados, assim como à família destes. Outro importante objetivo desta instituição era lutar contra a estrutura social reinante. Um grupo de negros libertos se organizou e no dia 16 de setembro foi criada definitivamente a Irmandade de Nossa Senhora da Soledade, em honra à sua padroeira, a Virgem da Soledade. (p.16).

3.1.2.Alguns Blocos de afoxes e Blocos afros

J.Cunha, 1995, p.20

Outro núcleo de resistência, são os blocos de Afoxés e Blocos afros. Como organizações de resistência, pode-se apresentar ainda os afoxés e blocos afros, tal como **Filhos de Gandhi,** fundado em 1949, desvinculado das festas religiosas da Igreja católica. Os afoxés se tornaram bem mais africanos e nos fins do século XIX já eram muitos e chegavam a incomodar a racista sociedade baiana. Os afoxés já nasceram ligados aos terreiros de Candomblé. Outra associação de resistência foi a dos **Apaches do Tororó** fundado em 1968, que teve como objetivo expandir a identidade negra através da figura do índio. (p.17).

3.1.3.Zumbi 300 anos - Ilê Aiyê -21 anos

Fabio Freitas Santos (Colégio Duque de Caxias 2º , 1996, p. 43)

O caderno III, **"**Zumbi 300 anos - Ilê Aiyê -21 anos", foi publicado no ano de 1996, mesmo ano de publicação dos primeiro volume, Organizações de Resistência Negra, mas este caderno foi publicado no ano de 1996, para realização deste trabalho teve apoio da mesma diretoria, A coordenação foi composta por Arany Santana, Paulo Cezar da Costa e Jonatas Conceição da Silva. Os educadores Ana Célia da Silva, Jaime Sodré, Jorge Conceição, Maria de Lourdes Siqueira, Valdina Pinto, Samuel Aarão Reis fizeram parte da equipe de apoio pedagógico**.** O desenho da capa foi realizado por Edilbaldo dos Santos Amorim (aluno da banda Erê, premiado em primeiro lugar na categoria desenho, do concurso Zumbi 300 anos - Ilê Aiyê -21 anos). A edição gráfica foi realizada por Zeo Antonelli e Beto Cerqueira.

Este caderno foi selecionado para descrição por tratar dos princípios inaugurais da religião africana e dos valores ancestrais que permeiam e possibilitam os afro descendentes expandirem a riqueza e afirmar a sua identidade religiosa e cultural.

Este volume traz textos e desenhos produzidos por crianças e adolescentes que se destacaram no concurso (Zumbi 300 anos- Ilê Aiyê 21 anos), realizado em 1996 nas escolas envolvidas pelo Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê. Este caderno foi eleito para descrição por trazer textos que resgatam o mártir da vitória dos negros contra o jugo colonial e registrar a importância de Zumbi na construção da identidade do negro brasileiro. O caderno registra a experiência de promover o concurso Ártistico-literário em escolas das redes municipal e estadual, localizadas no bairro da Liberdade em Salvador.

O caderno III (1996) aborda de forma sintética através do concurso "Zumbi 300-anos – Ilê AIyê 21 anos" a historia de surgimento do Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê,

assim como, o surgimento do projeto de extensão pedagógica do Bloco. Ainda trata que os principais objetivos do projeto de extensão que são *"mobilizar crianças e adolescentes, despertando o seu interesse por temas relacionados à História e cultura afro-brasileiros"* (1996, p. 7)

O Concurso foi realizado nas escolas que faziam parte do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, envolvendo professores e crianças da Escola Mãe Hilda (alfabetização) e da Banda Erê- ambas mantidas pelo Ilê Aiyê; Escola Abrigo do Filhos do Povo (de Pré à 4ª série), Escola Tereza Conceição Menezes (de 1ª. à 8 a. série) e Colégio Duque de Caxias (1 a. e 2ª. Graus).

Para o coordenador Jonatas Conceição da Silva "traz o trabalho e prática que refletem o trabalho das práticas educacionais desenvolvidas pelo Ilê Aiyê na comunidade". Como forma de preservação da expansão artística dos alunos, os textos foram publicados neste caderno na integra. A coordenação sugeriu que os textos e desenhos fossem utilizados por educadores em sua prática escolar, em todas as disciplinas do ensino fundamental, multiplicando idéias simples como esta e motivando os alunos a pensar e a criar a partir de temas históricos ou relacionados com sua realidade. (p. 7)

O concurso *"Zumbi dos Palmares 300 anos- Ilê Aiyê 21 anos" (1995)*, foi dirigido aos alunos das escolas envolvidas e dividido nas categorias desenho, poesia e redação. O evento envolveu professores e crianças da escola Mãe Hilda (alfabetização) e da Banda Erê, ambas mantidas pelo Ilê Aiyê. Outras escolas envolvidas foram: Escola Abrigo dos Filhos do Povo (da pré escola a 4ª. série do ensino fundamental), Escola Tereza Conceição Menezes (da 1ª. a 8ª. série) e Colégio Duque de Caxias (ensino fundamental e médio). O regulamento do concurso exigia a livre expressão dos alunos, de modos que estes recriassem a história Palmarina e a associassem à atual resistência do Ilê Aiyê. Para o desenvolvimento das atividades do concurso foram utilizados filmes, vídeos, música, estamparias do bloco, entre outros recursos.(1995, p. 9).

Para realização do concurso foi possível contar com o papel decisivo dos professores, que elaboraram o regulamento com o coordenador do Projeto de Extensão Pedagógica, Jônatas Conceição. Eles foram os agentes multiplicadores da história de Zumbi dos Palmares nas salas de aula, com o apoio da equipe de educadores e artistas do Ilê Aiyê, além de ajudarem na seleção prévia dos trabalhos produzidos por seus alunos.

A comissão julgadora do projeto foi formada por Mãe Hilda, idealizadora da Escola Mãe Hilda, coordenadores do projeto, diretores e professores das escolas envolvidas, representantes das instituições que apoiaram o Ilê Aiyê e das Secretarias de Educação do Município e do Estado. A comissão definiu critérios para premiação, a fim de que não julgasse da mesma maneira um aluno do primário e outro do segundo grau. Na etapa de premiação, foram separados os trabalhos produzidos por estudantes do ensino fundamental e médio. Como premiação os alunos que conseguiram os primeiros lugares viajaram, juntamente com o Ilê Aiyê e seus professores, a Palmares, em Alagoas. No dia 20 de Novembro, *Dia Nacional da Consciência Negra*, eles conheceram a Serra da Barriga, local onde ficava o quilombo dos Palmares.

Dentre os colégios que participaram do concurso os alunos vencedores foram: Diane Ramos; Gilson Meneses, Liomar de Jesus; Elmo Alexandre Assunção; Ana Rita Santos; Edney Antonio Costa; Ana Cristina Alves; Fábio Freitas Santos; Sandra Shirlene da Silva; Jane Santos; Daniela Santos; Márcia Anatalia de Souza; Cleber Pinheiro; Diógenes Henrique Silva; Joseval de Jesus; Vanderclea Farias; Túzia Cristina Pereira; Consuelo de Oliveira Casal do **(Colégio Duque de Caxias)**. Lismar Lins; Marcos Santos na (**Escola Mãe Hilda)**: Ulisses Passos, Claudiane Cordeiro; Tamires Santos, Marcos de Araújo e Audelito Souza da **(Escola Tereza Conceição Meneses).**: Misael Barbosa; Dalva Quele Silva na (**Escola Abrigo dos Filhos do Povo)** e finalmente na Edebaldo dos Santos; Jair Mendes; César Neris; Givanildo Neves e Alípio Figueiredo na (**Escola de Percussão Banda Erê)**:.

Como forma de contextualizar o tema gerador "Zumbi" do Caderno III, os responsáveis pela elaboração do mesmo buscam trazer um pouco da história deste grande marco de resistência negra *"Zumbi dos Palmares"*.

O caderno III, *"Zumbi dos Palmares 300 anos- Ilê Aiyê 21 anos*" nos remete à história de Zumbi. Este nasceu livre em Palmares, Alagoas, em 1655. Situado no alto da Serra da Barriga, Palmares foi o maior, mais duradouro e organizado quilombo das Américas. Surgiu no final do século XVI, depois da revolta de escravos de um engenho no Sul da Capitania de Pernambuco que se refugiaram naquela região.

Quilombos eram comunidades formadas por pessoas que resistiam ao sistema escravagista. liderados por negros, que constituíram a maioria dos seus habitantes, acolhiam também índios e brancos excluídos. Palmares surgiu como uma sociedade multirracial e pluricultural, e assim perdurou por cerca de 100 anos. Sobre Zumbi e sobre Palmares, a maioria dos indícios e documentos desapareceu ou se encontraram

dispersos em diversos locais do Brasil, de Portugal e da Holanda. A origem da família de Zumbi é desconhecida. Sabe-se que ele foi raptado e entregue como prêmio a Antonio Melo, vigário de Porto Calvo, pequena cidade da Capitania de Pernambuco.

O Vigário Antonio Melo, que criou o menino passou a chamá-lo de Francisco e se encarregou da sua educação. Francisco aprendeu português, latim e religião. Quando completou 15 anos de idade, retornou para Palmares, que já ocupava, naquela época, uma área de seis mil km^2 e possuía quase 30 mil habitantes. Por seu vigor e inteligência, ele se tornou sobrinho adotivo de Ganga Zumba, que significa Grande Chefe-líder que transformou as aldeias palmarinas num Estado. (1995, p.11).

Palmares foi alvo de inúmeras expedições de autoridades e fazendeiros, que queriam recapturar os seus habitantes e acabar com o Quilombo. Em 1678, Ganga Zumba, após a primeira grande investida realizada sobre os palmarinos, assinou uma trégua com o governador da capitania de Pernambuco. O episodio dividiu o quilombo e resultou no envenenamento de **Ganga Zumba.** Em seu lugar, Zumbi assumiu a liderança em 1982. Nos 15 anos que se seguiram, a atuação de Zumbi foi marcada pelo confronto com os escravagistas. Após muitos anos de batalhas, na sua última batalha na Serra dos Dois Irmãos**,** mesmo ferido e desgastado Zumbi[1] resistiu o quanto pôde e um ano após a queda do Quilombo dos Palmares às cinco horas da manhã de 20 de novembro de 1965,

Zumbi foi morto, numa emboscada. Seu corpo foi mutilado e a cabeça enviada para Recife, onde foi exposta em praça pública.

3.1.4.A Força das Raízes

O caderno IV "**A Força das Raízes**" está organizado em seis tópicos. O primeiro tópico trata do "Universo do Candomblé"; o segundo, "Correspondência entre Nações de Candomblé na Bahia"; o terceiro, "As Entidades, as Energias"; o quarto, "Hierarquia nas Comunidades Terreiros"; o quinto "A dimensão religiosa do Ilê Aiyê"; por fim "A Religião Religare - Diversas Formas de União ao Mesmo Criador".

---

1 . Ver mais informações de Zumbi e sua história em Freitas, D. Palmares a Guerra dos Escravos.

A coordenação dos Cadernos composta pelos nomes já citados no caderno anterior, aponta a religião como caminho e meio de expansão do patrimônio civilizatório africano, pois para a coordenação a religião é um dos aspectos mais importantes no processo de construção de uma consciência da identidade étnica com auto-estima e cidadania. Através desse caderno o Ilê Aiyê promove um maior conhecimento do "Universo do Candomblé". (1996, p.5).

O primeiro Tópico do caderno IV "A Força das Raízes *"o Universo do Candomblé" (1996)* foi desenvolvido e pesquisado por Valdina Pinto. Nesta pesquisa foi identificado que no período correspondente, entre os séculos XVII e XIX foram identificados vários grupos étnicos trazidos para o Brasil. Os grupos que mais contribuíram para a formação brasileira foram os africanos vindos do reino Congo, sobretudo os Kongos e os Ambundu, grupo denominado atualmente de Bantu. Os Bantus, antes do século XV já haviam experimentado trocas intelectuais e processos diversos no Norte da África com os Árabes. Na página sete do caderno, a pesquisadora descreve que "Os Bantus possuíam um profundo pensar, uma forma de conceber o mundo que os cercava e conforme a realidade regional, o estagio de organização e desenvolvimento em que se encontravam, tinha suas formas de codificar, comunicar e expressar seus pensamentos, sentimentos, suas crenças". Pinto ainda enfatiza que:

> As formas de que se valem os africanos tradicionais para explicar, para expressar o que pensa o que sente em relação ao sobrenatural são diversas: provérbios, lendas, mitos, narrações, até mesmo fatos, acontecimentos da própria vida uma vez que a forma de religiosidade tradicional africana não é dissociada dos contextos da vida. (PINTO,1996, p.7).

Nesse Caderno é apresentada à noção de **Mundo Natural Físico** e **Mundo Sobrenatural**, os quais coexistem, interagem, se inter-relacionam. "A **natureza** com os seus elementos e fenômenos, constitui a essência das religiões tradicionais e afro-brasileiras, uma vez que é criação do SER incriado, pré-existente, completo em si mesmo, com capacidade de dar vida a tudo por si criado". (p.7).

Conforme a língua falada pelos diversos grupos, este SER recebe várias denominações, dentre as quais: Zumbi, Zambiapongo ou Zambiapungo (Banto), Olorum (yoruba), Mawu (Ewe) para se referir a Deus, o Criador. A natureza é vida e o ser humano é parte da natureza criada. Essa essência vital, essa energia, essa força invisível e sobrenatural se manifesta, interage com os seres humanos na forma de Inkissi, Vodum ou Orixá (p. 8).

Além dos Inkissi, Vodum e Orixá o mundo sobrenatural, invisível é concebido também como o mundo dos antepassados, ancestrais, bem como dos espíritos dos mortos contemporâneos que entre nós são os Vumbi, os Avalu ou Kotito, os Egum, conforme a tradição oral dos terreiros das várias nações.

Do tempo das senzalas até os nossos dias, a religiosidade, as crenças, as formas de culto trazidas da África têm-se desenvolvido e se manifestado de modo diferenciado conforme as dimensões do espaço-tempo.(PINTO,1996, p. 8).

O processo de organização da religiosidade africana construída na Bahia, sobretudo a partir da concentração de negros em regiões urbanas para serviços domésticos e de ganho, resultou no que hoje existe, que são as nações de candomblé. Dentre elas, pode-se citar as nações Angola (Congo-Angola), os Bakogo e os Ambundu, uma vez que a maior parte do vocabulário contido nas rezas, nos cânticos, nos termos ritualísticos são das línguas Kikongo e Kimbundo. Pinto (1996, p. 8) faz uma observação,"só o conhecimento mais vasto das línguas dos demais grupos Bantu poderia indicar todo o universo étnico que contribui para a existência da nação do candomblé Angola entre nós".

Na Bahia além do culto aos Inkissi, Vodum e Orixá, grande parte dos terreiros de Candomblé cultua também os caboclos, que entre o povo de Santo dizem ser os "encantados", os espíritos ancestrais dos indígenas brasileiros.

A pesquisadora afirma que o culto aos caboclos sempre foi freqüente nos terreiros de Nação Angola, o que é compreensível, pois os Bantu, na sua maioria, tiveram um contato mais próximo com os índios e durante muito mais tempo. Por outro lado, tinham consciência de serem os índios os reais donos da terra. Hoje cada vez mais pessoas iniciadas em outras nações incorporam caboclo ou "recebem" ou "dá" caboclo, usando a terminologia mais freqüente entre o povo de candomblé. (1996, p. 9).

Por fim, Pinto (1996, p. 10) afirma que, "ainda é encontrado em determinados terreiros de candomblés a negação do culto aos caboclos para mostrar uma "pureza" africana; entretanto pessoas dessas casas os incorporam e recorrem aos terreiros para cuidar do seu caboclo". A autora identifica algumas entidades mais conhecidas no Brasil, relacionando-as as suas nações correspondente e explicando o significado de cada uma.

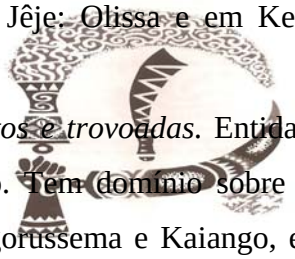
Exu é *a entidade do domínio dos caminhos das estradas*. Ele é dual, traz noções de bem e mal, de equilobrio e desequilíbrio. Essa é entendida em várias nações. As

destacadas no caderno foram a Angola é denominado Bombojira, Unjira. Em Jêje, Elegbara e em Ketu, Exu. A segunda entidade é **Ogum** representa a *energia do ferro, dos metais.* Sua principal função é abrir caminhos para a vida. Na nação Angola significa: Inkôssi, Mukumb, Rôji Mukumbi. Em Jêje: Gu e em Ketu é Ogum**.** A terceira é **Oxossi:** A *entidade das matas*, protege os animais terrestres e as florestas. Tem como significado na nação Angola: Mutakamlombô, Mutalombô**,** em Jêje: Angangatolu e em Ketu. Na seqüência tem **Ossãyn**: *entidade, energia dos vegetais, da essência das folhas* e o domínio dos vegetais, *das plantas sagradas, medicina*. Tem também o domínio das matas. Na nação Angola significa Katendê, em Jêje: Ágüe.

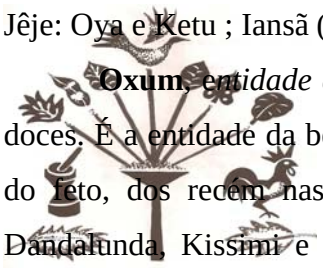
Xangô: A e*ntidade da energia dos raios, do trovão*: da justiça protetora dos advogados. Tem o domínio dos raios, do trovão, do fogo. Em Angola significa: Zazi, Zaji, Lwangu, em Jêje: Sobô, Badê, Loko e em Ketu: Airá, Iroko.(...). Outra entidade abordada é **Obaluayê e Omolu**: A *entidade da energia da terra com domínio e poder sobre as doenças epidêmicas*, tem o domínio da terra e do solo. É a protetora da agricultura. É a entidade que cuida da saúde. Dança vigorosamente, varrendo do mundo as doenças. Na nação Angola é denominada Kavungu, Insumbu, em Jêje Ajunsum. A sétima entidade **Aruarô**, guardiã da *energia do ar, do movimento constante*, é o próprio vento. É cultuada no tempo, aos pés de uma árvore. Conforme a crença dos Bakongo, povo do antigo reino do Kongo, a parte da árvore acima do solo está ligada aos vivos e as raízes, a parte abaixo do solo, estão ligadas aos mortos. Tem o domínio dos ventos, das tempestades, bem como o domínio sobre os mortos. Tem também, o domínio das doenças do tempo. Em Angola é denominado Tempo, Tembu, Dembwa e em Ketu: Aruarô. (p.26)

Oxumarê é a *da energia responsável pela continuidade, pelo ciclo da água.* Entidade simbolizada pelo arco-iris, pela serpente que, mordendo a sua própria cauda forma um círculo. É a continuidade. Tem ligação da chuva caindo sobre as águas da terra e sendo levada ao céu; é o ciclo de continuidade da água que alimenta os cursos e fontes de água na terra. Na nação Angola é chamada de Angorô, Angoromeian, Anvulá, em Jêje, Bessén em Ketu: Oxumaré. (p.28). Seguindo na analise das entidades tem-se **Oxalá,** *entidade da geração da procriação, da pacificação*. A principal ação da entidade é a criação de todas as coisas. É o pai de todas as entidades. Está ligada á fertilidade, à procriação. Simboliza a paz, a reunificação, a calma. Tem o domínio das águas puras, limpas, da serenidade. Ë a entidade da purificação. Na nação Angola é

denominada de Lemba, Lembarenganga, Lembafurama, em Jêje: Olissa e em Ketu, Oxalá, Oxaguiã, Oxalifã. (p. 30).

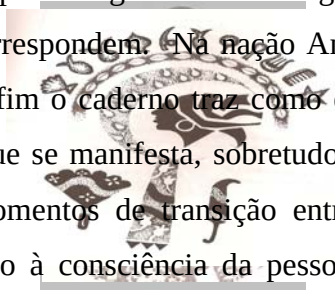


Iansã. A *entidade, energia das tempestades, dos ventos e trovoadas.* Entidade feminina. A senhora dos ventos, das tempestades e do fogo. Tem domínio sobre os mortos. Na nação Angola denomina-se: Bamburussema, Angorussema e Kaiango, em Jêje: Oya e Ketu ; Iansã (p. 32).



Oxum, *entidade das águas, dos lagos das fontes, dos rios.* É a dona das águas doces. É a entidade da beleza e também da riqueza. A mãe da fertilidade. É a protetora do leto, dos recém nascidos e das crianças pequenas. Na nação Angola significa: Dandalunda, Kissimi e kiamaza, em Jêje, Aziri Tobossi e em Ketu**,** Oxum (p. 34). **Yemanjá** e a décima segunda entidade descrita, é a *entidade das águas do mar, dos peixes,* tem domínio das águas, sobretudo das águas do mar. Está também, ligada à fertilidade. O mar é a sua morada e tudo que nele existe lhe pertence. Na nação Angola é denominada de Kaiála, Kaiarê, em Jêje: Aziri Kaiá e em Ketu, Yemanjá. (p. 36).

"Mabaça". Os Mabaça são aqueles que viveram juntos antes de nascer, que se apresentam sempre juntos, em forma de dois meninos. Não se fala muito do porque, mas todos os respeitam e lhes prestam grandes homenagens. Nos terreiros encontram-se "assentamentos", que lhes correspondem. Na nação Angola: é denominado Mabaça e em Ketu: Ibeji. (p. 38). Por fim o caderno traz como entidade **Ere**, en*tidade criança* com características infantis que se manifesta, sobretudo durante o período de reclusão de Iyaô, Muzenza, e nos momentos de transição entre a desincorporação do orixá Vodum ou Inkissi e o retorno à consciência da pessoa. Na nação Angola significa: Vunji, em Jêje Bêji e em Ketu, **Erê**. (p.40).



Outra pesquisadora nesta área de estudos africanos, Maria de Lourdes Siqueira, discute "dimensão religiosa do Ilê". São descritos aspectos da arkhé do Ilê Aiyê, da história, da origem religiosa, dos objetivos essenciais, da estrutura desde a diretoria ao grupo de dança e os principais eventos do Ilê Aiyê. (p.43)

Por fim Ana Célia da Silva (1996), também pesquisadora da temática do negro, traz na página 49 deste volume, o tema "Religião: Religare - Diversas Formas de União ao Mesmo Criador".

Segundo Silva (1996) "A espécie humana na sua necessidade de transcendência à existência terrena, vem tentando, através dos tempos, comunicar-se com o SER Supremo, criador de todas as coisas. Essa comunicação é feita através das religiões ou religare – religo, ou seja, comunicação com o criador".

A definição de religião vem da palavra religo, ou seja, uma forma de comunicação com o criador supremo e/ou seus intermediários, em algumas dessas religiões, como a católica, as afro-brasileiras, as indígenas, entre outras. (Silva,1996, p. 49) traz ainda a idéia de que religião é o foro íntimo, familiar e cultural.

3.1.5.Pérolas Negras do Saber

O Caderno V do PEP Ilê Aiyê **"**Pérolas Negras do Saber" foi publicado no ano de 1997, apoiado pela mesma diretoria que apoiou a elaboração do caderno IV. A coordenação foi a mesma, a assessoria geral do projeto também, assim como os educadores e o responsável pela capa e ilustração, composição/arte final e impressão. Os parceiros foram CEAO/UFBa, CESE, Fundação Odebrecht, Grupo Ultra-Brasilgás, Secretaria Municipal de Educação do Salvador, EMES, Secretaria Estadual de Educação, SEC e a UNICEF.

O Caderno V foi eleito por trazer com conteúdo principal os expoentes negros que contribuíram e contribuem para a afirmação de uma identidade negra no Brasil, colocando em evidência as suas contribuições.

O caderno está estruturado em seis tópicos, que tratam de lideranças políticas, cientistas, educadores, religiosos, artistas e atletas negros que vêm contribuir com o processo de formação de uma consciência negra.

O caderno apresenta uma homenagem a homens negros e mulheres negras de talento espiritual, intelectual, artístico, criadores de terreiros de candomblé, de bloco-afro, de organizações de resistência; personalidades das áreas de saúde; de engenharia; de campanha de alfabetização; de centros de pesquisa e documentação; de filmes; de música; de poesia; de participantes do movimento negro; de outros movimentos sociais organizados; lideranças políticas símbolos e representações sócio-culturais nacionais e intelectuais.

Como um exemplo de liderança negra em Salvador o caderno apresenta *Antonio Carlos dos Santos Vovô (1997),* fundador, idealizador e criador da associação bloco carnavalesco Ilê Aiyê. Seu trabalho é voltado, exclusivamente, para a conscientização da população negra de seus direitos civis, fazendo isso através de manifestações político-culturais (p.7)

Umas das lideranças políticas é **Abdias do Nascimento** *(1997).* Nascido em 14/03/1914 em Franca, São Paulo. Considerado como guerreiro negro participou das

lutas do movimento negro nacional da época, a “Frente Negra Brasileira”. Lutou contra o estado novo. Em 1938, organizou o congresso afro-campineiro realizado em Campinas - São Paulo. Por causa da ditadura militar de 1964, foi obrigado a deixar o país. Permaneceu nos E. U. A, na academia de artes dramáticas da Yale University (New Hoven) e no centro de humanidades da Wesleyan University-Connecticut. Fundou a cadeira de Culturas Africanas na Universidade de Nova Iorque. Em 1976 foi convidado para ser professor visitante do departamento de línguas e literaturas e literatura africana da universidade de Ife, na Nigéria, onde participou do segundo festival mundial de artes africanas (FESTAC 77). No ano de 1983 foi eleito deputado federal mais tarde senador, sempre em defesa do negro, contra o racismo e outras formas de preconceito. Outra liderança política citada é **Benedita da Silv**a *(1997).* Esta teve no início da carreira aguerrida militância nos morros cariocas. Foi vereadora e deputada federal. Todo seu trabalho parlamentar é dedicado, em especial, à defesa dos despossuídos, com ênfase nos afro-brasileiros. Benedita tem criado vários projetos que beneficiam o trabalho doméstico de homens e mulheres negras. Na sua primeira proposta tornou obrigatório a menção “cor” em formulários de declaração dos nascidos vivos e de óbito. Na segunda proposta, dispõe sobre a inclusão da presença de negros nas produções das emissoras de televisão e filmes e peças publicitárias. (p.11) Por fim, o Projeto que autoriza o poder executivo a instituir no âmbito do departamento de política federal do ministério da justiça, delegacias especializadas em crimes raciais.

A terceira representante política das questões negra foi **Lélia González** *(1997).* Nasceu em 1935, Minas Gerais. Militante do movimento negro Brasil contemporâneo, foi fundadora do movimento negro unificado, militou depois no Nzinga, entidade de mulheres negras onde a questão do racismo e sexismo eram refletida e debatida através de diversas ações. Lélia ensinou cultura popular na PUC do Rio de Janeiro e fazia o doutorado em antropologia política quando veio a falecer em 1994 no Rio de Janeiro. (p.12)

Na educação, **Cosme de Farias, Manuel Querino e Beatriz Nascimento**. O primeiro fundou e dirigiu, durante décadas, a liga baiana contra o analfabetismo, imprimindo e distribuindo milhões de cartas de abc. Na política baiana foi colaborador efetivo de todos os jornais, com uma seção denominada “linhas lingeiras”. Foi deputado. Faleceu em 15/03/1972. (p.14). **Maria Beatriz Nascimento**. Nasceu em 17/07/1942 em Aracaju/Sergipe, se formou em história e especializou-se em técnica de pesquisa com a orientação dedicada de José Horácio Rodrigues no arquivo nacional.

Sua paixão era a militância no movimento negro. Fundadora do grupo André Rebouças da UFF fluminense. Faleceu vítima de assassinato por parte de um detento branco, por questões de racismo. (1997, p.17)

Outro grande vulto foi **Manuel Querino** *(1997)* nasceu em 28/07/1851. Artista da raça e classe. Aos 17 anos foi recrutado para a guerra do Paraguai, foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios. Estudou arquitetura, aritmética, álgebra, geometria, desenho industrial. Foi premiado com a menção honrosa e duas medalhas de prata, pela Escola de Belas Artes. No liceu de Artes e Ofício recebeu medalha de bronze, prata e ouro. Lecionou no Liceu, Colégio dos Órfãos de São Joaquim. Foi jornalista, vereador, estudioso da cultura afro-brasileira. Foi um dos primeiros historiadores negro a publicar trabalho. (p. 15)

Nas ciências, temos *André Rebouças*. Nasceu em 13 de janeiro de 1838 em Cachoeira. Foi uma das pessoas mais importantes na luta em prol da causa abolicionista (p. 20). *Ainda nas* ciências **Juliano Moreira** (1997) nasceu em 6 de janeiro de 1873 em Salvador, dedicou-se aos estudos das ciências médicas, especializou-se em psiquiatria. **Martagão Gesteira**. Nasceu 17 de maio de 1884 em Conceição de Almeida. Na Bahia, fundou a liga baiana contra a mortalidade infantil **Teodoro Sampaio**, filho de escrava, nasceu em 7 de janeiro de 1835, fez parte da comissão de melhoramentos do Rio São Francisco, foi nomeado engenheiro chefe do saneamento do estado de São Paulo, colaborou com a construção do edifício do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. (p. 20)

Como representante da religião tradicional da África o caderno apresenta *Hilda Dias dos Santos, Mãe Hilda,* yalorixá Jitolu. Ela nasceu em 06 de janeiro de 1923. Foi através do terreiro Ilê Axé Jitolu que Mãe Hilda Jitolu, funda a Associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê. Nos anos 80, Mãe Hilda amplia a ação social do terreiro abrindo as suas portas para o funcionamento de uma escola primária - Escola Mãe Hilda. (p.24)

Nas Artes surgem grandes nomes que deixam a sua contribuição como afro-brasileiros, tal como *Batatinha (Oscar da Penha.)* Nasceu na maternidade Climério de Oliveira, na década de 20. Aos 15 anos foi trabalhar como contínuo no Diário de Notícias. Surgiu aí o compositor Batatinha.

Jackson do Pandeiro *(1997)* nasceu em 31de agosto de 1919, na Paraíba. Sua mãe era cantora e tocava zabumba. Em 1953 fica conhecido nacionalmente através do disco de 78 rotações. Jackson tinha uma forte influência rítmica negra. (p.27)

Mario Gusmão. (1997) Nasceu em 20de janeiro de 1928 em Cachoeira. Foi um negro militante que pregava acima de tudo suas raízes na irmandade da Boa Morte e nos terreiros da cidade de Cachoeira. (p.29)

Ainda sobre as artes temos o **Mestre Abdias**: considerado símbolo de resistência da arte do pano da costa. (p.31). Falaremos da sua contribuição de no caderno V " Perolas Negras do Saber".

Nelson Maleiro, (1997), nasceu em 20 de janeiro de 1909. Foi precursor da fabricação e conseqüente valorização dos timbaus, agogôs, atabaques, tumbadoras. Ele é uma figura inesquecível na cultura popular da Bahia. (p. 32).

Na capoeira angola temos a contribuição de **Mestre Pastinha** que nasceu em 05 de abril de 1889 em Salvador. Teve como mestre um negro de Angola chamado Benedito. Pastinha, produziu "melodias e ritmos da capoeira". (P.33). *O* **Mestre Bimba** (1997), nasceu em 23 de novembro de 1900. Mestre da capoeira Regional. Começou a aprender capoeira na antiga Estrada das Boiadas, Estrada da Liberdade. Ele criou a "luta regional baiana" introduzindo golpes de Jui-litsu, box e catch também denominada "A capoeira regional baiana" foi também denominada A palavra "regional" foi utilizada por Bimba, pelo fato de seu método ter sido inventado e praticado, naquela época em Salvador. (p.34).

3.2.Malê a Revolução

O Caderno X do Ilê Aiyê tem como tema "**Malês a Revolução**". Foi publicado no ano de 2002 e teve como apoio a mesma diretoria dos cadernos anteriores, com exceção de Paulo Raimundo Ferreira Bonfim, por motivo do seu falecimento. Além dos educadores já citados no caderno anterior tivemos a colaboração de Graça Onasilê. A capa e a ilustração foram elaboradas por J. Cunha.

A pesquisa foi realizada por Maria de Lourdes Siqueira e Jonatas Conceição, a produção foi realizada pela Viadireta Comunicações, a diagramação e editoração por Helida Rocha e a Impressão por Vênture.

O caderno encontra-se estruturado em 12 tópicos. Inicia-se com uma apresentação sobre os Malês a revolução, sob o título "*O islã representou o refúgio dos humildes*". O tópico seguinte, o segundo "Malês- a revolução" é dotado de informações desta revolução; o terceiro, "quem se tornou Malê", neste tópico em especial fala dos *nagôs, dos Haussás, dos ewes e fons (jejes), dos mandingas* como nações que se

tornaram malês e lutaram na revolução. O quarto tópico denominado "*O Papel dos Mulçulmanos na Rebelião de 1835*". No quinto, há o relato dos "Símbolos da presença islâmica na comunidade africana na Bahia de 1835. O sexto nomeado de "*Malês a Revolução*", o sétimo tópico, " *O papel da Liderança*" faz uma abordagem sobre o papel das lideranças na revolução Malê. O tópico seguinte " *As forças que se ocultam sempre parecem mais poderosas*", fala sobre a influência do dia de nossa senhora da Guia como um dia propicio para o acontecimento da revolução. O nono tópico trata dos" *perfis malês"*. O décimo tópico é constituído por um glossário que orienta e esclarece o leitor quanto a alguns nomes de origem islâmica citados no corpo do caderno X, Revolução Malês. *O* décimo primeiro traz algumas música cantadas pela associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê no carnaval de 2002. Por fim, o décimo segundo tópico, a professora e pesquisadora Ana Célia da Silva vem sugerindo algumas atividades pedagógicas para trabalhar o tema, A Revolução Malês em sala de aula.

Este caderno foi colocado em evidência neste trabalho por tratar de uma revolução "Malês", sobre a influência do islamismo na formação da identidade negra dos revoltosos, além de tratar com competência da origem, costumes dos diversos povos negros que vieram para a Bahia no século XIX, contribuindo assim para o resgate da identidade dos negros que fizeram a revolução Malê.

No inicio do caderno, na página que antecede o sumário, temos o poema denominado "*buscando outra sociedade*" de Luís Bacalhau e Juraci Tavares, que nos dá uma visão geral do que foi a Revolução Malês.

Estampidos ecoam, Liberdade, Liberdade
1835, Salvador, Levante Malê na cidade
Á frente Calafate e Licutan
No 25 de Janeiro, o Ramada
Dia da Glória, grande Glória
A revolta dos Malês
Página viva mudando a História

Ladeira da Praça, Ioruba, Haussá
Jeje, Mandinga, Nagô em parceirias
Com o grito negro islamizado
A cidade levantou
Seguiram pela Liberdade
E ao Ilê recomendou:
-Ilê pegue o tambor e ganhe a rua
A chama do levante é nossa, continua

Ahuna, Licutan, Sanim
Dandará, Manoel Calafate

Alufás do levante na cidade
Continuam com o Ilê Aiyê
Buscando outra sociedade

Malês são muçulmanos na região
Professando Alá, Alá
Guiados pelo Alcorão
Unidos mirando a cidadania
No levante islâmico várias etnias

A introdução do Caderno X "*Malês a Revolução" sob o título " o Islã representou o refúgio dos humildes, a* coordenação dos Cadernos nos remete a um pequeno texto sobre o Historiador e pesquisador João Reis. Para esta coordenação, Reis é quem, na atualidade, fez a pesquisa mais completa sobre revolta dos Malês: Rebelião Escrava no Brasil – a História do Levante dos Malês – 1835. Nessa revolta, o Islã teve um papel ambíguo nos movimentos político-religiosos da África ocidental, na primeira metade do século XIX. Com o tema Revolta dos Malês, a coordenação, juntamente com equipe de professores, direção e pesquisadores buscam contribuir para fazer uma educação comprometida com os ideais de liberdade, justiça social e igualdade racial. (p. 6).

A ilustração do artista plástico J. Cunha na página 7 deste caderno, aponta os povos africanos que já se encontravam no Brasil na época da revolta dos Malês.

Figura retirada da página 7 do caderno 10 realizada pelo artista plástico J. Cunha.

No segundo tópico do caderno, na página 8**,** o grupo de pesquisadores que constituíram este caderno traz "*Malês – A revolução*" descrevendo a visão do Ilê sobre a revolta.

Para o Ilê, a revolução constituiu um capítulo da História das lutas negras as quais teveram origem no continente africano e continua em diversas partes do mundo; nas Américas, nas Antilhas, no Caribe, na Ásia, na Europa, onde quer que os africanos se encontrem. Para o Ilê, o caminho humano da vida africana é constituído de lutas, de glórias, de diferenças, tornando este caminho dotado de uma riqueza diferente no seu jeito de sentir, de pensar, de viver, de ter esperança na vida e na coletividade sempre.

O Ilê então fala que a Revolução Malê, significa relembrar como se deu a origem do grupo de africanos escravizados, aqui denominados Malês ou Musulmis-Muçulmanos, Maometanos, Filhos de Allah. Esta denominação corresponde a negros muçulmanos ou maometanos, cuja procedência vem dos povos nagôs, Haussás,

Mandinques, Fulanis ou Peuls, Bornus, Adamanás, Minas, Tapas e todos os povos Sudaneses da África Ocidental.

O Islã mesclou diferentes grupos étnicos, guardando seus princípios fundamentais e adapatando-se ás circunstância de tempo e lugar no Brasil. A representação principal da origem dos Malês está entre Nagôs e Haussás. Segundo Siqueira (2002, p. 8) “estes grupos são sociedades altamente desenvolvidas, politicamente independentes, complexas, economicamente avançadas, originárias de um alto nível de civilização de cultura, de tradição religiosa”.

Um ddo importante abordado no caderno é que, os mulçumanos que viviam no Brasil no século XIX eram encontrados principalmente em São Paulo, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, mas a maior concentração destes estava na Bahia. Nas pesquisas a respeito da procedência dos Malês que chegavam à Bahia e que participaram da revolta, são encontrados os Nagôs, Haussás, Jêjes, Minas, Bornu, Caniba, Congfo, Gruma ou Grunci e Tapa.

Na página 9 tem-se a descrição dos africanos que se tornaram malês. São eles os Nagôs, os Haussás, os Ewés e Fons (Jejes) e os Mandingas.

As informações que se tem da oriegem dos nagôs é, que estes vieram do oeste da Nigéria, originários dos povos Yorubá, constituído de reinos, tradições, culturas da mais fina origem africana. Estão situados entre o antigo Dahomé, hoje Benin, vivendo numa planície rodeada de lagoas, já em parte islamisadas. Sobre os Haussás, as informções é que eles tinham como estrutura política e geográfica as cidades - estados situadas entre o Niger e Tchad, numa encruzilhada constituída por vias comerciais por eles formadas no interior do país, ligando Trípoli e Egito á Floresta Tropical, de uma parte, e de outra parte o Niger e o Alto Vale do Nilo. Pode-se dizer que os Haussás estão situados na Nigéria Meridional. (p. 9)

O Caderno apresenta as principais cidades do Estado Haussás. As quais eram organizadas como cidades - Estados que são Kono, Daoura, Gobir, Katsina, Zaria e Rano. Daoura é a cidade mãe. Em Daoura um dos pontos de maior circulação é o mercado onde se realizam as trocas de bens, de mercadorias das produções locais, dos produtos de subsistência. A organização familiar se passa entre a linha de sucessão matrilinear. Na cidade do Kano, cidade de próspero desenvolvimento, o islamismo é introduzido no século XIV pelos povos do Mali em 1385. A cidade de Zaria sofreu uma grande invasão e foi salva pela liderança de uma celébre presença feminina, a princesa Amina.

O povo *Haussás*, em contato com outros povos mais ao Sul e ao Sudoeste, mesclou-se com povos diferentes de seu habitat original, pois se localizavam mais ao Norte e a Leste. As cidades Haussás constituíam grandes fortalezas que se estendiam do Sudão Central e era expostas e abertas a todos os tipos de influências, de trocas, de deslocamentos entre elas, o que as impediam de possuir um papel político dominante. As cidades Haussás se caracterizavam por serem comunidades rurais destinadas ao comércio e às artes. Os Estados Haussás dispunham de uma economia complexa, através da agricultura e do comércio judicialmente articulados em atividades pré-industriais de tecelagem, sapataria, artigos metálicos. Estes Estados também desenvolviam uma burguesia comercialmente aberta a inovações, ao lado de uma aristocracia burocrática. Aqui o rei era eleito pelos notáveis, o Conselho de representantes eleitos fora dos critérios das cidades africanas tradicionais. . Estes estados encontravam-se pelo Sudão Ocidental e Central para além do Sahara. A religião muçulmana, por um lado, era permeada de elementos constitutivos das religiões tradicionais africanas**.** A língua dos Haussá era falada em toda parte oriental do Oeste Africano. (p. 10).

Outros povos citados no caderno X, foram os *Ewés e Fons (Jejes*). Segundo descrição de Siqueira e Silva, os reinos de Ifé, Oyó e Benin constituíram organizações políticas que por sua vez tiveram suas raízes em reinos que datam de períodos anteriores, considerados de primeira grandeza: Os Ewés e os Fons do Dahomé, eram povos vizinhos dos Minas. Possuiam origem lingüística em comum com os Yorubás, através da cidade de Ketu. As chefarias Ewés nascem em torno de um caçador denominado Afoché que passou o poder a seu filho Agokoli no início do século XVII. O poder neste reino se constituía de pequenos cantões que se reuniam em torno de um chefe superior. Para decisões importantes aplicava-se o apresentado pelos mais velhos da família do soberano. Era um tipo de sociedade política fortemente enraizada em forma de organização de linhagens (p. 10).

Por fim, os autores descrevem a História dos *Mandingas* que se encontram entre o Alto Senegal e o Alto Níger. Nas colinas dos Mandinga os Malinké dispunham de duas vilas principais: Kiri e Dakadiala. A organização principal destes povos era as contratarias de caçadores ligados por celebrações e rituais de iniciação que conferiam prestigio e consolidava posições em suas sociedades. Estes povos foram convertidos ao islamismo no ano de 1050. O rei Mallel, o primeiro, converte-se ao islã, possivelmente em face ao desespero causado por uma longa seca seguidos de importunos que atingiam

a região. Ao converter-se, o Rei retirou-se para uma colina onde passou a noite em oração**.** Entre esses povos havia mesclas que se realizavam principalmente ao atravessarem o Atlântico. Há cantigas que mostram orações coletivas entre Nagôs, Haussás, Jejês. A religião muçulmana se mesclava com elementos das religiões tradicionais africanas. As civilizações Haussás podem ser consideradas civilizações de sínteses em todos os níveis. (p. 11)

Ainda no caderno X, no tópico 4 do caderno, temos "*o papel dos muçulmanos na rebelião de 1835*". Para os pesquisadores não há dúvidas da importância do papel desempenhado pelos muçulmanos na rebelião de 1835.

Para Siqueira e Silva (2002) o islã teve papel ambíguo nos movimentos político-religiosos da África Ocidental na primeira metade do século 19. Por um lado, representou a ideologia e inspirou formas de governo de Estados geralmente expansionistas, mas por outro lado, representou o refúgio dos humildes, dando força espiritual, moral e organizativa a pessoas pobres livres que viviam subordinadas aos poderosos protegidos da religião tradicional dos orixás e manteve viva a esperanças de libertação de milhares de escravos mulçumanos. Segundo os pesquisadores, que puderam contribuir para prosposta do PEP do Ilê, um escritor referindo-se á extensão do reino Haussá disse:" Kano, a cidade mãe do Estado Haussá vestia dois terços do Sudão e quase todo o Sahara Oriental e Ocidental". (p. 11).

O islã não constituía uma força religiosa hegemônica entre os africanos na Bahia. Na melhor das hipóteses, representava um concorrente de peso num ambiente cultural que também incluía o culto dos orixás nagôs, o *vodun dos jejes*, num ambiente cultural que incluindo o culto aos espíritos ancestrais dos angolanos – entre outras expressões religiosas africanas.

No o quinto tópico denominado "Os *símbolos da presença islâmica na comunidade africana na Bahia de 1835"*. Siqueira e silva concluem que a penetração mulçumana na comunidade escravista se realizava em níveis distintos de profundidade religiosa e de compromisso. Num nível mais superficial, encontramos a adoção de símbolos exteriores da cultura muçulmana. Eram particularmente populares os amuletos ou talismãs malês. Na Bahia, os talismãs malês eram objetos de uso obrigatório de muçulmanos e não-muçulmanos indistintamente, devido á reputação de possuírem forte poder protetor. (p.14)

Na página 16 deste Caderno afirma-se que a revolta de 1835 não foi uma explosão espontânea nem o resultado de uma apressada decisão, como por vezes

acontecera com revoltas escravas superiores. Houve um longo período de "gestação". Quando os Malês se reuniam na rua ou em casa pra vivenciar os preceitos de sua religião ou simplesmente para repartir outras dimensões da vida, aproveitavam a ocasião para a imaginar um mundo melhor. E para alcançar este mundo melhor não descartavam o uso da força**,** mas sua guerra, por muito tempo, não passou de uma rebeldia retórica, uma metáfora do conflito social efetivo. Após duas décadas de rebelião de africanos na Bahia, a experiência insurrecional faria parte de qualquer especulação, por menos objetiva que fosse. A revolta dos Malês aconteceu num momento de expansão do islã entre os africanos que viviam na Bahia.

Ainda sobre a revolta, os autores descrevem que na constituição baiana de 1824 o catolicismo constava como a religião do estado, única com direito a celebrar cerimônias públicas e estabelecer templos às claras. Aos estrangeiros europeus concedia-se direito á liberdade religiosa, desde que exercida privadamente. As religiões africanas eram consideradas ilegais, caso policial e não constitucional. Sendo assim, os Malês viviam na ilegalidade.

Na página 20 do Caderno é abordado "O *papel da liderança*", que trata da perspicácia dos lideres revolucionários Malês, sendo fundamental na consolidação de uma estrutura organizacional rebelde. Enquanto o número de confessos e simpatizantes aumentava sem qualquer promessa concreta de revolta, eles avaliavam seus liderados, estudavam a condições políticas, meditavam sobre o melhor momento de se rebelarem. Para os líderes, era importante um momento que associassem considerações de estratégia secular (profana) com o desdobramento da vontade de Alá. Para isso contavam com a confiança e o respeito indiscutível de discípulos a segui-los para onde fossem. Segundo historiadores, é quase certo que a revolta de 25 de Janeiro de 1835 foi decidida entre novembro e dezembro de 1824, depois da prisão de Alufá Pacífico Litutan por motivos alheios à revolta e à prisão e humilhação de outro importante mestre, Ahuna. Foi uma decisão calculada, política, que soube conter a emoção na hora da crise, que soube também, escolher uma hora coerente com o calendário islâmico.

Na página 21 trata-se de "*As forças que se ocultam sempre parecem mais poderosa"*. Neste tópico é descrita a organização da revolta. Isto quer dizer, que durante cerca de um mês o Malês foram mantidos sob estado de alerta, pois a rebelião poderia explodir a qualquer momento. A palavra sobre a data precisa só alcançou os escalões secundários de rebeldes com poucos dias ou, para muitos, poucas horas de antecipação. Lançou-se mão deste expediente de segurança certamente para reduzir ao máximo a

ação dos delatores. (p. 21). Então protegidos por amuletos, abadás e a palavra de seus mestres religiosos, agindo em sintonia com uma conjuntura cósmica favorável, os malês foram á luta com enorme esperança de sucesso. “A vitória vem de Alá. A vitória está perto. Boas novas para os crentes”, prometiam o texto fortemente milenarista de um amuleto confiscado pela polícia.

Neste caderno os pesquisadores Siqueira e Silva descrevem a compreensão do historiador João Reis sobre a *Revolta dos Rebeldes.* Para *Reis* “os rebeldes pretendiam romper com a dominação branca e viam mulatos e crioulos como cúmplices - não vítimas como ele - dessa dominação. Mas acreditamos que caso a história tivesse dado chance, uma vez no poder os africanos terminariam por estabelecer um modo de vida com os afro-baianos, como aconteceu no Haiti, por exemplo. Talvez fosse possível fazer antes de qualquer coisa um folguedo de matar branco. ‘Guerra aos Brancos’, ‘matar os brancos’ e outras expressões do gênero foram as mais freqüentes nos depoimentos dos africanos presos. Nem crioulos nem mulatos foram objeto de tanta atenção dos insurgentes de 1835”. (Caderno X apud REIS, JOÃO J. p. 24).

A rebelião foi planejada como uma aliança entre malês e demais africanos; e efetivamente não foram apenas os malês que saíram ás ruas. O caderno traz uma afirmação de Reis sobre o cenário de insurgência da Revolução Malês de 1835 em que:

> Não negamos a hegemonia dos malês no bloco rebelde, negamos sua solidão. O cenário que imaginamos para os eventos de 1835 é o seguinte: uma vanguarda Malê responsável pela idealização e início da revolta; um segundo grupo de parceiros de trabalho, amigos e simpatizantes dos malês mobilizados ás pressas por este algumas horas antes ou no calor da própria luta; finalmente, o pessoal que se lançou na insurreição por conta própria, gente que acordou com o barulho na rua, saiu, olhou, conferiu e decidiu participar. Neste cenário os Malês lutam ao lado de Kafir (descrente, infiel, pagão para os árabes), de cultuadores de Voduns e orixás. Principalmente estes últimos. Se quisermos definir resumidamente o movimento de 1835, podemos dizer que a conspiração foi Malê e o levante foi africano. (p. 24).

Silva e Siqueira afirmam que

> Está claro que as lideranças religiosas e políticas se fundiram no movimento de 1835. Conseguimos identificar sete importantes lideres envolvidos na revolta. São eles: AHUNA, tinha estatura ordinária, carregava em cada lado do rosto 4 cicatrizes, marcas tribais, era nagô. O segundo era PACÏFICO LICUTAN, foi descrito como homem idoso, alto, magro, barba rala, cabeça e orelhas pequenas "com sinais"peculiares, outros transversais na cara. O terceiro SANIM, em 1835 ele já havia atingido avançada idade era homem de estatura ordinária, testa larga, cabelos brancos, barba cerrada e 'mãos foveiras', trabalhava enrolando fumo. O quarto, MANOEL CALAFATE, era liberto, de origem ioruba, Calafate por ofício. Morava na casa da Ladeira da Praça, onde a insurreição começou. MANOEL CALAFATE foi uma figura bastante importante no esquema revolucionário. O quinto Elesbão do Carmo, O Dandará. era liberto e o mais prospero dos mestres. Morava no Caminho novo do Gravatá com Emereciana, sua mulher. Ele possuía uma loja de negociar fumo no mercado de Santa Bárbara, freguesia da Conceição da Praia. (SILVA, J.,C., ; SIQUEIRA, M,L. 2002, p.25).

No tópico 10 deste caderno, temos um glossário sobre nomes e seus respectivos significados utilizados no corpo do caderno para descrever a revolução Malê. Na página 31 e nas páginas subseqüentes são acompanhadas de poesias e músicas que foram cantadas pelo Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê no ano de 2002. Como forma de ilustrar o trabalho das músicas escolhidas para o carnaval de 2002 do Ilê, destacaremos a seguir a "*Levante de saberes africanos*" de Guellwaar e Moa Catendê. (p.30). As demais músicas estarão anexadas (p. 30).

Levante de Sabere... A noite caiu,
(A noite da Glória talvez)
Na hora da verdade de grandes sábios malês
Com fúria e sonhos natez.
1835 voltas do mundo male,
Um sonho tão belo foi subtraído.
Mas ressoa no coro do majestoso Ilê
Por toda cidade vitorioso.
Cante! Vibre!
Ninguém cala a boca de Babba Almami
(Carcará)
O poder era o fim e a rainha esquecida Luiza Mahin
Temperou à revolta no tempo da memória;
Em nome de Allah ser o dono da terra
Para calafatear nosso caminho.
Só quem tem patuá não tem
Escorrega, levanta e nunca está sozinho.
Alufás: Dassalú, Dandará, Salin,
Licutan, Nicobé, Ahuna...

A pesquisadora e Educadora Ana Célia da Silva compreendendo que “a revolta Malê é um marco de suma relevância para a História da civilização africana brasileira, mostran, sobretudo, o quanto a religião mulçumana foi significativa para estabelecer um elo comum entre os revoltosos”. Na página 40, vem com sugestões de atividades pedagógicas sobre o tema proposto: ”*Malês - A revolução*”.

3.2.1. Alguns pontos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileiras e africana da lei 10639/03.

Neste tópico buscamos descrever as Diretrizes Curriculares Nacionais da Lei 10639/2003 para a educação das relações etnicos-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira e Africana, aprovada em 10 de março de 2004. Na ocasião teve como relatores Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva , Carlos Roberto Jamil Cury, Francisca Novantino e Marilia Ancona-Lopes. Este documento tem como objetivo regulamentar a alteração trazida à Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Busca cumprir o estabelecido na Constituição Federal nos seus Art. 5º, I, Art. 210, Art. 206, I, § 1° do Art. 242, Art. 215 e Art. 216, bem como nos Art. 26, 26 A e 79 B na Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros. (lei 10639/03, 2004,p.1). Ver diretrizes na integra em anexo

Para Silva, P.,B.,G, (2004) todos estes dispositivos legais, bem como reivindicações e propostas do Movimento Negro ao longo do século XX, apontam para a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Lei 10639/2003 foram elaborados através de questionários enviados a grupos do Movimento Negro, a militantes individualmente, aos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação, a professores que vêm desenvolvendo trabalhos que abordam a questão racial, a pais de alunos, enfim a cidadãos empenhados com a construção de uma sociedade justa, independente de seu pertencimento racial e do nível de escolaridade.

As questões que delineiam as diretrizes, buscaram oferecer resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afro-descendente no sentido de políticas de ações afirmativas, para então exigir do Estado a promoção e incentivo às políticas de reparações, no que cumpre ao disposto na Constituição Federal, Art. 205, que assinala o dever do Estado de garantir indistintamente, por meio da educação, iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um, enquanto pessoa, cidadão ou profissional. (SILVA, P. B. G.Lei 10639/03, 2004, p.1)

Com base nesta compreensão às questões introdutórias, delineiam que as Políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão. Sendo assim, a demanda da comunidade afro-brasileira por *reconhecimento*, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10639/2003, que alterou a Lei 9394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas nos currículos de educação básica (Lei 10639/03. p.2).

Nas novas diretrizes, reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. Assim como, reconhecer exige que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual. Ainda assim, reconhecer exige que os estabelecimentos de ensino, freqüentados em sua maioria por população negra, contenham instalações e equipamentos sólidos, atualizados, com professores competentes no domínio dos conteúdos de ensino, comprometidos com a educação de negros e brancos, no sentido de que venham a relacionar-se com respeito, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes e palavras que impliquem desrespeito e discriminação.

Segundo Silva, Petronilha B.,G. Estas diretrizes visam combater o racismo, mas para tanto é necessário combater, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e

discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. (SILVA. P.,B.,G. Lei 10639/03, 2004, p. 5).

A relatora nos alerta para a importância de tomarmos conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra no Brasil, pois este processo é marcado por uma sociedade que para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. Silva. P.,B.,G. (2004) afirma que é por isto que no Brasil ainda é possível, que algumas pessoas de pele clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai ou a mãe ser negro (a), se designarem negros; que outros, com traços físicos africanos, se digam brancos". "Neste momento entra o papel do movimento negro, que vem resignificar o termo negro dando-lhe um sentido político e positivo". SILVA. P.,B.,G. Lei 10639/03, 2004, p.5).

Em meio à complexidade de assumir a identidade negra, o negro ainda enfrenta por parte da parcela "branca" da população brasileiros vários equívocos, dentre eles a afirmação de que os negros se discriminam entre si e que são racistas também; a crença de que a discussão sobre a questão racial se limita ao Movimento Negro e a estudiosos do tema, e não à escola. Outro equívoco é de que o racismo, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento só atingem aos negros.

Diante destes equívocos a relatora expõe que as Pedagogias de combate ao racismo e as discriminações têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, e as contribuições, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras. Para Silva.P.,B.,G. (2004) Precisam estar atentas para que todos, negros e não negros, além de ter acesso a conhecimentos básicos tidos como fundamentais para a vida integrada à sociedade, exercício profissional competente, recebam formação que os capacite para forjar novas relações étnico-raciais. Para tanto, há necessidade, de professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos e, além disso, sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferentes pertencimentos étnico-racial, no sentido do respeito e da

correção de posturas, atitudes, palavras preconceituosas. (SILVA, P.,B.,G. Lei 10639/03, ,2004, p.5).In:Mec.2004.

As determinações das diretrizes curriculares nacionais sobre a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que se faz através da obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica**.** Trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Silva enfoca que não se trata de mudar um foco etnocêntrico, marcadamente de raiz européia, por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira.

Para conduzir suas ações, os sistemas de ensino, os estabelecimentos e os professores terão como referência, entre outros aspectos pertinentes, as bases filosóficas e pedagógicas que assumem os princípios a seguir explicitados como a *Consciência política e histórica da diversidade* das *ações educativas de combate ao racismo e a discriminações.*

Para Silva, P.,B.,G.,(2004)Estes princípios e seus desdobramentos que serão descritos a seguir exigem mudança de mentalidade, de maneiras de pensar e agir dos indivíduos em particular, assim como das instituições e de suas tradições culturais. É neste sentido que se fazem as seguintes determinações, às diretrizes curriculares nacionais para a Educação das relações étnico-racial e para o ensino de História e cultura Afro-brasileira e Africana. (SILVA, P.,B.,G., Lei 10639/03, 2004, p.5).

Evitando-se distorções, envolverão articulação entre passado, presente e futuro no âmbito de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo negro. É meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivos o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas na nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas.

As Diretrizes prescrevem que o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana se fará por diferentes meios, em atividades curriculares ou não, em que: - se explicite, busque compreender e interpretar, na perspectiva de quem o formule, diferentes formas de expressão e de organização de raciocínios e pensamentos de raiz da cultura africana; - promovam-se oportunidades de diálogo em que se conheça e se ponha em comunicação diferentes sistemas simbólicos e estruturas conceituais, bem como se busquem formas de convivência respeitosa, além da construção de projeto de sociedade em que todos se sintam encorajados a expor, defender sua especificidade étnico-racial e a buscar garantias para que todos o façam; - sejam

incentivadas atividades em que pessoas – estudantes, professores, servidores, integrantes da comunidade externa aos estabelecimentos de ensino – de diferentes culturas inter-atuem e se interpretem reciprocamente, respeitando os valores, visões de mundo, raciocínios e pensamentos de cada um.

Tais pedagogias precisam estar atentas para que todos os negros e não negros, além de terem acesso a conhecimentos básicos tidos como fundamentais para a vida integrada a sociedade, exercício profissional competente, recebam formação que os capacite para forjar novas relações étnico-raciais. Para tanto, há necessidade de professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos e, além disso, sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferentes pertencimentos étnico-racial, no sentido do respeito e da correção e posturas, atitudes e palavras preconceituosas.

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação das relações étnico-raciais, no parecer das Diretrizes Curriculares Nacionais da Lei 10639/03, se desenvolverá no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo de disciplinas, particularmente, Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais, em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares. (SILVA, P. B. G.,2004, Lei 10639,2004, p. 8).

O ensino de Hi*stória Afro-Brasileira* abrangerá, entre outros conteúdos, iniciativas e organizações negras, incluindo a história dos quilombos, a começar pelo de Palmares, e de remanescentes de quilombos, que têm contribuído para o desenvolvimento de comunidades, bairros, localidades, municípios, regiões, a exemplos das associações negras recreativas, culturais, educativas, artísticas, de assistência, de pesquisa, irmandades religiosas, grupos do Movimento Negro. Será dado destaque a acontecimentos e realizações próprios de cada região e localidade. (lei 10639/03, 2004,p. 8).

Em História da África, tratada em perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente, nos tópicos pertinentes, se fará articuladamente com a história dos afrodescendentes no Brasil e serão abordados temas relativos: - ao papel dos *anciãos* e dos *griots* como guardiões da memória histórica; - à história da ancestralidade e religiosidade africana; - aos *núbios* e aos *egípcios*, como civilizações que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da humanidade; - às civilizações e organizações políticas pré-coloniais, como os reinos do Mali, do Congo e do Zimbabwe; - ao tráfico e à escravidão do ponto de vista dos escravizados; - ao papel dos europeus, dos asiáticos e também de africanos

no tráfico; - à ocupação colonial na perspectiva dos africanos; - às lutas pela independência política dos países africanos; - às ações em prol da união africana em nossos dias, bem como o papel da União Africana; - às relações entre as culturas e as histórias dos povos do continente africano e os da diáspora; - à formação compulsória da diáspora, vida e existência cultural e histórica dos africanos e seus descendentes fora da África; - à diversidade da diáspora, hoje, nas Américas, Caribe, Europa, Ásia; - aos acordos políticos, econômicos, educacionais e culturais entre África, Brasil e outros países da diáspora. (Lei 10639/03, 2004, p. 8).

O ensino de Cultura Afro-Brasileira destacará o jeito próprio de ser, viver e pensar manifestado tanto no dia a dia, quanto em celebrações como congadas, moçambiques, ensaios, maracatus, rodas de samba, entre outras. (Lei 10639/03, 2004, p. 9).

O ensino de Cultura Africana abrangerá: - as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais; - as universidades africanas Tambkotu, Gao, Djene que floresciam no século XVI; - as tecnologias de agricultura, de beneficiamento de cultivos, de mineração e de edificações trazidas pelos escravizados, bem como a produção científica, artística (artes plásticas, literatura, música, dança, teatro) e política na atualidade. (Lei 10639/03, 2004,p.9).

Para tanto, os sistemas de ensino e os estabelecimentos de Educação Básica, nos níveis de Educação Infantil, Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, Educação Superior, precisarão providenciar:

-Registro da história não contada dos negros brasileiros, tais como em remanescentes de quilombos, comunidades e territórios negros urbanos e rurais.

- Apoio sistemático aos professores para elaboração de planos, projetos, seleção de conteúdos e métodos de ensino, cujo foco seja História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e a Educação das Relações Étnico-Raciais. (Lei 10639/03, 2004,p.9);

-Mapeamento e divulgação de experiências pedagógicas de escolas, estabelecimentos de ensino superior, Secretarias de Educação, assim como, levantamento das principais dúvidas e dificuldades dos professores em relação ao trabalho com a questão racial na escola e encaminhamento de medidas para resolvê-las, feitos pela administração dos sistemas de ensino e por Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros. (Lei 10639/03, 2004, p.9);

- Articulação entre os sistemas de ensino, estabelecimentos de ensino superior, centros de pesquisa, Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, escolas, comunidade e movimentos sociais, visando à formação de professores para a diversidade étnico/racial. (Lei 10639/03, 2004, p.9);

- Instalação, nos diferentes sistemas de ensino, de grupo de trabalho para discutir e coordenar planejamento e execução da formação de professores para atender ao disposto neste parecer quanto à Educação das Relações Étnico-Raciais e ao determinado nos Art. 26 e 26A da Lei 9394/1996, com o apoio do Sistema Nacional de Formação Continuada e Certificação de Professores do MEC. (Lei 10639/03, 2004, p.9);

- Introdução, nos cursos de formação de professores e de outros profissionais da educação, de análises das relações sociais e raciais no Brasil; de conceitos e de suas bases teóricas, tais como racismo, discriminações, intolerância, preconceito, estereótipo, raça, etnia, cultura, classe social, diversidade, diferença, multiculturalismo;

-Utilização de práticas pedagógicas, de materiais e de textos didáticos, na perspectiva da reeducação das relações étnico-raciais e do ensino e aprendizagem da História e cultura dos Afro-brasileiros e dos Africanos. (Lei 10639/03, 2004,p.10).

O ensino de Hi*stória Afro-Brasileira* abrangerá, entre outros conteúdos, iniciativas e organizações negras que têm contribuído para o desenvolvimento de comunidades, bairros, localidades, municípios, regiões (Exemplos: associações negras recreativas, culturais, educativas, artísticas, de assistência, de pesquisa, irmandades religiosas, grupos do Movimento Negro). Será dado destaque aos acontecimentos e realizações próprios de cada região e localidade.

As datas significativas para cada região e localidade serão devidamente assinaladas. O 13 de maio, Dia Nacional de Luta contra o Racismo (...) e de divulgação dos significados da Lei Áurea para os negros. No dia 20 de novembro será celebrado o Dia Nacional da Consciência Negra, (...).Entre outras datas de significado histórico e político deverá ser assinalado o 21 de março, Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial.

As Diretrizes Curriculares nacionais da Lei 10639/03 determinam que o ensino de História e de Cultura Afro-Brasileira far-se-á por diferentes meios, inclusive, a realização de projetos de diferentes naturezas, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes em episódios da história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (tais como: Zumbi, Luiza Nahim, Aleijadinho, Padre Maurício, Luiz Gama, Cruz e Souza, João Cândido, André Rebouças, Teodoro Sampaio, José Correia Leite, Solano Trindade, Antonieta de Barros, Edison Carneiro, Lélia González, Beatriz Nascimento, Milton Santos, Guerreiro Ramos, Clóvis Moura, Abdias do Nascimento, Henrique Antunes Cunha, Tereza Santos,

Emmanuel Araújo, Cuti, Alzira Rufino, Inaicyra Falcão dos Santos, entre outros. (Lei 10639/03, 2004, p.10).

O ensino de História e Cultura Africana se fará por diferentes meios, inclusive a realização de projetos de diferente natureza, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, em episódios da história mundial, na construção econômica, social e cultural das nações do continente africano e da diáspora, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (entre outros: Rainha Nzinga, Toussaint-Louverture, Martin Luther King, Malcon X, Marcus Garvey, Aimé Cesaire, Léopold Senghor, Mariama Bâ, Amílcar Cabral, Cheik Anta Diop, Steve Biko, Nelson Mandela, Aminata Traoré, Christiane Taubira).

As diretrizes determinam alguns aspectos como descritos a seguir.

A inclusão, respeitada a autonomia dos estabelecimentos do Ensino Superior, nos conteúdos de disciplinas e em atividades curriculares dos cursos que ministra, de Educação das Relações Étnico-Raciais, de conhecimentos de matriz africana e/ou que dizem respeito à população negra. Por exemplo: em Medicina, entre outras questões, destaca-se o estudo da anemia falciforme, da problemática da pressão alta; em Matemática, contribuições de raiz africanas, identificadas e descritas pela Etno-Matemática; em Filosofia, estudo da filosofia tradicional africana e de contribuições de filósofos africanos e afrodescendentes da atualidade. (Lei 10639/03, 2004, p. 10).

A Inclusão de bibliografia relativa à história e cultura afro-brasileira e africana às relações étnico-raciais, aos problemas desencadeados pelo racismo e por outras discriminações, à pedagogia anti-racista nos programas de concursos públicos para admissão de professores. (Lei 10639/03, 2004, p.10).

A inclusão, em documentos normativos e de planejamento dos estabelecimentos de ensino de todos os níveis - estatutos, regimentos, planos pedagógicos, planos de ensino - de objetivos explícitos, assim como de procedimentos para sua consecução, visando ao combate do racismo, às discriminações, ao reconhecimento, valorização e respeito das histórias e culturas afro-brasileira e africana. (Lei 10639/03, 2004, p.10).

A previsão, nos fins, responsabilidades e tarefas dos conselhos escolares e de outros órgãos colegiados, do exame e encaminhamento de solução para situações de racismo e de discriminações, buscando-se criar situações educativas em que as vítimas recebam apoio

requerido para superar o sofrimento e os agressores, orientação para que compreendam a dimensão do que praticaram e para ambos, educação para o reconhecimento, valorização e respeito mútuos. (Lei 10639/03, 2004, p.10).

A inclusão de personagens negros, assim como de outros grupos étnico-raciais, em cartazes e outras ilustrações sobre qualquer tema abordado na escola, a não ser quando tratar de manifestações culturais próprias de um determinado grupo étnico-racial. (Lei 10639/03, 2004, p.10).

A organização de centros de documentação, bibliotecas, midiotecas, museus, exposições em que se divulguem valores, pensamentos, jeitos de ser e viver dos diferentes grupos étnico-raciais brasileiros, particularmente dos afrodescendentes. (Lei 10639/03, 2004, p.10).

A identificação, com o apoio dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, de fontes de conhecimentos de origem africana, a fim de selecionarem-se conteúdos e procedimentos de ensino e de aprendizagens. (Lei 10639/03, 2004, p.10).

A identificação, coleta, compilação de informações sobre a população negra, com vistas à formulação de políticas públicas de Estado, comunitárias e institucionais. (Lei 10639/03, 2004, P.10).

A edição de livros e de materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino, que atendam ao disposto neste parecer, em cumprimento ao disposto no Art. 26A da LDB, e para tanto abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura, a identidade dos afrodescendentes, sob o incentivo e supervisão dos programas de difusão de livros educacionais do MEC - Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE). (Lei 10639/03, 2004, p.10).

A divulgação, pelos sistemas de ensino e mantenedoras, com o apoio dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, de uma bibliografia afro-brasileira e de outros materiais como mapas da diáspora, da África, de quilombos brasileiros, fotografias de territórios negros urbanos e rurais, reprodução de obras de arte afro-brasileira e africana a serem distribuídos nas escolas da rede, com vistas à formação de professores e alunos para o combate à discriminação e ao racismo. (Lei 10639/03, 2004, P.10).

Garantia, pelos sistemas de ensino e entidades mantenedoras, de condições humanas, materiais e financeiras para execução de projetos com o objetivo de Educação das Relações Étnico-raciais e estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, assim como organização de serviços e

atividades que controlem, avaliem e redimensionem sua consecução, que exerçam fiscalização das políticas adotadas e providenciem correção de distorções.(Lei 10639/03, 2004, p.10).

Realização, pelos sistemas de ensino federal, estadual e municipal, de atividades periódicas, com a participação das redes das escolas públicas e privadas, de exposição, avaliação e divulgação dos êxitos e dificuldades do ensino e aprendizagem de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e da Educação das Relações Étnico-Raciais; assim como comunicação detalhada dos resultados obtidos ao Ministério da Educação, à Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, ao Conselho Nacional de Educação, e aos respectivos conselhos Estaduais e Municipais de Educação, para que encaminhem providências, quando for o caso. (Lei 10639/03, 2004, p. 11).

A inclusão, nos instrumentos de avaliação das condições de funcionamento de estabelecimentos de ensino de todos os níveis, nos aspectos relativos ao currículo, atendimento aos alunos, de quesitos que avaliem a implantação e execução do estabelecido neste parecer. (Lei 10639/03, 2004, p.11).

Por fim as Diretrizes Curriculares Nacionais preservam a necessidade de disponibilização deste parecer, na sua íntegra, para os professores de todos os níveis de ensino, responsáveis pelo ensino de diferentes disciplinas e atividades educacionais, assim como para outros profissionais interessados a fim de que possam estudar, interpretar as orientações, enriquecer, executar as determinações aqui feitas e avaliar seu próprio trabalho e resultados obtidos por seus alunos, considerando princípios e critérios apontados. (Lei 10639/03, 2004, p.11).

È importante salientarmos que as Diretrizes Curriculares Nacionais da Lei 10639/2003 para a Educação das Relações Etnicos-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, aprovada em 10 de março de 2004 encontra-se na integra no capítulo referente ao anexo dessa dissertação.

4 CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA AOS CONTEÚDOS SIGNIFICATIVOS DOS CADERNOS DE EDUCAÇÃO DO PEP DO ILÊ AIYÊ

Neste capítulo procuramos ampliar á luz da teoria os dados apresentados nos Cadernos de Educação do projeto de extensão Pedagógica do Ilê Aiyê. O primeiro caderno foi publicado em 1995 com o tema "Organizações de Resistência Negra". O segundo selecionado foi o caderno III, publicado em 1996 com o tema "Zumbi 300 anos- Ilê 21 anos". O terceiro caderno selecionado foi o volume IV no ano de 1996 "As Forças das Raízes". O quarto caderno selecionado, volume V publicado no ano de 1997 descreve as "Perolas Negras do Saber" e por fim o quinto caderno escolhido para esta pesquisa foi volume X, publicado em 2002 intitulado "A Revolução do Malês.

Neste caderno **Organização de Resistência Negra,** foram identificados os seguintes dados: Os núcleos tradicionais de resistência religiosa no Brasil, como as irmandades religiosas, especificamente a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Os Terreiros de Candomblé. As organizações quilombolas, breve bibliografia de Zumbi do Palmares. O caderno ainda cita Um afoxé e um bloco de índio em Salvador; Filhos de Ganhi (1949) e Apaches do Tororó (1968). Por fim a História do Bloco Afro Ilê Aiyê nos seus 21 anos de trajetória.

A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e os terreiros de candomblé criados no Brasil se tornaram núcleos de resistências. Esses núcleos de resistência foram criados pelos povos africanos que foram trazidos para o Brasil a partir do século XVI. Estes povos eram de várias nações e originárias do Continente Africano. Eram os sudaneses originários da Nigéria e os bantos originários de Angola, Congo e Moçambique, entre outros.

Desde os séculos XV e XVI sob essa invocação que em Portugal se congregavam os homens negros. (...) "Augusto de Lima Junior, as imagens de santos negros foram introduzidas em Portugal por volta do século XI. No Brasil, os negros tinham como patronos Santa Efigênia, São Benedito, Santo Antonio de Categerona, São Gonçalo e Santo Onofre, todos considerados santos negros e que, por isso mesmo, gozavam de grande popularidade" (QUINTÃO, 2002, p.38).

De todos os Santos citados acima o de maior destaque era São Benedito, o seu culto era desenvolvido na Europa, alcançando aqui grande aceitação, inclusive entre a população branca.

Mas a devoção a Nossa Senhora do Rosário supera todas as demais seu culto foi divulgado pelos dominicanos, que também popularizam a recitação do terço. Compõe-se o rosário de centro e cinqüenta ave-marias, divididas em quinze dezenas, sendo cada precedida do pai-nosso. Essas cento e cinqüenta ave-marias correspondem ao número de salmos. A recitação do rosário está intimamente ligada á medicação dos ministérios da vida, morte e ressurreição de Nossa Senhora do Rosário. (Quintão, 2002. p. 38).

A sociedade protetora dos desvalidos encontra-se situada no Terreiro de Jesus, número 17, em Salvador Bahia. Esta instituição foi fundada no dia 16 de setembro de 1832, por um africano livre de nome Manuel Victor Serra, que exercia a profissão de ganhador, no canto da Preguiça, um dos locais em que se reuniam os negros da Bahia em busca de trabalho. A Sociedade antes era denominada Irmandade de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos. Braga (1987) Quintão (2002).

A sociedade tinha como objetivo promover a instrução e o amparo religiosos aos seus associados, semelhante ao que se propunham as irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.Segundo Braga a sociedade protetora dos desvalidos foi inspirada na filosofia das irmandades do Rosário, que prometiam a toda uma carta de alforria, *"com que não só gozais a liberdade eterna na segunda transmigração da outra vida, mas também vos livreis nesta do maior cativeiro da primeira*".cit. Ribeiro (1956, p. 67-68).

Tem-se a informação de que a Sociedade Protetora dos desvalidos, nos seus primeiros anos de existência, funcionou como **Junta,** uma espécie de sistema retroativo de crédito com, que assistia aos seus associados e parentes destes, que ainda se encontravam presos ao cativeiro.

Braga (1987) cita Manuel Querino a respeito da caixa de empréstimos, informa que os negros se reuniam se reuniam sob a chefia de um deles, aquele que mais inspirava confiança e respeito, e criavam essas juntas.

A sociedade protetora dos desvalidos foi criada por Manoel Victor Serra e seus amigos através de uma reunião preparatória na Capela dos Quinze Mistérios, onde no dia 10 de setembro de 1832, perante o juiz Manoel da Conceição, assumiu provisoriamente o cargo de tesoureiro até o dia de posse, dia 16 de Setembro deste mesmo ano. Seis dias após essa reunião, realizou-se uma assembléia geral, quando foi

definitivamente criada a Irmandade de Nossa Senhora da Soledade, em honra á sua padroeira, a Virgem da Soledade.

"Mas dias antes Manoel Victor Serra reuniu-se com os virtuais fundadores, para decidir com quem ficaria a caixa-cofre, ainda hoje existente na Sociedade, que guardaria, com três chaves, as jóias e outros bens que a Irmandade viesse a possuir". Braga, J.(1987,p.24).

Braga também traz uma importante interpretação sobre as irmandades de cor, em especial a irmandade de Nossa Senhora do Rosário. O mesmo afirma que:

> A devoção aos santos de cor preta ou ás virgem negras não parece ter sido uma iniciativa dos africanos, mas uma imposição da Igreja Católica, motivada pelo ideal de cristianização a que estava empenhada, constituindo-se em um dos meios mais profícuos para atraí-los ao catolicismo. A irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que se tornariam as mais representativas para os negros, onde iriam realizar as devoções aos seus santos prediletos. (BRAGA, J.1987, p. 12).

Ainda sobre a visão de Braga, as irmandades surgiram como forma de controle social com o objetivo de transformar os escravos em pessoas submissas através "*da figura do sacerdote católico, um 'feitor' do espírito, enfraquecendo-o com sua cruz, enquanto era fiscalizado com chicote o seu trabalho"* (Braga, 1987, p.12). Sendo assim as irmandades desempenhavam uma função disciplinadora através do sacerdote, que cumpria a sua missão para atender aos interesses do grande proprietário.

Segundo Quintão (2002) contrapondo a opinião de Braga, a irmandade dos negros surgiu em Portugal, motivada por uma transformação gradativa das irmandades de brancos. Os negros que participam das irmandades provinham das mais diversas nações, situação que pode ser observada, sobretudo a partir de 1850, quando a proibição do tráfico de escravos pela lei Eusébio de Queiroz trouxe para a região sudeste negros de diversas regiões do Brasil.

E importante relatar que a influencia católica foi mais forte no caso dos bantos, ligado ao culto de ancestrais e mortos, facilmente rompido com a perda de linguagem. Segundo Quintão.

> Ao se penetrar o pensamento e a religião bantos, podemos entender porque eles foram mais permeáveis que as outras etnias africanas á aceitação da irmandade. Para os bantos nenhum ser é fecundado no ventre materno sem a vontade de um ancestral das longas linhas de descendência materna ou paterna, disposto a assumir o comportamento

> de protegê-lo. A geração da vida não é, portanto, decisão dos pais nem produto do acaso. (QUINTÃO, 2002, p. 42).

As irmandades com seus santos negros ofereciam aos bantos uma concepção de intermediário, trazendo a visão dos santos como intercessores entre o homem e Deus, identificava-se com a própria idéia de que os ancestrais eram encarregados de levar seus pedidos a Zumbi.

> Esse catolicismo africanizado se popularizou de tal forma no Brasil que em 1759 a coroa procurou esvaziar o poder do estado eclesiástico, tomando providencias restrito ás ordens religiosas. O primeiro ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, que em 1770 recebeu o título de Marquês de Pombal, pelo qual ficou conhecido, expulso os jesuítas do Brasil, além de outras medidas desse teor. (LUZ, M, A, 1995, p. 438).

Segundo Luz, M. A (1995) A política pombalina não se mantinha ao nível do poder eclesiástico, mas abrangia o poder econômico e político advindo com o tráfico de escravos, sediado na Bahia, e a exploração do ouro efetuada em Minas Gerias. Dentre essas medidas, que procuravam desconcentrar e esvaziar o poder dos chamados pejorativamente da ´Metrópole´, está à mudança da capital da colônia, em 1763, de Salvador para o Rio de Janeiro. Com a vinda da família real para o Brasil em 1808, ameaçada na Europa pelo imperialismo Napoleão, ocorrerão profundas mudanças na colônia.

O Segundo núcleo de resistência registrado são os Terreiros de Candomblé . Os primeiros terreiros de candomblé de origem Yorubana surgem no Brasil por volta da metade do século XIX. Esses Centros religiosos cultuam as entidades místico religiosas, inquices, voduns, Orixá e. existindo, entretanto uma unidade em torno de um deus supremo. Comunidades Religiosas afro-brasileiras são também conhecidas na Bahia como candomblé, que antigamente significava as grandes festas anuais da Religião Negra. Na verdade, os candomblés no inicio do século XX se constituíam numa sólida estrutura de sustentação sociocultural. Segundo Braga J. (1995, p.20) o candomblé.

> Não se limitava apenas em apoiar o sistema de crenças que lhe era característico, ali fora engendrado como peça essencial de uma engrenagem sagrada como sagrada de grande complexidade formal e simbólica. O candomblé é, pelas suas características básicas, uma comunidade de natureza alternativa que permite aos seus membros um

> estilo de vida bastante diferenciado do que se tem na sociedade mais ampla.(PRAGA, 1995, p.20).

Para Sodré, M. (2000, p. 170). A comunidade-terreiro

> É, assim, repositório e núcleo reinterpresentativo de um patrimônio simbólico explicativo em mitos, ritos, valores, crenças, formas de poder, culinária, técnicas corporais, saberes, cânticos, ludismos, língua litúrgica (o ioruba) e outras práticas sempre suscetíveis de recriação, capazes de implementar um laço atrativo de natureza intercultural (negros de etnias diferentes) e transcultural (negros com brancos).(SODRÉ, 2000. p.170).

As comunidades-terreiros, egbé, se constituem em bem organizadas instituições compostas de um espaço sócio-religioso e arquitetônico próprio e caracterizado por uma população flutuante de seus membros que ali comparecem conforme determinada temporalidade (LUZ, N, C, P. 1992, p. 65). Segundo Luz “os limites da comunidade estão caracterizados pela frase `da porteira pra dentro, da porteira pra fora`”.

Ainda sobre a cultura dos terreiros de candomblé por volta de do século XIX a tradição dos Egungum se instalou no Brasil. Segundo Deoscoredes M. dos Santos e Juana Elbain dos Santos o primeiro terreiro foi o de Vera Cruz, no povoado de Vera Cruz. Se chefe trouxe da África o Egun de seu pai, invocado até os dias atuais como Egun Okuletê. (LUZ M, A, 1995, p. 499).

A ancestralidade afro-brasileira se estrutura na consciência ancestral, se opondo diversos mecanismos de resistência processados por outros componentes étnicos. Sendo assim a Braga, J. (1992):

> Afirma, que a noção de ancestralidade, problematizada na reflexão sobre o conteúdo e significado das culturas africanas no processo civilizatório brasileiro, tende a evidenciar, e até mesmo resgatar, a totalidade contínua da presença e participação do negro na formação de uma sociedade marcada pela assimilação de contribuições étinicas as mais diversas.(BRAGA,1992).

Sobre o culto aos ancestrais, pode-se afirmar, segundo estudos, que é uma herança trazida de diferentes regiões da Nigéria, no país ioruba, e aqui são adorados e invocados no interior de rígidas estruturas religiosas nos terreiros-de-egum. Hoje na Bahia, já existem diversos destes terreiros dentre eles o Ilê Axipá, em São Gonçalo do Retiro. Cujo supremo sacerdote é Deoscoredes M. Santos, o mestre Didi, Alapini. Este terreiro é um dos mais antigos Terreiro-de-egum, na Bahia.

Sobre Mestre Didi, Braga, J. (1992) afirma que aquele “é detentor de grande saber inicia- tico e de experiência ímpar no campo do culto aos ancestrais, a liderança de Didi certamente marcará momento significativo em termos de uma redimensão no contexto desse culto ancestral, reanimando o seu papel como força motriz da ancestralidade afro-brasileira” e o Terreiro de Babá Aboulá, fundação por Eduardo Daniel de Paula, alabá Mariô, esta localizado na Bela Vista, na Ilha de Itaparica.

Um mito que traz a definição dos egunguns ou simplesmente eguns como é mais conhecido na Bahia, é o de William R. Bascon. Cit em Braga, J (1992, p. 106), relatando que a morte invadia regulamente a cidade de Ifé:

> De quatro em quatro dias, ela descia do céu e invadia o mercado de Ojalfé, matava, ela e sua gente, tantas pessoas quantas conseguia, com a ajuda de grandes cajados. A maioria dos habitantes de Ifé foi em breve massacrada. Os sobreviventes voltavam-se então para os orixás, invocando Lafogido (que nessa época se chamava Oni) Oduá, Orixalá, Ijugbe, Alass e todos os demais orixás existentes, para que viessem slavá-los. Mas os orixás não podiam contra a morte.
>
> Finalmente, um cidadão chamado Ameiyegun prometeu salvar os homens . Arranjou tecidos coloridos para confeccionar uma roupa, com a qual se cobriu completamente. As margens eram como luvas que ocultavam até os dedos, as calças eram tão compridas que escondiam os dedos dos pés.

No entanto este mito relata as tantas formas que Ameiyegun utiliza para enganar a morte e nunca mais ela voltar ao mercado de Ifé. Desta forma nasce a figura de Egum, a morte ritualizada na cultura iorubana como figura ancestral, que é chama da imortalidade do homem, principio que restaura e dá continuidade a vida.

Braga, J (1992, p. 106) cita Santos (1975, p. 120), quando ela diz que:

> Os egunguns, babá egum, ou simplesmente babá, espíritos daqueles mortos do sexo masculino especialmente preparados para ser invocados, aparecem de maneira característica, inteiramente recobertos de panos coloridos, que permitem aos espectadores perceber vagamente formas humanas de diferentes alturas e corpo. (BRAGA, 1992, p.106 apud SANTOS, 1975, p. 120).

É importante ressaltar que além da representação do Eguns, o Brasil tem grande representação da religião negra, em que o culto aos ancestrais é uma característica é invariável. Isto se dá através das referencias históricas presentes na liturgia, mas não podemos deixar de levar em conta que muitos terreiros cultuam os espíritos indígenas

na forma tradicional africana Bantu, são os candomblés de Cabloco, especialmente os Congo-Angola.

Segundo Luz, M. A. (1995)

> Na tradição Jeje Nagô, as referencias aos espíritos dos Caboclos são atenuadas. De um lado, pelo fato de terem chagado e lutado por sua afirmação existencial no âmbito de Salvador e Recôncavo, onde a presença indígena se encontrava afastada. Por outro lado, porque no culto da tradição Nagô, apenas o Orixá pode manifestar-se numa pessoa. Ninguém manifesta ritualmente Egum ou qualquer ara-orum, espíritos antepassados. Nesta tradição, o culto aos Egungun se caracteriza pela aparição do ancestral, não havendo manifestação. É no âmbito do culto aos Egungun, no Terreiro Ilê Agboula, em Itaparica, por exemplo, que encontraremos a homenagem ao cabloco através do culto ao Egun, Baba Iaô, ancestre caboclo. . (LUZ, M. A.1995, p. 530).

Portanto, podemos entender que o Candomblé é um sistema religioso que tem em sua base forças e valores civilizatório negro-africanas. Sendo assim, (BRAGA, J op. Cit*):*

> O Candomblé se torna o suporte permanente do processo de construção e revitalização da identidade do negro que se apropria constantemente e nem sempre de maneira consciente de um vasto e complexo conteúdo simbólico remete, via de regra, ás ocorrências históricas e na memória coletiva e, conjuntamente- mito e história- elaboram os caminhos da ancestralidade afro-brasileira.

Neste caderno também se resgata a identidade de Zumbi dos Palmares atratvés d a definição de Quilombo, que é o termo de língua banto que quer dizer “acompanhamento guerreiro na floresta”, sendo entendido em Angola como divisão administrativa. No Brasil o quilombo toma características política, social e ideológica. O Quilombo foi uma forma de reação ao sistema escravista. Além desta, houve outras formas de resistência como suicídio de escravos e assassinatos de senhores.

> O importante relato de guerrilha quilombola é visto no Império do Congo segundo LUZ, (1995), os diversos que o opunham, principalmente o Ndongo, começam aperceber o português não mais como estrangeiro, capaz de ter as hordas de hospitalidade, mas como inimigo. Segundo relatos históricos ocorreu no reinado de Ngola Kiluanji II no Ndongo, quando ficaram claras as intenções dos portugueses em fundar um império cristão na África, assentado na opressão colonialista escravista... Os portugueses contavam com a

> vantagem estratégica, concentrados e centralizados, conseguiam atacar de surpresa aldeias e pequenas vilas relativamente desprotegidas, por que relativamente autônomas frente ao poder central do Mani-Congo, rei Imperial do Congo, e obter vantagens militares que lhes garantiam o início da ocupação (LUZ. M. A, 1995, p.370).

No decorrer da luta de independência do Congo, morre no ano de 1617 Ngola Kiluannji II. Desta forma o povo Congo sente desmotivado, dando espaço para que os portugueses penetrassem no interior e se aproximasse da capital do Ndongo em Mbaka para fundar uma fortaleza.

No ano de 1623 com 41 anos de idade assume o poder Nzinga Mbandi Kiluanji, logo após o falecimento de seu irmão Ngola Mbandi, que sucedeu seu pai, o Ngola Kiluanji II. Nzinga pode assumir o poder por que era comum a participação das mulheres nas tropas. Ela foi criada num ambiente de guerra e por isto pode assumir tão facilmente este posto.

O poder de Nzinga se caracteriza por sua capacidade de mandar chuva e garantir a fertilidade da terra, de lutar pela tradição dos valores religiosos, assentado no culto a Nzambi Mpungo, as forças cósmicas que regem o universo e aos ancestrais. (1995, p. 372). Nzinga se casou com Jaga kasa, de quem se separou, mantendo, contudo, boas relações com ele. Eles solidificaram aliança contara os portugueses. Os Jagas eram um povo guerreiro que se destacava nas lutas militares. Rainha do Ndongo, Nzinga tinha poder pelas outras províncias do Ndongo e Matamba, que se ampliava a medida que ela estabelecia alianças com outros reinos. Então foi através das atividades diplomáticas, idas e vindas das embaixadas e através de muita “Ginga”, que Nzinga (ver mais informações sobre a história de Nzinga em Luz, M. A. livro: Agadá, 1995) conseguiu vencer o exercito português no Kilombo da ilha de Mapolo.

> Os quilombos de Ginga se transformaram em copiosos empórios de escravos. Os traficantes reptavam as peças vendidas pela rainha e arrebanhadas pelos jagas em incessantes razias, como as melhores de Angola. Não surpeende, pois, que Cadornega a descrevesse como “mulher cheia de bondade e virtudes cristãs, sem fingimentos nem hipocrisias”. Ginga adotou ao mesmo tempo a estrutura jaga do quilombo, insuperável para a guerra e o comércio de escravos. O termo quilombo designava tanto território dominado por um potentado como a povoação em que ele vivia. O padre capuchinho João Antonio Cavazzi de Montecuccolo, que viveu entre jagas, escreveu o seguinte sobre as povoações ou os quilombos dos Jagas “A vida dos jagas, que é um continuo nomadismo, sugeriu-lhes uma forma de habitação fácil de construir e de transportar. As suas cidades não passam de simples

> aglomerações de palhoças, e chamam-se *libata* ou *quilombo"*..." A média de habitantes jagas em cada quilombo era de cerca de mil, entre homens e mulheres. Não havia hereditariedade na sucessão do quilombo, a eleição se fazendo de acordo com a fama e a experiência. A horda Jaga era um composto étnico (FREITAS, 1982, p. 60).

FREITAS (1983) traz um importante relato sobre a história de surgimento dos quilombos

> O quilombo foi introduzido em angola pelas hordas dos imbangalas, que os portugueses fizeram *jagas*. As origens deste povo são um enigma histórico ainda não cabalmente elucidado.(FREITAS, 1983, p.59)
>
> As hipóteses mais acreditadas os fazem proceder de uma região nas nascentes do Nilo ou do Zaire, ou então, das altas montanhas da Serra Leoa. Forçados a abandonar seu país, não se sabe se devido á invasão de outros povos ou á exaustão do solo, marcharam para o sul do continente, em hordas dedicadas á pilhagem. Na segunda metade do século XVI, penetraram em território Mbundu, habitado por povos pastores e agricultores tributários do reino do Congo. Estes povos formavam uma confederação e clãs encabeçada por um chefe, chamado Ngola pelos nativos e "rei" pelos Portugueses. (FREITAS, 1983, p.59).

O caderno I, Organização de resistencia negra, ainda trata, das entidades de resistência, como **a Frente Negra Brasileira.** Esta surgiu em 1931. O nome "frente" foi colocado, porque estava muito em voga no meio revolucionário. Logo no período do seu surgimento a Frente depara com a sua primeira dificuldade, que era conseguir dinheiro. Segundo Cuti,

> Alguém teve a idéia de criar um grupo de pessoas para a arregimentação. Essas pessoas receberam o nome de ´cabos´. Elas saíram pelos bairros da periferia e cobravam um mil réis de cada pessoa arregimentada, o que seria a primeira mensalidade. No fim do dia os ´cabos´ recebiam uma porcentagem do dinheiro arrecadado no sue trabalho. E isso deu certo. (LEITE, 1992, p. 94).

Após enfrentar a primeira dificuldade e se organizar, a frente estabelece o seu estatuto. Leite (1992, p. 94) cita o estatuto da frente Negra Brasileira. Os Estatutos, que foram publicados no Diário Oficial e registrados em 4 de novembro de 1931, ficaram assim redigidos. Ver estatuto da frente negra em anexo.

O Afoxé Filhos de Gandhi surgiu especificamente em 18/02/1949, formado por um grupo de estivadores que, ao saber da notícia da morte do indiano Mahatma Gandhi, resolveu homenagear o líder pacifista. O bloco conquistou muita gente por sua beleza. No carnaval de Salvador é conhecido como o tapete Branco da avenida. Sua sede é localizada na Rua Gregório de Matos, nº 53**,** Pelourinho em Salvador. O bloco tem em média 4 a 5 mil associados. Seu atual presidente é o Professor Agnaldo Silva, que no dia 24/01/2006 concedeu entrevista a Emerson Nunes para o site do ibahia. Nesta ocasião ele falou sobre a história, os significados de cores e símbolos de do afoxés Filhos de Gandhi .

O bloco continua em atividade até os dias atuais por causa da sua filosofia, pregar a paz, a qual está pautada e inspirada em Mahatma Gandhi, um pacifista indiano. O bloco tem toda uma vestimenta apropriada para sair no carnaval, sendo que esta vestimenta é coberta de significados. Sobre o significado das cores do bloco e o perfume de alfazemas. O presidente do Gandhi traz na entrevista explicações sobre a simbologia das cores usadas no desfile

> Branco de Oxalá é a paz, e a alfazema, no sincretismo religioso, é uma referência em homenagem a Iemanjá, mãe de todos os Orixás e mulher de Oxalá. Os homens usam alfazema para atrair as mulheres com o aroma". A fantasia utilizada no bloco tem como referencial a paz, enfocando a Oxalá, que é o Deus maior. O branco é de Oxalá menino, o Oxaguiam, e o azul de Ogum; as nossas contas são amuletos da sorte. E cada um usa de acordo com a indumentária, da maneira que se achar elegante, não existe quantidade fixa.

Sobre a proibição da participação feminina Silva (2006) "Afirma que o bloco foi formado por um grupo de estivadores e não existiam mulheres trabalhando na estiva. Elas davam o apoio logístico. Eles trabalhavam no cais e as mulheres cuidavam da indumentária e davam a beleza ao turbante." Até hoje são as artesãs que confeccionam os turbantes na cabeça dos cavalheiros.

Outro aspecto interessante é o uso do turbante que, segundo a tradição religiosa do candomblé, a cabeça de qualquer cidadão é importante, pois nem toda cabeça pode ser pegada por qualquer pessoa. "Ainda mais se ela estiver com o ´corpo sujo´. Mas cada um se cuida da maneira que acredita e que tem fé. Eu, por exemplo, tomo meu banho de folha, mas cada um segue o ritual que está acostumado".

Bloco de índio: Apaches do Tororó. Sobre estes não foi possível encontrar uma bibliografia que falasse da historia do surgimento deste importante bloco, mas encontramos no trabalho de Milton Moura (1987) denominado “Faraó: um Poder Musical” um apanhado do histórico do Bloco Apaches do Tororó, que surgiu na década de 70, sobre a influência dos filmes de faroeste americanos, empolgando as turmas que freqüentavam entusiasticamente os cinemas. Esses blocos eram contínuos aos mesmos bairros, como também se via nos nomes: o Cacique do Garcia e os Apaches do Tororó, os maiores, além dos Comanches, Tupis e entre outros. Os jovens e adolescentes dos bairros populares mais próximos do centro se faziam tribos destemidas e aguerridas. Assim como os apaches enfrentavam o exército norte-americano no cinema, os rapazes dos blocos de índio enfrentavam a polícia na rua.

Para Godi, A. (1991). O Apaches do Tororó é uma das mais importantes entidades culturais da cidade de Salvador. Fundado em 1968, surgiu num período muito difícil na vida política do país e, através do carnaval, transformou-se num marco de resistência e influenciando com participação do povo pobre desta cidade na folia de Mono coisa que até então não acontecia. Para dizer o que o bloco é, caderno I, na página 21 traz a música “Apaches do Tororó” de autoria de Nelson Rufino

Mas esse ano eu vou ficar
Ao ver passar
O bloco meu
Quero sentir a sensação
De fora do cordão
Mas se eu não suportar
A empolgação
Vou apanhar meu blusão
Do ano passado
Do outro lado cantando eu vou

Ô ô ô ô
Ô ô ô ô
Apaches tem
Uma coisa diferente
Uma coisa diferente
Uma coisa que a gente
Sente e não sabe o que sente
Sente e não sabe dizer
O apaches tem
O amor do desfilar
E quem não segura os olhos
Em bem capaz de chorar

É importante salientar que a Territorialidade e familiaridade eram as bases sociais comuns desses blocos. A isto se acrescenta a presença das tradições religiosas de origem africana e indígena. Os Filhos de Gandhi fazem oferendas a Exu na sua primeira saída do ano. Os afoxés e cordões visitavam as casas de candomblé, como o Gantois, antes do cortejo de domingo, mãe Menininha do Gantois ofertava uísque aos diretores do Gandhi, antes do cortejo dominical.

Segundo Godi (1991) os blocos de índio somavam milhares de associados. Eram quatro mil os **apacheiros,** quando se deu um combate com a polícia que em pouco deixou a dever ao que se passava na tela, aos domingos. As próprias elites ofereciam como que a contraprova de que o recurso iconográfico aos filmes de faroeste não era sem razão: os soldados dos brancos reprimiram de forma truculenta os temidos guerreiros apaches, que tiveram que se contentar com uma composição reduzida e passaram a refluir, como os outros modelos de bloco.

> O Pólo Petroquímico criou um novo tipo de operário. Negro e próspero, como o petroleiro, e além, disso sintonizado com movimentos políticos e culturais em algumas partes do mundo. As lutas políticas nos novos países africanos, a explosão dos ritmos caribenhos e o sucesso de algumas bandas de cantores negros norte-americanos desencadearam uma onda de afirmação do fenótipo ex-africano em Salvador, que se expressava principalmente no uso de alguns adereços e do cabelo black power ou rastafari, ou seja, as dread locks. Este novo tipo de juventude, numa cidade em que as novidades chegavam com pulsações diferentes a cada dia, formou os blocos afro e novos afoxés. (GODI, 1991, p.6).

o primeiro blocos, afro sugido no Brasil, em Salvador. Ele foi criado em 1974, é considerado um marco na história do carnaval. Entre os anos 70 para 80 vários blocos afro surgiram, sendo os de maior imponência até hoje o Olodum e o Malê de balê. Os blocos tipo Muzenza, mais identificado com a tradição do reggae tiveram sua visibilidade camuflada, devido a discriminação étnico-cultural, por serem blocos que falam da cultura africana..

Nesse período de transição das décadas citadas, alguns artistas, como Gilberto Gil e Caetano Veloso, assimilaram motivos musicais do Ilê Aiyê, do Badauê e dos Filhos de Gandhi, integrando-os aos circuitos da mídia.

Com o nascimento do bloco afro Ilê Aiyê, fazendo samba-duro, ancorado na tradição musical-religiosa do candomblé, a cidade timidamente começa a aceitar e se

identificar como negra, no início dos anos 80, mesclando informações do samba e do reggae. Os novos blocos afro como Olodum, Malê Debalê, inspirados no pioneiro Ilê Aiyê, vão criar o samba-reggae, que viria a explodir midiática e comercialmente na virada dos anos 80/90.

4.2 . Zumbi 300 anos - Ilê Aiyê 21 anos

O Caderno III "Zumbi 300 anos - Ilê Aiyê 21 anos traz como conteúdo significativo o relato de uma experiência vivida no ano de 1996, através do concurso artístico Cultural promovido pela Associação bloco Carnavalesco Ilê Aiyê nas escolas públicas conveniadas com Ilê, onde o tema central foi "Zumbi dos Palmares- 300 anos, Ilê Aiyê- 21 anos". As escolas participantes do projeto foram Escola Duque de Caixas, Escola Mãe Hilda, Escola Tereza Conceição Menezes, Escola Abrigo dos Filhos do Povo e a escola de Percussão Banda Erê. É importante salientar que todo o concurso ficou concentrado no Colégio Duque de Caxias. A premiação deste concurso artístico cultural foi dada de acordo com as divisões por nível de instrução da 1ª. a 4ª. série, o primeiro nível, de 5ª. a 8ª. Série, o segundo grau de modos que a premiação se tornasse justa, aumentando assim, o número de premiados. Os prêmios para os primeiros lugares foram desde as fantasias do bloco para desfilar no carnaval de 1996 à viagem para a Serra da Barriga, local onde ficava o Quilombo dos Palmares.

O concurso Zumbi foi desenvolvido pelo PEP, Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado no ano de 1995, com objetivo de construir uma pedagogia com base no resgate da identidade da cultura africana e suas influências no Brasil. Além, disso, o projeto busca elevar a auto-estima e pensamento crítico dos afros descendentes. O concurso Zumbi foi desenvolvido e formatado para ser publicado nos Cadernos de Educação do PEP.

O Quilombo Zumbi do Palmares Na realidade os quilombos têm como antecedentes a vinda da coroa portuguesa para o Brasil, por ocasião da apropriação das terras brasileiras e depois com a implantação do funcionamento do regime colonial. Sabe-se que a mão de obra indígena não era interessante para os fins lucrativos da coroa, por isso resolveram investir na mão de obra negra. Em 1532, os africanos chegaram escravizados para ao Brasil, para trabalhar na lavoura de cana-de-açucar.

> Ao falar do Quilombo Angola Janga .Localizado ao redor das montanhas de Alagoas, limitando-se com os confins de Pernambuco,

> grupos de escravos, desenvolveram uma dinâmica de intercâmbio e estrutura social que convivia a organização social tradicional de antigos reinos africanos: Congo, Angola, Benguela, Cabinda. Reestabelecendo, alianças e costumes, onde chefes de grupos reuniam-se periodicamente em Conselhos para decidir sobre a vida em coletividade com a participação de Todos. (SIQUEIRA ,1995, p. 15 apud CARELI, 1988).

Segundo Siqueira (1995, p. 10) "Os negros que aqui chegavam se tirava o nome africano e se lhe impunha outros, de origem portuguesa. Proibiam-lhe a religião ancestral, forçavam-no aceitar o cristianismo. Como se isso não bastasse, utilizavam diferentes formas de castigos corporais com instrumentos de ferro".

Existiam diversas formas de castigo, do desrespeito à pessoa humana do negro africano, a captura, a compra e venda deste como mercadoria, a vinda para a outra nação distante, que os levavam ao banzo ou a resistência nos quilombos.

A escravidão no Brasil durou mais de 300 anos, entre os séculos XVI e XIX. O negro vindo da África se responsabilizou pela construção da nação brasileira através da sua força de trabalho. A escravidão no Brasil e nas América foi uma das bases de desenvolvimento do capitalismo. Siqueira (1995, p. 11) O negro foi o grande gerador de riqueza pelo acúmulo do seu trabalho, enriquecendo as classes dominantes daqui e da Europa. Seu trabalho foi uma das principais fontes de acumulação de capital.

Diversos autores buscam definir o que é um quilombo, mas existe um pensamento comum, em que quilombo se constitui um núcleo de resistência. Para Siqueira (1995) e Cardoso (1995) esses núcleos resistiam:

> A violência da escravidão. Constituídas por um conjunto de aldeias, as comunidades quilombolas formadas por negros, brancos e índios marginalizados, sem terras e sem fortunas, estruturadas em leis comunitárias, formaram a mais avançada e sofisticada organização de luta, orientada por uma só regra: fica quem vier por amor á liberdade!. (SIQUEIRA. M, L, 1995;CARDOSO. M, A, 1995, p.13)

Os autores ainda dizem que,

> Os quilombos que foram formados foi a mais rica experiência de organização dos negros na luta pela liberdade. Fugiam para terras virgens de difícil acesso, reorganizavam a vida em liberdade, baseados na cultura trazida da África e resistiam aos ataques dos colonizadores brancos. Nos quilombos os negros deixavam de ser escravos e tornavam-se indivíduos livres. (SIQUEIRA. M, L, 1995;CARDOSO. M, A, 1995, p.13)

Na comunalidade quilombola tudo que era produzido era coletivo. A sobra da produção era vendida ou trocada por objetos para suprir as necessidades dos quilombos, lembrando que tudo era compartilhado com todos.

Silva, J. C. (2005, p.23/24) Também cita Oliveira, Silveira (1987, p. 12), falando sobre o Quilombo dos Palmares:

Séculos antes do Brasil ser livre
Palmares foi livre.
Séculos antes do país
Considera-se livre
Palmares foi país e estado
Livre

Assim como os quilombos dos Palmares, tivemos tantos outros e na contemporaneidade Baiana, destacamos o Ilê Aiyê como o "O grande Quilombo da Era Moderna" Santos (2000, p.72). Esta definição foi dada pelo presidente da Associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê, Antonio Carlos dos Santos Vovô em entrevista cedida em 1999 Perin (autora).

Vários autores falam sobre Zumbi

> Zumbi, negro de singular valor, grande ânimo e constância rara; este é o espectador dos mais, por que a sua indústria, juízo e fortaleza aos nossos serve de embaraço, aos seus de exemplo; Descrição com noticias importantes do interior de Pernambuco, etc.(FREITAS, 1982, p. 123).

Zumbi nasceu em 1655, recebeu o como nome de batismo Francisco, dado pelo padre português Antonio Melo. Francisco aprendeu a ler e foi coroinha, aos10 anos de idade. No ano de 1670, com 15 anos, fugiu para "companhia dos negros levantados de Palmares", onde posteriormente se tornou chefe, substituindo Ganga Zumba. . Segundo Freitas (1982, p. 126) "A origem do nome "Zumbi ou Zambi, segundos achados em documentos portugueses, significa "Deus da guerra". Na mitologia religiosa africana é uma divindade suprema chamada Nzambi (Nyambi, Nyame)".

"O nome Zumbi pode significar o N´Zambi, o Deus supremo dos povos bantus; Zumbi pode significar alma do que vagueia pela noite; Zumbi é o herói da Tróia Negra, general das almas em Plamares". (SIQUEIRA, M. L. e CARDOSO, M. A., 1995, p. 19).

Zumbi é definido por Carlos Assumpção. Cit em Silva (2000, p. 23):

No Canto de encanto
Na fala da sala
Na rua na lua
Na vida de cada dia
Em todo lugar
È Zum
È Zum
È Zum
È Zumbi

Zumbi tão famoso por sua liderança e poder de organização, foi líder de um dos quilombos mais famoso do Brasil, o Quilombo dos Palmares, situado no Estado de Alagoas. Os quilombos surgem no Brasil como núcleos de resistência.

Ainda sobre Zumbi, Silva (2005, p. 24) relata em sua tese de doutorado outras forma de definição do herói Zumbi Através do samba enredo "Quilombo dos Palmares" , de Noel Rosa de Oliveira e Anescar Rodrigues, do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. A relevância deste samba enredo, pois em 1960, o Salgueiro conquistava o seu primeiro campeonato no concurso das escolas de samba do Rio de Janeiro. Ver letra da música completa em anexo.

Samba enredo de Noel Rosa e Anescar Rodrigues de 1960 retirado do site cademia do samba.

No tempo em que o Brasil ainda era
um simples país colonial,
Pernambuco foi palco da história
que apresentamos neste carnaval.

Com a invasão dos holandeses
os escravos fugiram da opressão
e do jugo dos portugueses.

Esses revoltosos
ansiosos pela liberdade
nos arraiais dos Palmares
buscavam a tranqüilidade.

Ô-ô-ô-ô-ô-ô
Ô-ô, ô-ô, ô-ô.

Ilê Aiyê: O quilombo da Era Moderna

Como herança quilombola o Ilê Aiyê resiste e insiste em afirmar a identidade negra, por isso e por tantas outras ações, é hoje uma das instituições negras que lutam pela afirmação da identidade negra no Brasil.

Sobre o Ilê já foi contada e recontada a sua História na interpretação de dados do caderno I "Organizações de resistência negra". Foi e ainda é inspiração para muitos e muitas artistas, cantores, poetas, educadores, políticos e pessoas comuns afirmarem sua identidade negra no Brasil. Mas falar do Ilê, parece uma fonte inesgotável de dialogo. Diante da sua importância para a comunidade negra, faremos um rápido apanhado do ciclo de festas que ocorrem na Associação Bloco Carnavalesco Ilê AIyê, para então falarmos especificamente do PEP, Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê. O PEP é colocado no ciclo de festa pelo fato dos cadernos de educação do Ilê Aiyê, serem produzidos a partir do tema escolhido para cada ano do carnaval da associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê.

No projeto busca-se a síntese do esforço feito pelo bloco em busca de liberdade, auto- estima, respeito e identidade. Neste projeto o PEP temos o Cadernos de Educação do Ilê Aiyê.

O coordenador Silva, J. C. (1996) do projeto afirma que

> Os trabalhos refletem as práticas educacionais desenvolvidas pelo Ilê Aiyê na comunidade" Como forma de preservação da expansão artística dos alunos, os textos foram publicados neste caderno na integra. A coordenação sugeriu que os textos e desenhos fossem utilizados por educadores em sua prática escolar, em todas as disciplinas do ensino fundamental, multiplicando idéias simples como esta e motivar os alunos a pensar e a criar a partir de temas históricos ou relacionados com sua realidade. (SILVA, J,C.,1996, p. 7).

Para falarmos do ciclo de festa do Bloco carnavalesco Ilê Aiyê, tomamos como base a leitura de artigos dos seguintes autores; GUIMARÃES (2002), SILVA (2005), FREITAS. J. (1996) e PERIN. R. R. S.(1999; 2000).

O ciclo de festas da associação é desenvolvido em diversos lugares; sede do Bloco no Curuzu, o centro de Cultura Popular- Forte Santo Antonio, a Casa de Benin, o teatro Gregório de Matos, no Barracão do Terreiro Ilê Axé Jutolu e nos últimos anos na nova sede, a senzala do Barro Preto, situada na rua do Curuzu.

O Novembro Azeviche é comemorado em novembro, é considerado de fundamental importância para o Ilê Aiyê. No novembro Azeviche é celebrado o aniversário do bloco, a Revolta da Chibata. O Dia Nacional da Consciência negra e a Independência de Angola. Para o Ilê essas comemorações são importantes, pois marcam resistência atraves da afirmação do auto-estima do negro. Além de enfatizar datas importantes da comunidade negra, promovendo a visualização da arte negra para toda a população negra e não negra.

Um dos pontos de maior relevância neste mês para o bloco, é a comemoração do seu aniversario de fundação em 01/11/1974. Segundo Freitas, J. (1996 p. 61) “o bloco promovia uma missa na qual eram utilizados elementos do Candomblé acompanhados do ritual litúrgico católico, apresentando um discurso estético-politico contra a descriminação racial”.

À noite da beleza Negra é o ultimo evento antes do carnaval, tem como objetivo eleger a rainha do carnaval do Ilê, *a Deusa do Ébano*, buscando, assim, valorizar a beleza negra.

No carnaval o bloco tem como objetivo mostrar a cultura de origem africana reelaborada, através do seu discurso étnico e estético, dizendo a todos que o negro tem valor, cultura e auto estima e faz com que todos os não negros questionem e indague; O que é o Ilê?. A resposta para tal indagação pode ser dada de forma resumida através da música de Paulinho Camafeu retirado dos cadernos I do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê AIyê.(1995, p. 23).

Que bloco é esse
Que eu quero saber
É o mundo negro
Que vamos mostrar pra você

Os negros do Ilê Aiyê querem mostrar o mundo negro, através do seu repertório construído desde 1974. Segundo Silva (2005, p. 65).

> O bloco quer explicar as contradições da sociedade brasileira no que se refere ás relações raciais entre brancos e negros, silenciadas durante algumas décadas após o estabelecimento, na década de trinta do século vinte, da ideologia da “democracia racial” no Brasil. Para ele a postura e o programa político-cultural do Ilê Aiyê afirmam a existência do racismo, expõem a contradição da negação do racismo pela sociedade para, assim, fomentar o debate racial, nunca recalcá-lo. (SILVA, 2005, p. 65).

Por fim, Silva (2005, p. 65) cita o educador Guimarães. E, L (2002, p.39), quando este fala no artigo "*Novos saberes da Liberdade: a expressão Cultural do Ilê Aiyê"* sobre o programa político cultural do Bloco:

> Assim, o discurso do Ilê Aiyê, enquanto discurso do Movimento Negro, veicula saber e poder. È um saber de luta, capaz de fazer a mediação de conteúdos do conhecimento ancestral coma memória reconstruída nas vivências locais, fazendo emergir e colocando em circulação os saberes dominados. Os pressupostos e conhecimentos construídos no fazer do bloco propugnam um repensar e um ressignificar de uma outra leitura do mundo, constituindo-se num instrumento pelo quais os afro-descendentes podem repensar o seu papel e lugar no contexto da diferenças.

4.3.A Força das Raízes

Caderno IV, A Força das Raízes. Nesse caderno a pesquisadora, Valdina Pinto afirma, que o culto aos caboclos sempre foi freqüente nos terreiros de Nação Angola, o que é compreensível, pois os Bantu, na sua maioria, tiveram um contato mais próximo com os índios e durante muito mais tempo. Por outro lado, tinham consciência de serem os índios os reais donos da terra. "Hoje cada vez mais pessoas iniciadas em outras nações incorporam caboclo ou "recebem" ou "dá" caboclo, usando a terminologia mais freqüente entre o povo de candomblé". *(*1996, p. 9)

> Ainda é encontrado em determinados terreiros de candomblés a negação do culto aos caboclos para mostrar uma "pureza" africana; entretanto pessoas dessas casas os incorporam e recorrem aos terreiros para cuidar do seu caboclo. (PINTO, 1996, p. 10).

Pinto (1996, p. 14) traz como conteúdo diversas entidades, buscando descrever seus significados de acordo com suas nações correspondentes. Primeiramente a entidade do domínio dos caminhos das estradas e também mensageiros de todas as entidades na nação Angola é denominada de **Exu** e tem como correspondente Bombojira, Unjira, em Jêje: Elegbara e em Ketu: Exu.

> LUZ, M, A. (1995) ”é um orixá filho, resultante da interação entre princípios genitores(...). Exu está associado á laterita, espécie de barro endurecido vermelho, considerada a primeira matéria do universo. Nessa forma, é conhecida por Exu Yangi.
>
> Exu, portanto, é quem promove a dinamização e expressão do universo, sendo o responsável pela ação de introjeção e restituição e Axé”. (LUZ, M, A., 1995, p.58/59).

Exu no ciclo de festas do Ilê Axé Opõ Afonja, situado no bairro de São Gonçalo, Salvador é reverenciado através do Padê, despacho de Exu. Este ritual é a primeira obrigação de toda festa, abrindo as festas públicas, antes que a cerimônia se inicie pela noite. “O Padê é a invocação de Exu para que tudo saia bem na festa e não haja nenhuma desarmonia. Então Exu, contente por ter sido homenageado, deixa que a festa se desenvolva com ordem e alegria”. (SANTOS, D. M. 1994, p. 45).

Após o preceito cantam a seguinte música para Exu (Op. Cit.1995, p. 45)

Amorô dodô
Amorô dodô Amorô
Ibi lo Biluá
Amaro dodô Amorô

Para Siqueira (1995) Exu representa o princípio de tudo, está ligado à criação e a ao domínio do conhecimento. Nada se faz sem Exu nos terreiros e mesmo na vida daqueles que nele acreditam.

Vivaldo Costa Lima (1982) é citado por Siqueira quando se refere ao despacho de Exu “é preparar o necessário para a viagem que ele vai empreender, e pedir a Deus que a viagem seja de paz e que ele volte, sobretudo, breve com respostas satisfatórias”.

Ogum é a entidade *da energia do ferro, dos metais.* Em Angola significa: Inkôssi, Mukumb, Rôji Mukumbi, em Jêje: Gu e em Ketu: Ogum

Segundo Siqueira (1995) Ogum:

> É aquele que julga, que elimina a situação, dá parecer e fornece elementos para que Xangô proceda às ações de justiça. Ele é guerreiro valente, cheio de poder, capaz de enfrentar o dia-a-dia com destemor. As pessoas recorrem a Ogum, na busca de força com que ele forja o ferro, para reverter os obstáculos. Ogum tem uma cor forte: azul-rei ou verde-claro. As suas contas são de cristal com o seu traje ritual. O dia da semana que lhe é considerado é terça-feira, quando é louvado pela comunidade em cerimônias rituais e sociais.(SIQUEIRA,1995).

Ainda buscando tratar da entidade de Ogum , fazendo referência a LUZ (1995) ele afirma que esta entidade:

> É considerado irmão de Exu na linguagem da comunidade-terreiro. È considerado o primogênito, o primeiro nascido, princípio do desbravamento, que abre os caminhos para a civilização.
>
> Ogum é considerado filho de Oxalá, na linguagem do terreiro, e já vimos anteriormente histórias que narram a relação desses orixás com o culto de Egungun. (LUZ, M, A,1985, p. 61).

No Ilê axé Opo Afonja canta-se para reverenciar (DIDI, 1995, p. 49).

Ogun uá nílé ê
Ogun uá n´ilé
Koma pê modê ê
Akorô uá n ´ilê.

Oxossi: A *entidade das matas que* protege os animais terrestres e as florestas. Nação Angola: Mutakamlombô, Mutalombô**,** em Jêje: Angangatolu e em Ketu: Oxossi.

No Brasil Oxossi é conhecido e reverenciado pelos filhos de santo. A saudação ritual a Oxossi é *Okê Aro!*. Segundo Siqueira (1995):

> As pessoas de Oxossi são destacadas por sua nobreza incomum. Gente que alia inteligência, reflexão e competência, ao domínio intelectual e técnico, a serenidade no trato com as pessoas e ao compromisso comunitário... Oxóssi é um orixá alegre; o barracão fica exuberante quando ele se apresenta, todos cantam e dançam, simbolizando a luta pela vida.

Luz, M, A (1995) traz mais uma contribuição sobre Oxossi:

> Oxossi é considerado o filho mais novo de Ogum, na linguagem do terreiro. É patrono da caça e dos caçadores. Diferencia-se de Ogum porque este está ligado ao mistério das árvores da floresta e Oxossi está relacionado com a mata virgem.

Segundo Santos (1995) Oxossi é considerado rei da nação Ketu, no dia de Corpus Chisti é festejado Oxossi, grande orixá, rei dos caçadores e da nação de Ketu.

> Por isso, todos os seus filhos (no Opô Afonjá são filhos de Oxossi, entres outros, Jorge Amado, Carybé, Camafeu e Stela) se reúnem na véspera, á

> noite, juntamente com o Aramefá (conselho constituído por seis homens compostos na casa de Oxossi, que, na época de Mãe Aninha, DIDI, Stelio, Cirilo, Alberto e Benevides), para realizarem as obrigação chamada *Omi Kawé lara bori*, ou seja, tomar banhos de folhas e fazer algumas oferendas à " cabeças". Depois de cumprido o preceito. (SANTOS, D.M. 1995, p. 46).

Uma das cantigas de Oxossi realizada após o ritual é (op. Cit, 1995, p. 47).

Are: Jô uá xé!
Agogô a rê
Arê ô Agogô

Ossãyn: a *entidade, energia dos vegetais, da essência das folha*. Na nação Angola significa Katendê, em Jêje: Ágüe e em Ketu: Ossãyn.

As plantas para Ossaiyn têm lugar primordial, pois todo o rito gerador e reforçador do Axé passa necessariamente pelas plantas. Para Ele o conhecimento dos nomes das plantas, constitui uma das riquezas especiais do candomblé.

Sirqueira (1995) afirma que:

> As folhas têm um papel importante no dia-a-dia da maioria das pessoas, no processo de cura que se realiza nos terreiros de candomblé, através de medicamentos naturais para resolver problemas de doenças, recupera as forças, retomarem o ânimo para o trabalho, renovar a confiança na vida.

"Assim como Exu, Ogun, e Oxossi, Ossãyn é considerado orixá lódê, isto é, orixá exterior ou "orixá da rua", na linguagem do terreiro". (LUZ, M, A, 1995, p. 66).

Os símbolos rituais que corresponde a Ossayn, segundo Siqueira (1995)são:

> Instrumentos de metal prateado que simboliza uma árvore, constituída de várias hastes, cujo galho superior ostenta um pássaro. A vestimenta litúrgica desse orixá é verde-claro, suas contas são da mesma cor. Sua ocupação profissional, á caça e a adivinhação, juntamente com Oxossi e Ifá.

Xangô: A e*ntidade da energia dos raios, do trovão*: da justiça, protetora dos advogados. Em Angola significa: Zazi, Zaji, Lwangu, em Jêje: Sobô, Badê, Loko e em Ketu: Airá, Iroko e Xangô.

> (...) Todos sabemos o significado do uso do fogo na evolução da humanidade. Xangô está representado também pelo raio e o trovão, e sua companheira Oyá etá relacionada com o relâmpago. (...). A característica de Xangô é de assegurar corrente inniterrupta de vida no Aiyê o constitui como Ala afin, título dos reis de Oyó, que tem por função assegurar a expansão de linhagens, a expansão do reino". (LUZ M.,A.1995, 69).

O dia de Xangô é 29 de junho, mas a festa inicia no dia 28, com a fogueira de Airá, considerado o dono do terreiro. Segundo Mestre DIDI, supremo sacerdote do culto aos Eguns do terreiro Ilê Axé Opo Afonjá (1995, p. 48).

> Xangô é festejado na roça de São Gonçalo do Retiro na claridade de uma fogueira, com alguns de seus filhos, assando milho, soltando fogos e balões. Neste dia, reúnem-se todos os Omarixá, Ogan e Oloyê e principalmente os Obas, que são os Ministros de Xangô, que só existem, no Brasil, no Axé Opô Afonjá

Neste dia no Ilxé Apo Afonjá, custuma-se sacrificar a Xangô os seguintes animais: Obô (carneiro), Akukó (galo), etu (conquém), pepelé (pato), ajapá (cágado) e outros animais.

Obaluayê e Omolu: A *entidade da energia da terra com domínio e poder sobre as doenças epidêmicas*, tem o domínio da terra, do solo. Na nação Angola é denominado Kavungu, Insumbu, em Jêje Ajunsum e em Ketu Obaluayê.

> Obaluaiyê é filho de Nanã, seu nome oba-olu-aiyê, significa rei dos espíritos do mundo (cf. Santos, 1976, p. 99), os espíritos contidos na terra, representados ritualmente pelo agirê, ou cuscuzeiro. O agirê é uma gamela de barro com furos e de seu cume emerge o opa-ossaiym, a árvore de sete galhos tendo na ponta da haste central o pássaro, símbolo do procriado. (SANTOS, 1970, p. 11 apud LUZ, M,A.1995, p.85).

Siqueira (1995) define Omolú/obaluayê "É um orixá que chama ao trabalho, á reflexão, ao esforço pessoal antes de esperar que tudo caia do céu. Para ela quando se fala da ajuda de Omolu é freqüente se dizer que se deve pedir a peste, a enfermidade, para que ele proceda ao contrario".

Diante do exposto Siqueira (1995) "levanta a hipótese de que Omolu seja um santo que redimensiona a relação com os orixás, transformando essa tendência de pedir, de esperar, de depender, numa relação mais dinâmica, sobrenatural".

A pesquisadora traz a descrição de Aruarô da *energia do ar, do movimento constante* própria do vento. Na nação Angola tem como denominação; Tempu, tembu, dembwa e na nação Ketu: Aruarô (1995, p. 18)

Oxumarê. A *entidade, energia responsável pela continuidade pelo ciclo da água* entidade simbolizada pelo arco-iris, pela serpente que mordendo a sua própria cauda forma um círculo. Na nação Angola é chamada de Angorô, Angoromeian, Anvulá, em Jêje: Bessén e em Ketu: Oxumarê **.**

Oxalá A *Entidade da geração da procriação, da pacificação*. É o pai de todas as entidades. Está ligada á fertilidade, á procriação. Na nação Angola é denominada de Lemba, lembarenganga, lembafurama, em Jêje: Olissa e em Ketu: Oxalá, Oxaguiã, Oxalifã.

Para Luz, M, A.(1995):

> Oxalá ou Orixá nla, o grane orixá, ou ainda Obatalá, rei do ala, pano branco que cobre e protege a todos os fies em determinado ritual de seu festival, está vinculado ao ar e é o orixá da criação dos seres humanos e das árvores. (LUZ, M, A.,1995, p.89).
>
> O festival de Oxalá, chamado água de Oxalá, que culmina com a festa de Oxaguian, orixá do inhame novo, se constitui num ciclo de ritualização a renovação, a recriação e a expansão da existência. (LUZ, M, A., 1995, p.89/90).

Sobre Oxumaré podemos falar que:

> Oxumaré juntamente com Nanâ, são os princípios da criação em planos diferentes: Nanã para a alma e Oxumaré para manter o equilíbrio do cosmo, do universo. São entidades essenciais, porque asseguram a origem, fonte de riqueza, que por elas passa a vida, o nascimento, o que para a cultura africana é a riqueza em si mesma. (SIQUEIRA ,1995, sem indicação de página).

Iansã. A *entidade, energia das tempestades, dos ventos e trovoadas.* Na nação Angola denomina-se: Bamburussema, Angorussema e Kaiango, em Jêje: Oya e Ketu : Iansã.

Yansã “é considerada a esposa de Xangô, compartilhando-o com Oba e Oxum. Os objetos rituais de Yansã são a espada e o eiru. Sua cor é o vermelho escuro (...). A saudação à Yansã é Heparrei, Oyá!”.(SIQUEIRA,1998, p. 73).

Princípio feminino do fogo, Oyá é orixá filha de Oxum. (LUZ, M. A., 1995, p. 73)

Oxum.A e*ntidade das águas, dos lagos das fontes, dos rios.* É a dona das águas doces. É a entidade da beleza e também da riqueza. A mãe da fertilidade. Na nação Angola significa: Dandalunda, Kissimi e kiamaza, em Jêje: Aziri Tobossi e em Ketu**:** Oxum.

> Oxum é o orixá que detém os princípios femininos da existência, está relacionada ás águas correntes, ao corrimento menstrual, á fertilidade e à riqueza. (LUZ, M, A.,1995, p 75).
>
> Oxum é o orixá genitor do lado esquerdo, princípio feminino, mãe Oxum está relacionada á procriação é patrona da gravidez. É ela quem cuida do desenvolvimento do feto e protege o bebê até que ele adquira a linguagem. (...) (LUZ, M, A., 1995, p.75).

A décima segunda entidade descrita pela pesquisadora é a *entidade das águas, do mar, dos peixes* tem domínio das águas, sobretudo das águas do mar. está também, ligada à fertilidade. O mar é a sua morada e tudo que nele existe lhe pertence. Na nação Angola é denominada de Kaiála, Kaiarê; em Jêje: Aziri Kaiá e em Ketu: **Yemanjá**.

> Orixá patrona das águas do rio e no Brasil, também das águas do mar, seu nome, Iye-omo-eja, significa mãe dos filhos peixes. Originária de Nupe, ela é considerada, em algumas histórias antigas, a mulher de Oraniyan e mãe de Xangô. (LUZ, M, A.,1995, p.80).
>
> Suas cores são o azul celeste e verde água, representações diluídas do axé do branco, poder genitor, e do preto, interioridade e direção. (LUZ, M, A.,1995, p.80)

A entidade que o povo do Candomblé tem muita fé e força é no **"Mabaça**". Na nação Angola: é denominado Mabaça e em Ketu: Ibeji.

Erê. A en*tidade criança* com características infantis, que se manifesta, sobretudo durante o período de reclusão de Iyaô, Muzenza e nos momentos de transição entre a desincorporação do orixá Vodum ou Inkissi e o retorno à consciência da pessoa. Na nação Angola, significa: Vunji; em Jêje Bêji e em Ketu: Erê.

4.3 Caderno V Perolas Negras dos Saber. Esse caderno traz como tema "Perola negras do saber". Nesse caderno são focalizadas as contribuições que cada Pérola trouxe nas diversas áreas do conhecimento e para o povo negro, como na Educação, Ciências, Artes, Política, Religião. O caderno focaliza a importância e as contribuições de dezenove pérolas. Optamos por citar o nome de cada uma correspondente a sua área de atuação e dar ênfase contribuição de 10 Pérolas. As Pessoas citadas no caderno são; Como liderança negra: Antonio Carlos dos Santos Vovô; Na Política: Abdias do Nascimento, Benedita da Silva e Lelia González; Na educação: Cosme de Farias, Manuel Querino e Maria Beatriz Nascimento. Nas ciências: André Rebouças, Juliano Moreira, Martagão Gesteira e Teodoro Sampaio; na religião: Hilda Dias dos Santos; nas Artes Batatinha (Oscar da Penha), Jackson do Pandeiro, Mario Gusmão, Mestre Abdias e Nelson Maleiro; nos esportes: Mestre Pastinha e Mestre Bimba. E por fim, citaremos J. Cunha, que mesmo não sendo incluso no caderno com Perola Negra, mas reconhecemos a sua importância nas artes e principalmente a sua contribuição ao povo negro e para Ilê Ayiê.

È importante salientar que, com a escolha dessas 10 Pérolas não estamos excluindo a importância e as contribuições das demais citadas no caderno.

Antonio Carlos dos Santos, Vovô,

Um dos fundadores do Ilê Aiyê foi Antônio Carlos dos Santos (Vovô), que é o atual líder do Ilê Aiyê. Ele patrocina a promoção do orgulho afro-Brasileiro, encoraja jovens da comunidade do Curuzu, Liberdade a permanecerem nas escolas, educarem-se e direciona o projeto no sentido de que sejam construídos novos prédios escolares.

Vovô, como é internacionalmente conhecido, é fundador, idealizador e criador da Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê, juntamente com Apolônio de Jesus, já falecido.

> Inúmeras são as contribuições de Vovô para o resgate e a afirmação da cultura de origem africana no Brasil. Produziu os quatro discos do Ilê Aiyê. Foi Coordenador do Carnaval da Liberdade de 1989 a 1992. Coordenou o Carnaval de Salvador, em 1996. É produtor de artistas nacionais e estrangeiros nos eventos do Ilê Aiyê. Foi membro da Comissão Organizadora da vinda de Nelson Mandela ao Brasil.(ILÊ AIYÊ, 2006)

Foi membro da Comitiva Oficial de Intercâmbio Cultural Bahia-Benin. Consultor para a criação de blocos afros no Rio de Janeiro, Maranhão e São Paulo. É responsável pelo Projeto de Extensão Pedagógica e pela Escola Profissionalizante do Ilê Aiyê. Atualmente, é membro do Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra, em Brasília e membro da Coordenação do Fórum Intermunicipal de Cultura, entre outras contribuições.

Com um trabalho voltado exclusivamente, para a conscientização da população negra de seus direitos civis e fazendo isso através de manifestações político-culturais como o Bloco Afro Ilê Aiyê, a Band'Aiyê, a Escola Mãe Hilda, o Projeto de Extensão Pedagógica, a Banda Erê, a Escola Profissionalizante e outras, Vovô, têm acumulado prêmios e reconhecimentos no Brasil e no Exterior.

> A música para nós funciona como um transformador. Enquanto uma palestra atinge pouca gente, a música fala do orgulho de ser negro e do resgate da auto-estima para um número muito maior de pessoas", define o presidente do Ilê Aiyê, Antonio Carlos dos Santos Vovô.(Informação verbal)

Declaração de Vovô em entrevista ao jornal atarde, sobre a sua personalidade

> Quando me perguntam quem sou eu, respondo que sou um negro que fugiu do controle, porque se a escravidão passou, seus efeitos permaneceram e, além do racismo disfarçado de nossa sociedade, existe a escravidão mental contra a qual tem lutado o Ilê nestes 30 anos, através da cultura, da educação, da religião, das raízes ancestrais e da música que fala da beleza do negro e com isso transformando a sociedade.**(** A TARDE,2006)

Vovô define a territorialidade do bairro da Liberdade em 31 de março de 2006.

> Um bairro devanguarda, resistência negra e manifestações culturais. "Naquela época, a gente curtiamúsica black americana e tinha vontade de criar um bloco só para negros", recorda Vovô, ao falar do amigo Apolônio –hoje falecido um dos fundadores do bloco.

> Segundo Vovô, quando o Ilê foi criado, 'muita gente tinha medo de deixar os filhos saírem, porque achavam que seria um bloco de negros,

> então seria um bloco de desordeiros', comenta. 'A gente ensaiava na rua e a polícia vinha e terminava com a nossa festa', relembra Vovô. (InformaçãoVerbal).

Vovô ainda afirma que

> A luta é diária, mas ao longo do processo o que se tem de mais importante é que o grupo conseguiu dar visibilidade ao negro e à questão racial na Bahia e no Brasil. Antes do Ilê não se falava em racismo e nem se admitia a existência deste na sociedade brasileira. Outra conquista importante é o crescimento da auto-estima e da afirmação da negritude que a comunidade passou a experimentar. " O Ilê ajudou a população a desenvolver o orgulho de ser negro".(Informação verbal).

Abdias do Nascimento fala sobre os Cadernos Negros do Ilê Aiyê. A*bdias Nascimento Ex-Senador da República*.http://bayo.sites.uol.com.br/principal.htm. Essa entrevista marca a participação de Abdias no Movimento Negro e traça um pouco do seu perfil político. Ele fala dos Cadernos Negros, outro material que dá respaldo à luta negra no Brasil são formas de expressão do Movimento Negro, tendo como importante marca a cultura. Ver entrevista na integra em anexo.

Para Gonzales (1995,p. 79):

> Abdias " poetiza, pinta e teatriza" por que e enquanto negro. A forças metaforica de seus versos, a força colorida das formas de seus quadros, a força dramática de suas peças, ele não a buscou nas escolas ocidentais especializadas em " fazer artista", mas nesse campo cultural alternativo, repito, reelaborado e recriado pelo povo negro em nosso país.
>
> GONZALEZ, L (1995, p. 81) cita SODRÉ (1893:130) ao falar de Abdias para expressar que é atraves do padê de Exu, que Nascimento "abre os trabalhos" rituais para que sua verdade, sua negra verdade de homem negro, possa surgir no xirê de sua vida de andanças por esse Aiyê, " feito de terra incerta e perigosa". E, na invocação dos orixas, convertidos em griot, ele canta tocando, ao ritmo do rumrumpi-lé e agogô, o percurso e os caminhos do filho de Josina, a de braços escarificados em "buquês de queimadurs e cicatrizes"

Abdias (2002, p. 121) justifica, que é recebendo o axé plantado por Exu, que pode retornar à língua que me foi roubada; é absorvendo esse axé que retomarei o

conheciemento, que lhes foi retirado pela violência física, pelo terrorismo cultural, pelo etnocídio a que foi submetido.

> Florestan Fernandes (1978, p.22) no prefácio da obra “o Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um Racismo Mascarado” afirma que Abdias através da sua atuação no teatro brasileiro traz não só o protesto negro, mas reequaciona a política e socialmente o protesto negro. Pois com sua atuação “ não fala mais em uma segunda abolição, mas situa os segmentos negros e mulatos da população brasileira como estoques africanos com tradições culturais e um destino históricos peculiares. Em suma, pela primeira vez surge a idéia de uma sociedade pluri-racial como democracia (...).

Abdias do Nascimento (2002, p. 123) também fala da questão racial citando Nelson Rodrigues, por esse ser um dos dramaturgos culminante dos últimos tempos. Essa adjetivação se dar pelo fato de Rodrigues ter ruma linguagem ácida e precisa.

Rodrigues contribuiu para a caracterização das nossas relações de raça com as seguintes palavras *“Não caçamos pretos, no meio da rua, a paulada, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. Nós o tratamos com uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós, dia e noite”.*

Andréa WELLBAUMM numa reportagem ao site www.afrodescendente.com.br/abdias.htm fala sobre Abdias do nascimento

> “O ativista negro Abdias do Nascimento, de 90 anos, ex- senador da República, que será premiado pela sua luta contra o racismo, disse que os negros no Haiti estão numa situação melhor do que no Brasil.
>
> "No sentido material, o negro haitiano está pior, mas, no sentido de sua soberania, de sua liberdade total, ele está melhor do que nós", disse o fundador do Teatro Experimental do Negro.
>
> "Lá eles têm um país deles. E nós vivemos um país para os outros. Até hoje estamos sendo colonizados, dirigidos. Nós não temos autodeterminação, não temos nada."

M**anuel Raimundo Querino** nasceu no dia 28 de julho de 1851, Em 1868, alistou-se como recruta, viajando pelos sertões de Pernambuco e Piauí, se unindo ao um contingente que se destinava ao Paraguai as não pôde ir por questões relacionadas a saúde. Indo para o Rio de Janeiro no mesmo ano, ficou trabalhando no escritório do quartel. Em 1870, foi promovido a cabo de esquadra, e logo depois teve baixa no serviço militar.

> Voltando à Bahia, começou a trabalhar como pintor e decorador, nas horas vagas estudava francês e português. Este foi fundador do Colégio 25 de Março e o Liceu de Artes e Ofícios. Logo depois se matriculou na Escola de Belas Artes, se tornando-se aluno de destaque Em 1882 obteve o diploma de desenhista. Seguiu depois o curso de arquiteto. Foi lente de desenho geométrico no Liceu de Artes e Ofícios e no Colégio dos órfãos de S. Joaquim. Publicou um manual de desenho em 1903 e outro logo depois. **www.capeira-palmares.fr/histor/querino.htm**

Querino foi republicano, liberal, abolicionista. Ele assinou o manifesto republicano de 1870. Fundou os periódicos "A Província" e "O Trabalho", onde defende os seus ideais republicanos e abolicionistas. Escreveu para a "Gazeta da Tarde" uma série de artigos sobre a extinção do elemento servil.

> Tornou-se um líder da classe, em campanhas pelas causas trabalhistas e operárias que o conduziram a Camara Municipal. Ali escreve um dos seus biógrafos, Gonçalo de Ataide Pereira, - foi êle contrário as leis de exceções, às reformas injustas, descontentando aos senhores da situação, mas, ao mesmo tempo, ganhando a simpatia daqueles que seriam prejudicados por tais reformas, que apenas serviriam para acomodar amigos e protegidos da situação dominante. Nessa mesma ocasião formou um bloco com outros e por uma indicação fez voltarem aos seus cargos vários funcionários dispensados por uma reforma; e isso custou-lhe a não reeleição, retirando-se satisfeito para a sua obscuridade, desvanecido de que soubera cumprir o seu dever, ficando bem com a sua consciência de funcionário público. **www.capeira-palmares.fr/histor/querino.htm**

Manuel Querino dedicou-se a estudos, que vem contemplar aspectos históricos, em particular, à pesquisa e ao registro das contribuições dos Africanos ao crescimento do Brasil. Esses estudos tinham dois objetivos: o primeiro de mostrar aos seus irmãos de cor a contribuição vital que deram ao Brasil e, o por outro, desejava lembrar aos Brasileiros da raça branca a dívida que tinham com a África e com os afro brasileiros. Ele publicou em 1906, *Os artistas Bahianos*, um artigo de 62 páginas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Em 1909, publicou uma coletânea de artigos escritos para o Diário de Notícias nos dois anos anteriores sob o título “Contribuição para a História das Artes na Bahia”. No mesmo ano, publicou no Rio Artistas baianos - Indicações Biográficas, (225 páginas), revisada e ampliada em 1911.

> È importante enfatizar que nenhum afro-brasileiro havia, até então, dado sua perspectiva da História do Brasil. Querino surgiu como o primeiro Brasileiro - afro- a detalhar, analisar e fazer justiça às contribuições africanas ao Brasil. Apresentou suas conclusões num clima na melhor das hipóteses indiferente, e na pior, racista e a té hostil. **www.capeira-palmares.fr/histor/querino.htm**

> Querino, na época, trouxe à História do Brasil a perspectiva do Afro-Brasileiro Morando na comunidade de descendência Africana, ele conhecia com intimidade os hábitos, aspirações e frustrações dos Afro-Brasileiros. Falando de suas fontes de pesquisa, Querino revelou que muitas de suas informações vinham diretamente de afro-brasileiros idosos que conversavam com ele sem inibição, pois o viam como um amigo. . **www.op.cit.**

Existem provas de que além de escrever sobre os afro-brasileiros, Querino também
ajudava a defendê-los. Chamou a atenção dos oficiais municipais das perseguições existentes aos praticantes das religiões afro-brasileiras. A polícia, rotulando essas religiões como bárbaras e pagãs, freqüentemente aparecia nos terreiros onde havia as cerimônias, destruindo propriedades e ferindo os participantes. A intervenção de Querino defendendo esta comunidade junto ao governo local, revelou mais uma vez sua realização original em criar uma ponte entre culturas e classes sociais diferentes.

Para Calmon,

> Defensor da Emancipação, Manuel Querino preocupava-se, ao mesmo tempo, com a nascente classe operária, representativa do trabalho livre, que a economia ainda escravocrata não podia aceitar senão com grande relutância. Seu primeiro encontro com o problema deu-se em 1874, por ocasião dos acontecimentos que provocaram a formação da Liga Operária Baiana. Tornou a ocupar-se dele, com o mesmo empenho a partir d e1885, transformando-o numa das bandeiras do seu jornalismo militante, quando, em 1887, fundou o períodico ***A província***, e em, 1892, a outra gazeta, ***O trabalho***.(CALMON,P.,1915, p.19)

Muitos historiadores certamente devem muito a Querino. Ele preservou um considerável montante de informações sobre as artes, artistas e artesões da Bahia. Ninguém pode efetuar uma pesquisa sobre esses assuntos sem consultar seus trabalhos. Além do que ele é uma fonte excelente para o estudo de História Social. Em seu *As Artes na Bahia*, por exemplo, estão incluídos trechos de biografias de trabalhadores,

artesões e mecânicos, esses que são qualificados como "pessoas comuns". Estas biografias originais fornecem uma perspectiva inestimável das vidas dos humildes, que foram os que mais contribuíram para o crescimento do Brasil. Ele também oferece em seus ensaios informações abundantes sobre costumes, cultura e religião. Uma das maiores contribuições de Querino à Historiografia Brasileira, foi sua insistência para que a História Nacional levasse em consideração seu componente africano, cuja contribuição estava sendo minimizada. Ele ratificou estas contribuições em seu ensaio sugestivo *O Colono Preto como Fator da Civilização Brasileira* (Anais do 6.° Congresso Brasileiro de Geografia, 1918). Neste ensaio, abundam as verdadeiras origens Brasileiras, muitas das quais os futuros estudiosos adotaram e expandiram - tanto que atualmente fica difícil apreciar a originalidade de Querino. Faleceu na Bahia no 14 de Fevereiro de 1923.

Depois da sua morte, foi publicada a sua *A arte culinária na Bahia* (39 páginas). Em 1938, que Artur Ramos editou uma compilação de textos já publicados, como *Costumes africanos no Brasil* (351 páginas). É esta edição que serviu de base para o texto sobre capoeira abaixo apresentado.

Segundo pesquisas, Manuel Querino foi primeiro historiador negro no Brasil (1854-1923) deu a primeira descrição da capoeira baiana no seu último livro, *A Bahia de Outrora*, em 1916.Ver na integra em anexo

> **A CAPOEIRA**
>
> O Angola era, em geral, pernostico, excessivamente loquaz, de gestos amaneirados, typo completo e acabado do capadocio e o introductor da capoeiragem, na Bahia.
>
> A capoeira era uma especie de jogo athletico, que consistia em rapidos movimentos de mãos, pés e cabeça, em certas desarticulações do tronco, e, particularmente, na agilidade de saltos para a frente, para traz, para os lados, tudo em defesa ou ataque, corpo a corpo. O capoeira era um individuo desconfiado e sempre prevenido. Andando nos passeios, ao approximar-se de uma esquina tomava immediatamente a direcção do meio da rua; em viagem, si uma pessoa fazia o gesto de cortejar a alguem, o capoeira de subito, saltava longe com a intenção de desviar uma agressão, embora imaginaria. (...)

André Pinto Rebouça nasceu no dia 13 de janeiro de 1838, na cidade de Cachoeira, na Bahia, no segundo ano da sangrenta Sabinada que devastou o estado da Bahia , sua terra natal. Ele fez o curso de engenharia civil na escola militar do Rio de

Janeiro. Seu pai financiou a viagem e os estudos adicionais, André foi para França e Inglaterra. Rebouça tinha um estilo de vida e cultivava uma aparência física que se conformavam às normas estabelecidas pelos membros da classe média instituída de suas respectivas sociedades.

> Rebouças participou de todas as mais importantes iniciativas do movimento abolicionista em sua primeira hora: organizando o banquete para o ministro norte-americano Mr. Henry Washington Hillard, em 20 de novembro de 1880: tomando parte na fundação da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão; escrevendo inúmeros artigos da Gazeta da Tarde; redigindo o projeto de lei que criava o Imposto Territorial, cuja apresentação aos membros do Parlamento, em setembro de 1882, seria feita pelo deputado José Mariano da bancada liberal de Pernambuco; estimulando a criação de uma Sociedade Abolicionista na Escola Politécnica, onde lecionava; redigindo em 1883, juntamente com José do Patrocínio, o Manifesto da confederação abolicionista - primeiro documento de uma sociedade fundada no dia 9 de maio daquele ano, nas dependências da Gazeta da Tarde e que o manteria como tesoureiro eleito até 12 de junho de 1888. Tal manifesto, exigindo a abolição imediata do trabalho escrevo e sem indenização, seria dirigido ao Parlamento e publicado por iniciativa do Deputado Severino Ribeiro no Diário Oficial. Rebouças também participaria da sessão preparatória para a fundação da Sociedade Central de Imigração, no Liceu de Artes e Ofícios, em 14 de outubro de 1883, onde protestou, juntamente com seu amigo Taunay e com o publicista Carlos von Koseritz, contra a introdução de chins [N.R:chineses] no Brasil. Dessa sociedade participaria até a sua partida para o exílio. (...).(REZENDE,1998)

No desenvolver da campanha abolicionista Rebouças associaria a miséria brasileira à vigência, por três séculos, do estatuto colonial da terra e esboçaria uma superação das condições de vida dos trabalhadores nacionais e estrangeiros, isto é, de emancipados e colonos, mediante a instituição de uma lei agrária. Nesse sentido, pode-se dizer que progressivamente as preocupações de Rebouças evoluíram de um diagnóstico referido aos malefícios sociais produzidos pela escravidão na direção da caracterização dos impasses à construção da autonomia do homem comum em um contexto de monopólio da terra. Sua perspectiva seria dominada, doravante, pelo tema da emancipação social.

> A abolição da escravidão acirrou os ânimos dos grandes proprietários de terras, cujo temor passou a residir na possibilidade de uma alteração da situação agrária do país, mediante uma política de estímulo à

> pequena propriedade. O movimento militar de 15 de novembro de 1889 levou a que André Rebouças embarcasse, juntamente com a família imperial, no paquete Alagoas, com destino à Europa. . **www.bn.br/fbn/musica/cgrebou.htm**

Com a deflagração da Guerra do Paraguai, André Rebouças é convocado na qualidade de engenheiro militar, nela permanecendo no período compreendido entre maio de 1865 e julho de 1886, quando se vê obrigado a retornar ao Rio de Janeiro, por motivos de saúde.

Dias (1973) fala sobre O diário e notas autobiográficas de André Rebouças, publicado em 1938 por Ana Flora e Inácio José Veríssimo que trás o relato da experiência de Rebouças frente à guerra do Paraguai onde:

> Na primeira parte do diário, Rebouças descreve sua experiência como o primeiro tenente de engenheiros juntos ao Exercito do General Osório no Sul, a partir de 28 de maio de 1865, quando desembarca em Montevidéu, um mês após o tratado da Trípice Aliança (1º. De Maio de 1865). Faz críticas á falta de planificação da guerra, cuja estratégia ainda era tema de discussão, e traz observações interessantes sobre o desconforto e as péssimas condições de saúde dos saldados nos acompanhamentos; as doenças causaram mais mortes do que os azares de batalha; demora-se a reproduzir a tensão entre brasileiros e aliados, suscitada pela notícia de invasão do Rio Grande do Sul pelos paraguaios; testemunha a revolta que sentem os brasileiros ante a perspectiva de se verem compelidos pelo tratado de aliança a ir defender a fronteira Correntina, deixando Uruguaiana nas mãos dos inimigos. (...)(DIAS, 1973, p. 4).

> (...) Afinal em 2 de setembro de 1865, exasperado com a morosidade dos entendimentos, solicita sua transferência para Uruguaiana, que lhe é concedida, e parte levando a correspondência oficial e cartas de Osório para o General Canabarro, comandante das forças que sitiavam a cidade ocupada. (DIAS, op. Cit.)

Spitzer (2001, p. 165) faz critica a participação de Rebouças no processo abolicionista, pois,

> Até o final da década de 1860, André Rebouças tendeu a se dissociar das massas afro-brasileiras negras e mulatas. Seguindo os passos do pai, chegou a se posicionar precocemente contra a continuação do sistema escravagista brasileiro, mas fez por abominar as crueldades intrínsecas dessa instituição e o obstáculo que ela representava para a modernização do país, e não por que se identificasse com as vítimas como companheiros de cor. Além disso, durante esse período, faltou engajamento á sua oposição: ele empregou alguns escravos no projeto

> de construção da Alfândega e do porto que dirigiu no Rio de Janeiro , e tanto ele quanto Antonio Rebouças só libertaram seus três últimos escravos em 1870.

As obras que André Rebouças realizou e que lhe conferiram projeção como engenheiro foram às ligadas ao plano de abastecimento de água na cidade do Rio de Janeiro, durante a seca de 1870, a construção das docas da Alfândega, onde permaneceu de 1866 até a sua demissão, em novembro de 1871, e a das docas D. Pedro II -- todas elas envolvendo enormes conflitos e debates pela imprensa.

Após a morte do Imperador D. Pedro II, Rebouças começou a ver Lisboa com a "uma extensão" do Rio de Janeiro, uma cidade freqüentada pelos mesmos " monstros traiçoeiros" que "desgraçaram o Brasil".(spitzer 2001, p. 172*).* Rebouça resistiu a idéia de ficar na Europa e sentiu necessidade de voltar ao "voltar para o sol e a brisa fresca de um clima quente". Ele esperou pelo funeral do imperador, durante o qual escreveu, no cartão que acompanhou sua coroa de flores: " Um negro brasileiro, em nome de sua raça". Dias depois, resolveu deixar a Europa e ir trabalhar na África.

Spitzer (2001, p.172) relata, que

> Rebouças explicou em suas cartas que a África viria a ser seu "novo destino"- lugar onde recomeçar a vida e acalmar os nervos-,assim como uma "necessidade higiênica" de distrai-lo da "dolorosa saudade" de seu "Santo Mestre, o imperador dos "horrores que afligem [sua] infeliz pátria". Também aliviaria a angustia pessoal. "ninguém sabe melhor do que Taunay", escreveu a seu amigo mais íntimo, relembrando incidentes passados, "quão injusto e iníquo foi o Brasil para com os Rebouças, desde o pai até o último dos filhos".

È importante frisar que embora Rebouças estivesse com intenções abolicionista, antes de tudo era cheio de valores eurobrasileiros

> Rebouças, embora quisesse encontrar refúgio emocional no mundo de seus ancestrais negros e se identificar com a Àfrica e os africanos, suas percepções do continente e dos povos ali existentes eram filtradas pelos valores e visões culturais que ele levara consigo de seu mundo eurobrasileiro, urbano e burguês. Sua visão dos africanos era paternalista; seus projetos brasileiros para o futuro dos escravos recém-emancipados. Imaginava uma campanha africana que viesse a erguer o negro. (SPITZER,2001, p. 173)

Na década de 1880, André se engaja na campanha abolicionista e participa da fundação de algumas sociedades empenhadas na luta contra o trabalho compulsório no

país, tais como a Sociedade Brasileira contra a Escravidão, a Sociedade Abolicionista, criada juntamente com os seus alunos da Escola Politécnica, e a Sociedade Central de Imigração. Entre setembro de 1882 e fevereiro de 1883, Rebouças permaneceu na Europa, desembarcando em solo brasileiro para, basicamente, dar continuidade à campanha, já, então, animada pelas ruas e pelos debates parlamentares.

> Entre 1889 e 1891, Rebouças permaneceu exilado em Lisboa, com intensa atividade como jornalista correspondente do The Times, de Londres. Transferiu-se, então, para Cannes, na França, até a morte de D. Pedro II. Em 1892, financeiramente arruinado, aceitou um emprego em Luanda; mas a sua estadia na África seria muito curta: exatamente 15 meses. De lá, jamais retornaria à Europa, fixando-se em Funchal, na Ilha da Madeira, a partir de meados de 1893. Seu abatimento no exílio era muito intenso, acentuado por um precário estado de saúde. **www.bn.br/fbn/musica/cgrebou.htm**

As notícias sobre a morte de André Rebouças relatam apenas o resgate do corpo, na base de um penhasco de cerca de 60 metros de altura, muito próximo ao hotel em que vivia. Era o dia 9 de maio de 1898.

MÃE HILDA JITOLU, já foi citada no corpo desta monografia em outro momento, no capítulo II, intitulado “O solo de origem da Associação Bloco Carnavalesco Ile Aiyê”. Mas buscaremos, agora, trazer outros aspectos também interessantes de Mãe Hilda.

Devido á importância de Mãe Hilda para a Associação Bloco carnavalesco Ilê Aiyê no ano de 2004 o tema foi em homenagem a Mãe Hilda. O tema do carnaval do Ilê Aiyê, é fruto de pesquisa feita por historiadores, artistas plásticos e outros especialistas. Neste ano falou-se na origem/ significado da Ialorixá mais importante do Ilê.

> Mãe Hilda Jitolu é filha de dois reinos africanos: Jitolu de Abomey – atual Benin; Jitolu Yoruba – Atual Nigéria. O significado do nome Jitolu é digina, força, sabedoria, fé, inteligência, responsabilidade social, orientação, leitura da história, amor à família e casa aberta. **www.IleAiye.com.br**

Mãe Hilda è Filha de OBALUAYÊ. Esse orixá também tem outras denominações como o velho. È a entidade considerada o rei da terra, aquele que cura, que varre todas as doenças do mundo, aquele que tem o dom do conselho. Além dessas atribuições, ele é aquele que cria, renova, reorienta o sentido das diferentes dimensões da vida e da espiritualidade.

> Mãe Hilda é filha de OXUM, ela vem de Abeokuta, cidade vizinha de Ifé, de Ibadan, de Ibó, de Oyó, Ilorin, Ileshá, Egbá, todas de língua Yorubá com seus Alafins.(...) As terras de Oxum ficam nos tradicionais vergeis do Golfo do Benin, hoje Nigéria. Oxum tem suas lendas, seus kekés, seus bantés, suas jóias, suas sedas, seu colorido amarelo-ouro, seus perfumes, a precisão dos seus passos, dizendo a sua verdade a todos os cantos, com sua voz entre tons graves e agudos segundo a circunstância que sua missão solicita guiada por OLORORUN. **(**ILE AIYE, 2004, p.9)

Mãe Hilda herda de Oxum força, graça, ternura, beleza e compromisso. Com essa herança Jitolu transforma "Água Viva" em "Seiva" que fecunda bem, a prosperidade, a orientação, o conselho a palavra amiga.

> O **Orukó** que ela recebe na saída do **Ronkó** é a **Digina Jitolu**, nome pelo qual Obaluayê seu pai, rei do Dahomé é conhecido lá na terra do Gêge, que lhe dá origem. Seu Terreiro é **Gêge-Nagô** como as duas divindades que constituem a sua cabeça**.** www.IleAiye.com.br

A Família Biológica de Mãe Hilda Antonio Carlos dos Santos, Vovô, o primogênito – Presidente e fundador do Ilê Aiyê, filho de Oxalá, Ogan de Obaluayê.

> Sempre fui orientado a procurar ser sempre melhor em todos os sentidos, pois negro sempre é vilão, e eles nunca se preocupam conosco, e por isso faço minha parte e tenho tanto orgulho dessa minha formação de categoria em negritude. (Informação verbal). Obrigado Mãe por ter formado esse produto que mudou a cara e a cabeça da Bahia" . **Antonio Carlos Vovô – Ilê Aiyê**.(Informação verbal)

Hildete Santos Lima, a segunda filha de mãe Hilda, Diretora fundadora do ILÊ AIYÊ, artista plástica, criou trançados, turbantes, amarrações, figurinos, cortejos e coreografias. São estes símbolos, signos que constituem a imagem artística e cultural do Ilê Aiyê, formando parte do conjunto: imagem, ritmo, ijexá, canto negro originais, criados por todos os fundadores do Ilê Aiyê. Dete Lima é Ekedi de Oxum no Ilê Axé Jitolu. O terceiro Vivaldo Benvindo dos Santos, o terceiro filho de mãe Hilda. Diretor do Ilê, Vice-Presidente do Bloco ele tem a função de coordenação das ações artísticas, culturais do bloco. Vivaldo é Ogan do Ilê Axé Jitolu, filho de Logum Edé.

Hildemária Georgina dos Santos, a quarta filhas, faleceu em 2003, estudou no Rio de Janeiro. Foi funcionária pública, trabalhou num colégio do Estado da Bahia, Hildemária, filha de Oxossi do Ilê Axé Jitolu, foi confirmada Yalorixá, recebeu Deká no ano 2002 sob a orientação de Mãe Hilda Jitolu. Hildelice Benta dos Santos, a quinta

filha, professora, diretora da Escola Mãe Hilda, filha de Oxalá, cumpriu obrigação ritual de sete anos no Ilê Axé Jitolu dia 05 de julho de 2003.

Jitilu e seus filhos biológicos foram iniciados, confirmados e com suas obrigações realizadas para Obaluayê, Oxum, Oxalá, Logum Edé e Oxossi.

Mãe Hilda recebeu das Sociedades Femininas Africanas o legado e o direito de preparar-se para ser **Mãe Espiritual, Estrela Guia, Yalorixá**. Ela foi escolhida para ser seguidora e guardiã da herança africana das mães ancestrais. Portanto citaremos abaixo o significados atribuídos a mães ancestrais

> MAWU – Mãe de todos os Vodus; EZELI – Mãe de filhas guerreiras e filhos guerreiros; **Nzamê , Maberê, Kuabá** – que reúnem-se para idealizar a figura masculina para lhes fazer campanhia; Nassissim – os olhos da alma, o ponto brilhante do fundo do olho; Bongué – cuja alma é Nassissim; Nyamê – o lado feminino da divindade Akan; Wagadu – aquela que permanecerá viva. Os alaúdes do SAHES cantam para ela; Nzambi – entidade maior dos Bakongos. Nalunga – entidade maior dos Bassongas; Na – Buku e Mawa – Lisa maedo povo fon; Kilemdé – árvore da vida dos bantus e Geledés – Sociedade secreta de mulheres do Reino Yorubá.(ILEAIYE,2004)

É importante ressaltar, que essas divindades existem desde o inicio do mundo. Mãe Hilda recebe valores, crenças para continuar a tradição entre mitos e rituais, entre celebrações de contos, lendas, mistérios que falam da vida de antigamente quando reis, rainhas, chefes tradicionais, griots, babalaows, viviam entre seus povos e lhes ensinava a viver e guardar a tradição.

Sobre Mãe Hilda Neguinho do Samba afirmou que,

> Aprendi a tocar no Candomblé de Dona Hilda (...). (...) Mãe Hilda transmite em cada gesto seu, deixa um exemplo, uma lição, uma curiosidade. Ela ensina sempre pelo seu testemunho de vida. Ela tem o charme, o encantamento de uma pessoa poderosa, virtuosa, de talento, de fé, de uma educadora.(ILE AIYE, 2004)

Mãe Hilda é a representação da mãe Maior, inspiradora, diretora, conselheira do Ilê Aiyê. A sua importância vem desde a idéia de criar o bloco Ilê Aiyê. O Bloco foi criado por Antonio Carlos dos Santos Vovô juntamente com Apolônio de Jesus. Mãe

Hilda participou da escolha do nome do bloco Ilê Aiyê, que significa CASA DE NEGRO. O Ilê nasceu dentro do terreiro de Mãe Hilda, no Ilê Axé Jitolu.

> É neste mesmo espaço que nasce e funciona a Escola Mãe Hilda, a Band'Erê, o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, o convênio com o Projeto Axé, a celebração do convênio com o Extra. Tudo o que antecede à criação da Sede do Ilê Aiyê, se realiza com sua bênção, seu apoio, incluindo seu próprio trabalho cotidiano. .(ILE AIYE, 2004)

Mãe Hilda e sua participação na escola mãe Hilda

> A Escola Mãe Hilda idealizada e criada por ela desde 1988 é uma continuidade de seu trabalho. Lá ela é educadora e a Diretora da Escola, que exerce suas funções articulando os saberes de suas escolas tradicionais: a educação de seus pais, desde a Quinta das Beatas e no Curuzu. A formação de sua Mãe de Santo, Mãe Tança na Cacunda de Yayá; a convivência com seus parentes, amigos, amigas – Mãe Maria sua Iyakekerê e suas vizinhas. .(ILE AIYE, 2004)

HOMENAGEM ÀS MÃES PRETAS DO BRASIL

Mãe Hilda
Mãe Preta do Brasil
Sabe acalentar
Sabe aconselhar
Sabe qual a comida dos orixás
Cuida de tudo com carinho
Dos filhos que amamentou
E dos que não amamentou também
Cuida da fé
Cuida da religião
Cuida do negro
Para que seja
Um bom cidadão
Que as mães pretas
Sejam parecidas com Mãe Hilda
Nos acalente
Nos aconselhe
Para sermos
Negros felizes no Brasil

Produção coletiva dos alunos da 2ª. Série, durante as recomendações do Dia da mãe Preta. 28/09/2001. In: cadernos de educação XII do projeto de extensão pedagógica do Ilê Aiyê

Mãe Hilda foi premiada pela secretaria Especial dos Direitos Humanos, em 12 de dezembro de 2005, pelo Prêmio Direitos Humanos 2005, por trabalhar em prol dos direitos humanos:

> O prêmio, portanto é o reconhecimento do Governo Federal à Mãe Hilda Jitolu, Ialorixá do Ilê Axé Jitolu, terreiro dirigido pela mãe-de-santo, que se tornou referência na preservação da cultura e da religião de matriz africana. Conselheira espiritual do bloco Ilê Aiyê, como afirmou um dia seu filho Antônio Carlos Vovô, "foi ela quem sempre segurou tudo". E tudo quer dizer o bloco Ilê, a Banda Erê, os projetos educacionais, o projeto de expansão pedagógica, a Escola Mãe Hilda, a Festa da Beleza Negra, o Festival de Música, tudo, a ponto do tema do Carnaval 2004 ter sido "Mãe Jitolu, Guardiã da fé e da tradição Africana" e até mesmo o Dia da Mãe Preta, 28 de setembro, criado há mais de 20 anos para homenagear Mãe Hilda, guia espiritual do bairro Curuzu, coração da Liberdade, da cidade de São Salvador, do Estado da Bahia, o mais negro do Brasil, num esforço de valorização da culinária, da estética, das artes, dos ritos afro-brasileiros. www.emilianojose.com.br/texto_mocoes.php.

Mãe Hilda Jitolu, Ialorixá do Terreiro Ilê Axé Jitolu, fundadora do Afoxé Ilê Aiyê, foi homenageada pela relevante contribuição aos processos de construção da cidadania, afirmação e valorização da identidade cultura afro-descendente na Bahia, especialemente na cidade de Salvador. www.3atarde.com.br/cidade/interna.jsp. 27/11/2006

Mario Gusmão Em homenagem ao mês da Consciência Negra, foi realizado feito um evento denominado “Cultura Promovendo a Igualdade”, em que celebra a obra e a trajetória do ator baiano Mário Gusmão. Nascido em 1928, numa pequena cidade do Recôncavo Baiano, tornou-se um dos maiores atores brasileiros e uma referência importante não só para o cinema e o teatro, como também para o movimento negro. O Festival Mário Gusmão relembra a contribuição do ator baiano através da exibição de filmes, entre os quais *Mário Gusmão, o Anjo Negro da Bahia*, documentário de Élson Rosário, e do lançamento do livro Mário Gusmão, “Um Príncipe Negro na Terra dos Dragões da Maldade”**,** de Jeferson Bacelar, biografia feita a partir da memória de parentes e amigos do ator e que conjuga de maneira equilibrada trajetória individual e descrição histórica. O evento Cultura Promovendo a Igualdade tem projeto e curadoria de Eufrásio Gato Felix e direção, na produção de Silvia Aguggia. www.cinemateca.gov.br/programacao.php.2006**.**

O pouco que se sabe da infância e juventude de Mario Nascimento vem do próprio relato de dele, indicando segundo REIS (2006, p. 29) "que pertencendo a uma família de negros, pobre, Mario compartilhou os valores e padrões culturais atinentes ao seu estatuto social. Numa sociedade fortemente hierarquizada, o direito ao privilégio era reforçado pelas diferenças culturais".

Durante a juventude de Mario foram feitas algumas escolhas, que diferenciou em muito a trajetória de vida escolhida por seu irmão, Osvaldo Gusmão.

> Enquanto Osvaldo, irmão de Mario, cedo já estava trabalhando no vapor de Cachoeira, ele se manteve nos bancos escolares e sem trabalhar, na sua juventude em Cachoeira. O professor João Baptista Borges Pereira, em gentil carta, comentando o artigo de BARCELAR dizia, que Gusmão havia sido o escolhido para ascender socialmente, tendo a escola como trampolim adicional que essa é uma estratégia de mobilidade social adotada pelas populações pobres para alcançar a classe média na expectativa de que os investimentos dos membros que foram sacrificados, para que apenas um fosse vitorioso, viessem reverter em benefício de todo o grupo familiar, expectativa que raramente se concretiza. (BACELAR, 2006,p. 32)

A questão racial foi decisiva no que tange a ascensão e movimentação social de Gusmão, mesmo ele tendo um certo grau de instrução escolar e sendo ator. Mesmo assim, a questão racial foi decisiva na sua carreira, fazendo poucos papeis de destaque. Os racistas justificavam as poucas oportunidades *"por haver pouco papel de destaque"* (REIS, 2006,p.15).

> Mario Gusmão antes do contato com o mundo teatral, era um exemplo de tal perspectiva. Segundo o relato de Carlos Petrovich, que o conheceu trabalhando na Penitenciaria, Mario revelava certa capacidade histriônica, de "simulação". No entanto, somente com a sua inserção na escola de Teatro da universidade da Bahia é que se transformaria em um ator. (BACELAR, op. Cit, p. 32)

Foi através do teatro que Mario tomaria consciência e conhecimento de modos de vidas similares ou iguais ao seu. Para ele a arte era o testemunho de um mundo exterior, seria, no entanto, um instrumento de busca de significados e de definição dos seus passos no mundo.

> Mario tornou-se-ia um ator, um personagem definido por DUVIGNAUD (1966, p. 212) como um individuo atípico, pois, ao contrário do homem comum, o qual nunca questiona sua inserção na

> sociedade em que viveu, o ator, como os feiticeiros, é ao mesmo tempo respeitado e temido, pois tem um grande poder dado pelas forças coletivas, as condutas universais da experiência humana, que manipula. Mas isso só seria possível por que Mario Gusmão, nos termos de VELHO (1994, p. 40), encontraria, para a construção do seu projeto individual artístico, um vasto campo existente a partir de meados da década de1950. (Cit. BACELAR,2003, p. 60).

Mario teve grande participação na vida artística brasileira a partir da década de 70 do século XX, tornando-se época áurea para Maio Gusmão, que nesse período trabalhou no teatro, cinema e televisão. Em 1962, com o Teatro de Equipe e Campanhia Baiana de Comédia, sob a direção de Álvaro Guimarães, mostra em Salvador, no Ginásio Octávio Mangabeira, a peça intitulada Chapetuba Fetbol Clube, de Oduvaldo Vianna Filho, com aparticipação, entre outros, de Antonio Pitanga e Mário Gusmão. Nesse mesmo ano, o grupo de teatro, A Barca, sob a direção de Luís Carlos Maciel, encenou o "Engenho de Couro". Essa falava dos últimos momentos da terra de canudos.

Na televisão baiana, em 1962 Mario Gusmão participou juntamente com Luis Maciel, Échio reis, Othon Bastos da direção do teleteatro bahiano. Entre 1962 a 1963 além de fazer teleteatro trabalhou na equipe e na companhia de Comédias. No segundo semestre de1963, participou do anúncio e montagem de "A Prostituta Respeitosa", de Jean-Paul Sartre. E importante ressaltar que antes do inicio dos ensaios, a Campanhia promoveu palestras sobre Sartre, racismo, prostituição e imperialismo. Foi a partir desse momento que Gusmão tomou conhecimento teórico sobre as questões referentes ao negro no Brasil. Nesse momento esse inicia sua amizade com co antropólogo baianao Vivaldo da Costa Lima, que teria desdobramentos e s e afirmaria por toda a vida. Para mostramos a importância dessa obra para Mario, achamos necessário relatar uma parte da mesma.

> A peça mostra a relação entre um negro (Mario Gusmão), ameaçado por um crime que não cometera, e Lizzie (Jurema Penna), uma prostituta branca que presenciou o crime praticado por brancos. O negro, mesmo incitado por Lizzie a resistir, resigna-se á sua situação e acaba sendo caçado, enquanto Lizzie, no final, experimenta a sedução de e um futuro confortável. Mas, por alguns momentos, essas duas personagens chegaram a sentir-se solidário e dignas, reconhcendo, naquela sociedade, a existência de um opressor comum. (SARTRE, 1974, p. 243-280 apud BACELAR, J. 2006).

Ainda em 1963 Mario estreou no cinema, substituindo Antonio Pitanga (que estava indo para o io de Janeiro), no filme *O Caipora* . Esse file foi gravado no inteiro da Bahia. Esse filme tentava denunciar o coronelismo e ás crendices populares, entendidas como uma forma de alienação de nossa sociedade rural.

Em pleno golpe militar foi criada a sociedade Teatro dos Novos, após o rompimento com a escola de teatro, com os seguintes sócios: Carlos Petrovich, Carmem Bitencourt, Ecchio Reis, Othon Bastos, sônia Robatto e Thereza Sá. O primeiro espetáculo foi, O auto do nascimento, em 1960, na segunda encenação, no memso ano, O casaco Encarnado. Em pleno regime militar o teatro Vila Velha foi inaugurado. Em dezembro d e1964, foi apresentada a primeira peça "Eles não usam Black-tie" de Gianfrancesco Guarnieri, sob a direção de João augusto. Essa peça teve participação de Gusmão e muitos outros.

Em 1968 com a evolução da dramaturgia e da encenação, começou o Teatro de Cordel, contando as histórias pitorescas dos poetas populares do Nordeste, atingindo o seu ápice. Mario Gusmão e nostrou tudo que pretendia no mundo artístico, no Grupo dos novos.

Mario tornou-se um ator reconhecido nacionamente, sobretudo por sua participação no filme de Glauber Rocha, O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro, e consolidou, no Vila Velha, o que tivera início na Escola de Teatro. Segundo Bacelar (2006, p. 100) Mario afirma com Orgulho:

> Eu não sei por que era o único ator negro, ou por que eu tinha um *rapport*, uma relação garnde co o público, em quase todos os espetáculos do Vila eu estava, eu e Othon Bastos, nós dois. Naquela época, chegaram a me propor eu me candidatar a vereador, a deputado, mas eu nunca quis.(BACELAR,2006, p.100)

Em 1966 a empressa noticiava, que o teatro Vila Vleha, o teatro dos Novos está apresentando "Estórias de Gil Vicente", numa homenagem ao 5º. Cenário d enascimento do grande autor clássico, fundador do teatro popular em Portugal. No elenco Mario Gusmão, entre outros. Mario também participou o *Romanceiro da Paixão.*

Gusmão participou de diversas peças como Huis Clos e O Pelicano, de August Striem 1966. Os outros (Lês Autres), Entre quatro paredes (Huis Clos), um peça curta, escrita por Sarte em 1944. Em 1967, Mario participou da Peça O vaso suspirado de Chico Pereira da Silva. Em 1968 da Stopem, stopem. Em 1969 participou no Vila

Velha da Peça. “De dum dum Opus Um ao banquete do Mendigos”. Nesse mesmo ano em 7 de julho era lançado no Cine Capri o Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro. Em 1970 Sóstenes Gentil montou O Homem do Príncipe ao Fim de Millô Fernandes. No segundo semenstre de 70 Mario Gusmão foi produtor do espetáculo sobre o candomblé, sendo assim, Mario teve que estudar autores clássicos como Nina Rodrigues, Édison Carneiro, Roger Bstide, fazendo várias oficinas sobre a importância d acultura religiosa afr-brasileira e visitando vários terreiros de Salvador. A tutela de João Augusto, Gusmão chega ao ápice da sua carreira. Bacelar (2006) afirma que

> Gusmão foi a grande “estrela que a brilhar nos céus da Bahia”.(...) Ele vivenciou um tempo em que se acreditava no teatro como “arte maior”, capaz de iluminar os caminhos de um povo. Tempo em que fazer teatro não era profissão, mas se trabalhava para ganhar dineiro, como bem o disse Kean, mas sim um ofício. (BACELAR,2006, p. 114).

Mario contribuiu muito para cultura baiana e brasileira. Em, 1989, como Membro da Fundação Gregório de Mattos. Participou do projeto do Cenário da Abolição, do cadastramento dos blocos afro e afoxés, da eleboração de um calendário. No dia 6 de fevereiro de 1991, Mario Gusmão foi homenageando no XXXII Baile das atrizes, recebendo o títuo de “Príncipe do Baile”. Em Fevereiro d e1992, o governador Antonio Carlos Magalhães submeteu à aprovação da asembléia Legislativa os nomes que comporiam o Conselho de desenvolviemnto da Comunidade Negra, entre eles, como titular, estava Mario Gusmão. Em Setembro 1992 participou de um vídeo promocional da Câmara de Vereadores de Salvador. No final desse ano, um grupo de amigos se reuniu e realizou um show beneficiente para ele. Em 1994 participou do júri do Troféu Bahia aplaude, concurso patrocinado pelo COFIC- Comitê de fomento á Industria de Camaçari, para aescolha dos melhores nomes do teatro baiano. Em 1995 partiiparia da adaptação livre para o cinema do romance de Jorge Amado, *Tieta do Agreste*, dirigido por Cacá Diegues.

> Acabadas as comemorações e também o dineiro do espetáculo, a vida de Mario Gusmão, sem brilho e sem conforto, retornava a sua trajetória. Começava o ano de 1996 e Mrio permanecia na Avenida Peixe, cada vez mais solidário, infeliz esse quaiquer perspectiva preofissionais (...). Mario não entendia os absurdos da legislação barsileira. Como um cidadão, após mais d e25 anos como sevidor público e, no mínimo mais de 25 anos de sérvios prestados, de forma pública, á cultura brasileira, com mais de 60 anos d eidade, não tinha direito a uma aposentadoria? (BARCELAR, 2006,p. 227).

Mario morreu em 20 de novembro de 1996. No seu enterro, no momento em que descia o caxão, no Jardim da Saudade, o seu primo, o antropólogo e sacerdote Julio Braga, prestou-lhe um última homenagem, entoando em ioruba uma cantiga de adeus. Segundo o próprio Júlio.

Gegé alodé
Kukuo aló
Gegé alodé
Kukuo aló
Gegé alodê
Obé Alodé.

Uma das maiores representações de **Mestre Abdias,** foi tecelão. Ele foi o responsável em desenvolver a técnica do pano- da – costa especialmente na Bahia. Importante por seu valore significado religioso e social. O pano da costa foi introduzido no Brasil pelos africanos, tendo como último artesão Abdias do Sacramento Nobre, mais conhecido como mestre Abdias, que morreu no ano de 1994. Seus trabalhos estão expostos em vários países e na cidade de Salvador, no museu desta e no Instituto feminino, localizado no Politeana.

O Mestre aprendeu a tecer ainda criança, com o padrinho, tentou repassar a técnica para os vários filhos, mas só a filha caçula Lurdes aprendeu o ofício. Para tecer exige-se paciência, pois a conclusão de um único pano pode levar de dois a três meses. Fabricado em tear manual.

> O pano-da-costa é formado por tiras, formato retangular, o tamanho padrão é de dois metros de comprimento por 60 centímetros de largura, é composto de faixas, tecidas em tear horizontal, depois costuradas manualmente, formando padrões, em geral geométricos e bicolores, que seguem as texturas dos fios de algodão combinados com os de seda, caroá e outros materiais (CEAO, 2003, p.3-4).

A origem do pano-da-costa é africana. Os primeiros panos vieram da África. Depois, foram tecidos aqui mesmo por escravos ou por seus descendentes. Na África, é denominado alaká ou pano-de-alaká ou pano-de cuia. No Brasil ficou conhecido como pano-da-costa, porque vinha da Costa do Marfim, África. Outro motivo que levou a denominação de pano da costa é por ser usado nas costas. Esse pano era bastante utilizado pelas mulheres nos rituais de candomblé, sendo tecidos conforme os preceitos do ritual afro: liso, em listras ou em quadros. Essas características obedecem as cores

que regem cada orixá, na cultura tradicional africano - brasileira.

Fora do candomblé, o pano-da-costa sempre esteve presente na vestimenta da "baiana", sendo usado de várias formas: amarrado enrodilhado na cintura, amarrado no busto, todo aberto nas costas, caído sobre os ombros ou em volta do pescoço. O pano da costa surge na história do Brasil em meio às contribuições Da-Costa no percurso histórico. As contribuições da Costa (situada na África) para o Brasil foram pimenta, sabão, palha e pano. Em meio tanta contribuição surge o pano da costa que segundo Lody (2003, p. 14) é um "objeto-emblema feminino de indumentária rituais religiosas. Por processos sociais e caminhos estéticos, o pano da costa é definitivamente integrando á tão celebrada roupa de baiana, verdadeira montagem afro-islamica-europeia, de brasileiríssima criação".

Na verdade o sobre o pano-da-costa tem-se muitos histórias e significados. O pano é uma peça indispensável no traje da negra baiana, e pode significar status social nas comunidades religiosas dos terreiros de candomblé. O uso do pano também é uma marca de atividade econômica. Segundo Lody (2003, p. 14) "as baianas de rua, conhecidas como vendedeiras, quituteiras ou baianas de tabuleiros, têm nos turbantes e panos da costa sua marcas características".

Mas apesar dos turbantes serem um símbolo, é por meio do pano-da-costa listrado, liso, estampado ou bordado em *richelieu* ou renda que a mulher pode demonstrar sua posição hierárquica. Sendo assim, pode marcar a sua presença pelos fortes elos que determinam identidades e papéis sociais.

O pano da costa também é usado amarrado no busto. Ele é usado desta forma nas danças rituais dos terreiros de candomblé, tem a função de mostrar o respeito e humildade diante dos orixás, constituindo-se em verdadeiro tabu, pois segundo Lody (2003, p. 16)

> São usados em, por exemplo, pelas iniciadas nas rodas dos orixás. Mesmo que não estejam trajadas a caráter (com a roupa de baiana), elas deverão portar sempre um pedaço de tecido que possa funcionar como pano-da-costa que será utilizada, quando necessário, durante as cerimônias. O mesmo ocorre na pratica do *dobalé* (cumprimento ritual em que se estende o corpo no chão), para uma ialorixá ou pessoas de posição elevada, na visita ao Peji (santuário).(LODY, 2003, p.16).

As cores colocadas no pano-da-costa tem correspondência direta com um orixá.O branco pertence a Oxalufã e Oxaguiã; o Vermelho e branco, a Xangô e Iansã, o azul e branco, a oxossi; vermelho e amarelo é dedicado a Ogum; e o roxo e branco, a Omolu e Nana.

O fazer pano da costa se tornou um artesanato, em 1970 foram iniciadas várias pesquisas de cunho etnográfico sobre o pano da costa em diferentes contextos de produção, uso e simbologia, especificamente nas roupas femininas, geralmente chamadas de “saia”, de crioula ou baiana, e variações nos âmbito religioso, social e profissional na área do recôncavo.

> Neste contexto é descoberta a atuação de Metre Abdias, detentor do saber e da tecnologia de fazer pano-da-costa(...) Ele trabalhava todos os dias, por cerca de seis horas, em média. Uma vez que a fabricação é muito trabalhosa, pois todos os fios são esticados, um a um, para então serem tecidos, um pano lhe tomava dois a três meses de produção contínua, e custava, em janeiro d e1976, Cr$ 5.000,00 (LODY, 2003,p. 19).

Com tanta dedicação e minuciosidade, mestre Abdias personalizava cada pano-da-costa, ampliando, assim, as leituras sobre seus variados aspectos funcionais e simbólicos, além de sua importância nos terreiros.

Tem-se como exemplo de utilização do pano da costa na Irmandade de nossa Senhora da Conceição da boa Morte,. Na cidade baiana de Cachoeira, durante o mês de agosto, em especial no dia 15. A procissão se caracteriza, por ser noturna e por ter mulheres bem trajadas, com “becas” ou “ baiana-se beca” e em especial, seu pano-da-costa. Lody (2003) traz como fato importante, a memória do pano da costa em:

> O projeto, iniciado em 2002 o projeto de restauração da tecnologia artesanal de fazer pano-da-costa, a tradição guardada por mestre Abdias é amplamente, com a transmissão da tecnologia de tecer, em tear, a dez tecelões, e com a criação da Casa do Alaká, no terreiro Ilê Axé Opó Afonjá, situado em Salvador.

A casa de Alaká é um espaço reservado e reorganizado para a produção, exposição e comercialização do pano-da-costa. A importância de reativação da tecnologia de tecer pano-da-costa está intimamente ligada aos significados sociais, hierárquicos e religiosas que o constitui.

Mestre Pastinha

Mestre Pastinha**,** mestre da capoeira de angola e da cordialidade baiana, ser de alta civilização, homem do povo com toda sua picardia, é um dos seus ilustres, um de seus abás, de seus chefes. É o primeiro em sua arte, senhor da agilidade e da coragem, da lealdade e da convivência Fraternal.

> Em sua escola, no Pelourinho, Mestre Pastinha constrói cultura brasileira, da mais real e da melhor. Toda vez que assisto esse homem, de 75 anos, a jogar capoeira, dançar samba, exibir sua arte com o clã de um adolescente, sinto a invencível força do povo da Bahia, sobrevivendo e construindo apesar da penúria infinita, da miséria, do abandono. Em si mesmo o povo encontra forças e produz sua grandeza. Símbolo e face deste povo é Mestre Pastinha**". www.capoeirasuldabahia.com.br/mestre_pastinha.htm**

Mestre Pastinha desenvolveu várias profissões na Marinha de Guerra em 1935, aos 46 anos, fundou sua primeira academia que funcionou num local chamado Bigode, próximo ao Pelourinho. Em 1941, mudou-se para o casarão nº19, no Pelourinho, criando o "Centro Esportivo Capoeira Angola". Era lá que o Mestre ensinava capoeira e se apresentava para turistas do mundo inteiro. Em 1964, lança um livro: "Capoeira Angola" com orelha de seu amigo Jorge Amado. Pastinha representou o Brasil no 1º festival de artes negras em Dakar na África realizado em abril de 1966.

Pastinha sofreu o primeiro derrame em maio de 1978, e o segundo um mês depois. Transferido para o abrigo D.Pedro II, Pastinha morre em 13 de novembro de 1981.

> "O capoeirista deve ser calmo, nada de afobação, a tranqüilidade permite que o capoeira se defenda ou ataque com mais sabedoria e malandragem." **Mestre pastinha**

> "O capoeirista deve ser leal, tem que respeitar seus colegas e ter uma obediência quase cega às regras da capoeira." www.bibvit.futuro.usp/texto/homeroteca

> "Não se pode esquecer o berimbau. Berimbau é o primitivo mestre. Ensina pelo som. Dá vibração e ginga ao corpo da

> gente. O conjunto de percussão com o berimbau não é arranjo moderno não, é coisa de princípios. Bom capoeirista além de jogar deve saber tocar berimbau e cantar." www.bibvit.futuro.usp/texto/homeroteca

> "Angola, capoeira mãe. Mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método, seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista."www.bibvit.futuro.usp/texto/homeroteca

Mestre Pastinha descende de pai espanhol e mãe baiana, foi batizado em 1889 com o nome de Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, na cidade de Salvador-Ba. Há relatos de que Pastinha iniciou a capoeira aos 8 anos de idade, sendo seu mestre um negro chamado Benedito.

Mestre Pastinha era uma pessoa bem humorada, descontraída, bastante receptivo , rico em conhecimento, seu saber transcendia as rodas de capoeira. Era uma pessoa do mundo ideal, camarada amigo, pai e irmão dos discípulos. Viveu intensamente seus longos anos dedicados à capoeira de Angola, da malícia, e as como ás manteve, em sua academia de Angola, a originalidade da eficiência da luta que em momento algum fora perdido, ele contribuiu categoricamente com o seu talento e dedicação à capoeira para que a sociedade baiana e brasileira percebessem a capoeiragem como uma luta-arte imbatível, guerreira, que está além dos paupérrimos preconceitos que há na sociedade.

> Vicente Pastinha, foi filmado ,fotografado , entrevistado , gravou disco e deixou um livro , a capoeira nunca mais poderá esquecer este ás , o guardião da capoeira d'Angola. Foi lá na casa 19, no largo do Pelourinho, que funcionava a sua academia , o Centro Esportivo de Capoeira Angola fundada em 1941.Milhares de pessoas estiveram na academia, ficavam impressionadas com as cantorias, com o som dos berimbaus , pandeiros e agogôs e principalmente , com os jogos que lá rolavam . Por fim, foi feita uma reforma no sobrado, disseram ao mestre que ele não tinha com o que se preocupar, após terminadas as obras, ele voltaria para lá , seu lar, sua academia. Nunca mais se ouviu a voz de Pastinha dentro do sobrado, o povo não mais assistiu a uma maravilhosa roda de capoeira de Angola naquele velho sobrado.O Mestre Pastinha não voltou , morreu na escuridão de um quarto decadente no bairro Pelourinho em Salvador. Mestre Álvaro Sucuri do grupo Mocambo/Aracaju/se. In:**http://members.tripod.com/~cuica/mestrepastinha.htm**

Mestre Bimba

Manuel dos Reis Machado, mestre Bimba, nasceu em Salvador na Bahia, no dia 23 de Novembro de 1900, no bairro do Engenho Velho, freguesia de Brotas. Filiação: Luiz Cândido Machado/Maria Martinha do Bomfim. A capoeira tornou-se reconhecida como “Esporte Nacional” e o mestre Bimba reconhecido pela Secretaria de Educação e Assistência Pública do Estado da Bahia como professor de Educação Física. Sua academia tornou-se pioneira no Brasil a ser reconhecida por Lei. No ano de 1929, Manuel dos Reis Machado, com sabedoria exemplar resolveu desenvolver um estilo diferente da capoeira Angola, fazendo a junção do Batuque com a capoeira de Angola, surge aí a Capoeira Regional. Em 1939, Mestre Bimba ensinou capoeira no Quartel do CPOR. Em 1942, instalou sua segunda academia. Em 1953, se apresentou para o presidente Getúlio Vargas, este declarou ser a Capoeira o único esporte verdadeiramente nacional. Como a capoeira não era bem vista aos olhos da sociedade, Mestre Bimba resolveu registrá-la como Centro de Cultura Física Regional, localizada na Rua Francisco Muniz Barreto. 01 – Pelourinho. Em 1972, realizou a última formatura do Centro de Cultura Física Regional, nesta formatura foi o orador.

> Manoel dos Reis Machado, o mestríssimo Mestre Bimba, é o pai da capoeira regional. Aprendeu capoeira aos 12 anos de idade, com o mestre africano Bentinho. Já adulto, exerceu funções de destaque para a cultura baiana. Foi alabê no candomblé, função de zelador do terreiro. Pelo porte grande e respeito que imprimia, ganhou o apelido de Rei Negro e era saudado pelo grito de guerra "Bimba é bamba!". Em 1949, o escritor Monteiro Lobato o conheceu e lhe dedicou o conto *Vinte e dois de Marajó*, que conta a história de um marinheiro capoeirista. **www.capoeriamestrebimba.com.br**

Os golpes introduzidos por Mestre Bimba facilitavam a defesa pessoal quando do embate com praticantes de outras lutas, como as artes marciais importadas muito populares no Brasil nas décadas de 30 e 40. Nessa época, desafiou todas as lutas e consagrou-se como primeiro capoeirista a vencer uma competição no ringue, quando o público incentivava com o grito de guerra "Bimba é bamba!" citar site **www.capoeriamestrebimba.com.br faz referencia a** Muniz Sodré por falar de Mestre Bimba

> Mestre Bimba tem a coragem de afirmar o que muitos sabem, mas poucos falam: Mestre Bimba não estava sozinho, ele respirava o debate intelectual sobre a capoeira que emanava do Rio de Janeiro, e estava profundamente integrado ao seu tempo. Importante citar a afirmativa de Muniz de que Mestre Bimba jamais teve um intelectual de porte capaz de dar crédito no mundo dos letrados, e este teria sido um dos fatores explicativos do preconceito que se formou contra o Mestre. Em compensação Bimba foi hábil em conseguir respaldo político do governador da Bahia Juraci Magalhães ao presidente Getúlio Vargas, o que colaborou fortemente para a descriminação da capoeira em 1934, tributo que em geral é negado ao Mestre Bimba.

Bimba iniciou-se na *capoeiragem* por volta de 1911, e dizia se lembrar desses tempos e nos deixando um relato revelador das relações entre policiais e capoeiras (...). Na cidade de Salvador, os capoeiristas estiveram sempre presentes registros jornalísticos e policiais. Mestre Bomba teve um relativo contato com esses grupos, mantendo-os na memória e muitas vezes os cita em entrevistas aos jornais. (PIRES, 2002, p. 36).

Segundo PIRES (2002, p. 39)

> Certamente Bimba vivenciou diversas cenas de repressão à capoeira, sentiu se fecharem os espaços para essa prática nas ruas de Salvador. Também vivenciou a ascensão da capoeira como símbolo cultural. Talvez tenha sido à prática da capoeira, vir a utilizar os discursos que a colocaram no patamar dos esportes e da simbologia nacional. Ele entrou em contato com diversos intelectuais e líderes políticos; o que elevou a uma posição de honra no mundo da *capoeiragem* no Brasil.

Em 12 de Junho de 1996, a Universidade Federal da Bahia, concedeu, por unanimidade o título de Doutor Honoris Causa a Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba). **www.capoeriamestrebimba.com.br**

> O surgimento da capoeira Regional foi um grande marco na história deste esporte, que moldou a capoeira e a forma como ela é vista hoje pela sociedade. Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, criador desta modalidade, é o responsável pela capoeira ser hoje jogada em mais de 150 países e pela, cada vez mais próxima, profissionalização do mestre de capoeira. **http://wikipedia.org/wiki/Mestre_bimba.**

Mestre Bimba desenvolveu novos golpes misturando a capoeira Angola com o batuque, uma outra luta popular baiana, focando sua eficiência no bloqueio para ela se tornar mais competitiva e poder ser usada contra outras modalidades de artes marcais. Retira da roda regional a maior parte da ritualidade presente na roda de capoeira Angola. Coloca um ritmo mais rápido para dar um caráter mais dinâmico e implementa fatores estritamente didáticos a fim de formar alunos e mestres para que sua arte se propague. É seu também o crédito por hoje o berimbau ser o símbolo máximo da prática, já que antes, nas rodas de angola, também era admitido o uso da viola. Contudo por sua praticidade tanto, de confecção quanto de manejo, o berimbau encontrou seu lugar nas rodas de capoeira regional, sendo, aos poucos, preferido nas rodas de angola também.

> Mestre Bimba sempre afirmou que o maior diferencial da capoeira Regional era a sua seqüência de ensino onde ele passava ao calouro os movimentos básicos para a prática da capoeira e também incutia a noção de parceria, de autoconfiança, de esquiva, etc. Após o calouro ter aprendido esses movimentos básicos ele então poderia ser aceito ou não pela congregação dos capoeiras pelo “batismo”, onde ele receberia seu apelido e sua primeira graduação, um lenço azul, representando o aluno formado que era seguido pelo lenço vermelho, para o aluno formado e especializado; pelo lenço amarelo, para os alunos que passaram pelo curso de armas; e finalmente pelo lenço branco que era designado apenas para os mestres. Este sistema de graduação também foi invenção de Bimba e fazia parte do seu sistema de ensino. **http://wikipedia.org/wiki/Mestre_bimba.**

Logo após a primeira graduação, ou batismo, Mestre Bimba iniciava os ensinos mais avançados como as técnicas de floreio, as seqüências de defesa pessoal, e muitas outras, levando a considerar o aprendizado da capoeira infinito, já que como ele mesmo falava, os golpes básicos da capoeira são 7, e desses 7 mais sete podem ser feitos e assim por diante, sendo que qualquer movimento do corpo é aceito dentro de uma roda, desde que ele seja regido pelo som do berimbau e mantenha o ritmo da ginga.

J. Cunha

J. Cunha embora não esteja citado como Pérola Negra do Saber, é notória a participação dele através dos seus trabalhos artístico em todo o projeto dos Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê. Daí a importância de falar sobre o mesmo e colocá-lo no lugar de uma das pérolas.

J. Cunha tem grande importância como artista plástico dentro e fora do Ilê Aiyê . Ele já fez decoração para o carnaval de Salvador. J. Cunha. desenha, há mais de duas décadas, as estampas dos exuberantes tecidos usados por homens, mulheres e crianças do bloco afro Ilê Aiyê, buscando resgatar a tradição afro- brasileira, assim como pintou tecido para o pioneiro dos blocos de índio de Salvador- *Cacique do Garcia*. Sobre o Cacique Barroso (8/03/2007) relata que:

> O cacique foi um bloco de índio fundado em 1966, por um grupo de jovens do bairro, Garcia, por influrncia de um dos componentes ter vindo do Rio de Janeiro e trazido uma fantasia do Cacique Ramos, bloco d eindio do Rio de Janeiro. Só a partir da década de 70 é que o bloco começou a fazer correlação com a realidade indígena.

Nasceu em Salvador, Brasil, em 1948. Vive e trabalha em Salvador da Bahia, Brasil.

> Desde a adolescência Cunha já sobrevivia dos seus próprios desenhos. Iniciou os seus estudos no Curso Livre da *Escola de Belas Artes* em 1966. O objecto da sua investigação enquanto artista é a do homem brasileiro em busca da sua identidade. Nos complexos meandros dessa procura, J. Cunha salienta um atributo que compõe a imagem contemporânea brasileira: a mestiçagem. Para isso, o artista mergulha no imaginário das culturas afro-indígenas, que pesquisa e assimila, transformando-as, obtendo uma linguagem própria resultante da sua capacidade de estabelecer combinações e experimentações, sendo esta a base do seu acto criativo. Participou em diversas Bienais, como a *Internacional de São Paulo, Salões Oficiais*, exposições no Brasil e no estrangeiro. Recebeu diversos prémios e foram publicados vários textos sobre o seu trabalho na crítica especializada. **www.asportasdomundo.org/artistas/j-cunha**

Cunha começou a brincar no carnaval de Salvador desde cedo. Ele foi convidado também para expor sua arte através do tema do carnaval de 1998 de Salvador com o tema “tropicália”.

> Na agenda atribulada também está registrado o compromisso com a direção de arte e figurino da banda Egba, da percussionista Monica Millet, neta de Mãe Menininha do Gantois. Para o bloco afro Ilê Aiyê, a inspiração vem de Guiné Conakry, um pequeno país perto da Nigéria, com sua agricultura, agropecuária e floresta tropical. Além disso, aparecem as figuras dos guerreiros, as mulheres (que gozam de muito prestígio), as frutas, o tribal. E os búzios, como linguagem de identificação afro- brasileira. "O meu trabalho é sempre cheio deles", confirma. Tem a ver com o conceito histórico (eram usados na África como dinheiro), com a sua utilização nos jogos de adivinhação na peneira e pela questão do objeto como elemento de figurino, muito usado nas roupas dos orixás. Roberto Pires. In: **http://www2.uol.com.br/modabrasil/biblioteca/arquivo/40carn/index.htm**

A relação de J. Cunha com o Ilê Aiyê começou em 1970. Cunha trabalhava como cenógrafo do Balé Brasileiro da Bahia e do Viva Bahia, que chegou a representar o país em vários festivais. Na época em que iniciou seu trabalho no Ilê Aiyê ficou combinado com a direção do bloco que as cores utilizadas não mudariam, a fim de manter um estilo: preto (relacionada à condição da cor da pele), amarelo (luz), vermelho (sacrifício, a história do negro no Brasil) e branco (a vitória, a paz e o candomblé). Cunha quando trabalhava com Ilê, era diretor artístico , desde a década de 70 seu trabalho ia da produção ao figurino para o carnaval à ambientação de shows, como a festa da Beleza Negra, na qual é escolhida a Deusa do Ébano, que uma espécie de rainha que desfila como destaque, dançando em cima de um carro alegórico do Ilê Aiyê.

J. Cunha revela sua identidade através das seguintes declarações no site www2.uol.com.br/:

> ."Eu pertenco ao candomblé, uma herança materna (a mãe era mulata). Já o pai era de origem cigana. São raças de conhecimento da espiritualidade muito grande, de muita magia". "Eu me considero negro, pois sei de tudo o que existe por trás de mim.". Descendente da guerrilha de Canudos, J. Cunha, ou José Antonio Cunha, cresceu no bairro do Monte Serrat, na cidade baixa, tendo como companheiros o mar e a liberdade. "Fui criado com a mitologia perto de mim. Nasci próximo à 'loca da sereia', vendo todas as manifestações e as oferendas a Oxum e a Yemanjá. Tinha a festa da Procissão de Nossa Senhora do Monte Serrat, que não existe mais, com o cheiro de flor, anjos Desde criança mexo com essa história. É atração, instinto".

Nos anos 60 recebeu ajuda do Senai para fazer um curso livre na Escola de Belas Artes. Em sua trajetória artística, participou de inúmeras exposições individuais e coletivas por todo o Brasil. Sempre no terreno da arte popular.

> Em 1990, começou a trabalhar com um empresário de artes plásticas dos Estados Unidos. Em 97, esteve em Nova York para participar de um importante evento, The Refugee Project, no Museu de Arte Africana. Seus trabalhos integram ainda a exposição O Pelourinho: Popular Art From the Historic Heart of Brazil, que teve início em Michigan e nos seus três anos de duração vai percorrer os Estados Unidos de ponta a ponta. Logo após o carnaval, ele pretende se dedicar a uma "produção violenta". Está desenvolvendo uma leitura das culturas negra e indígena para 1998. É um trabalho sincrético. Tem uma série sobre orixás em madeira pintada manipulada - com mobilidade, abre e fecha -, na estrutura de oratório. Tem ainda madeira recortada na estrutura de biombo. **http://www2.uol.com.br/modabrasil/biblioteca/arquivo/40carn/index.htm**

Essa exposição buscou mostrar as diversas expressões artísticas, tanto na pintura, quanto na escultura.

> Na exposição itinerante, serão apresentadas criações de artistas naturais ou residentes nos países de língua oficial portuguesa bem como residentes em Portugal e noutros países, provenientes das diversas diásporas, no espaço europeu. Nesta, serão apresentadas obras realizadas em várias áreas artísticas e de intervenção designadamente a pintura, a escultura, a fotografia, o desenho, o vídeo e a instalação. Algumas das obras serão criadas especificamente para o projecto, outras produzidas anteriormente terão nesta exposição um novo enquadramento, propiciando novas leituras. **http://www.projustitiae.org/eventos/asportasdomundo/exhibition-of-contemporary-art- luralidade-na-lusofonia**

Paralelamente à exposição,foram apresentados estudos nos campos da sociologia, da sociologia da arte, da antropologia da arte, da literatura, da história, da história da arte e da história militar.

> Na exposição itinerante, serão apresentadas criações de artistas naturais ou residentes nos países de língua oficial portuguesa bem como residentes em Portugal e noutros países, provenientes das diversas diásporas, no espaço europeu.(...).(...). Paralelamente à exposição, serão apresentados em conferências e encontros, entre outros, estudos nos campos da sociologia, da sociologia da arte, da antropologia da arte, da literatura, da história, da história da arte e da história militar. Deste

> projecto faz ainda parte um ciclo de cinema e vídeo que dará conta de um novo olhar, de novas realidades de um pensamento recente, de vivências e investigações autorais que o enriquecerão. A exposição de arte contemporânea incluirá obras de vários artistas plásticos dentre eles artistas J. Cunha. **http://www.projustitiae.org/eventos/asportasdomundo/exhibition-of-contemporary-art- luralidade-na-lusofonia**

J. Cunha também teve participação na confecção e desenho das fantasias no carnaval de 2006 para o Bloco da cidade, organizado pela prefeitura de Salvador com o tema ‘ Colombina, uma homenagem aos 50 anos da marchinha de autoria dos compositores baianos Armando Sá e Miguel Brito.

4.5 Revolução Malê

O caderno X do Projeto de Extensão Pedagógica traz como tema a “Revolução Male”. Nesse caderno que marca a história do Brasil e em especial a da Bahia. Sobre o levante male vários autores, pesquisadores e estudiosos se colocam, a exemplo de Cid Teixeira, que afirma “foi um dos momentos de maior dignidade da Historiado Brasil”.

Malê era o nome dos três célebres impérios em que, no começo da era cristã, desenvolveu-se todo o brilho da civilização central da bacia ou Vale do Níger. No império de Ghanata ou Ghenata, suposta origem do apelido Guiné (RODRIGUES, 2004,p.86).

> LOPES cita CHIAVENATO (1980) por esse trazer a seguinte informação, de que até o inicio do século XVIII as principais regiões fornecedoras de escravos para Bahia foram Angola e Congo. Mas a partir daí a maior parte dos escravos embarcados da áfrica para Salvador vêm do Golfo da Guiné. E isto principalmente em conseqüência da facilidade que os comerciantes baianos encontravam em trocar fumo de terceira categoria- que os mercado europeus absolutamente não aceitavam - por escravos da “costa da Mina. (LOPES, 1988, p. 59)

Sobre a revolução Malê Jorge Amado diz

> Alufá Licutã, o esquecido. Dos personagens históricos brasileiros, o meu preferido. O mais esquecido de todos, enterrado em cova funda pelos senhores de escravos. De lá não foi retirado ainda, para as páginas da história (...). In: ceao. Ufba/a história dos males/1995.

Os costumes islâmicos foram mantidos pelos que aqui ficaram como

> O Islamismo na Bahia como no Brasil, os malês seguiam, tanto quanto lhes permitam suas condições devida, os pilares do Islam e cumpriam os preceitos religiosos ensinados por Maomé (...). Os adeptos do Islamismo0 não comiam carne de porco nem tomavam bebidas alcoólicas, cumpriam o jejum do Ramadam, faziam as preces diárias, celebravam as datas importantes do calendário islâmico. (1995). Op. cit.

Nina Rodrigues também fala dobre os islâmicos (2004, p. 56). "O islamismo organizou-se em seita poderosa; vieram os mestres que pregavam a conversão e ensinavam a ler na árabe os livros do Alcorão, que também de lá vinham importante".Os malês marcam sua passagem na história através da resistência, pois a história do negro no Brasil é marcada sobretudo por violência.

> No caso dos malês, a resistência assumiu as duas formas; foi resistência armada nos diversos levantes, dos quais o mais célebre foi o de 1835. E foi resistência pacífica pela teimosa fidelidade á fé islâmica, em condições tão adversas. Vale lembrar que, naquele tempo, o catolicismo era a religião oficial do Brasil. A igreja só se separou do Estado em 1889, com a proclamação da república (1995) op. cit.

Nina Rodrigues mesmo com um tom que não trata do *Levante Male* como uma conquista fala sobre os Malês na sua cèlebre obra *"Os africanos no Brasil"*

> A insurreição de1835, cuja história completa compulsamos, em detido exame, nos autos dos processos-crimes a que deu lugar, põe em forte destaque a influencia do islamismo nos negros brasileiros, ao mesmo tempo, que descobre o intuitos religiosos de todas esta série de levantes de escravos na Bahia. Por ocasião da última, a propaganda religiosa e guerreira dos negros maometanos havia atingido o auge de seu desenvolvimento. (NINA RODRIGUES,2004. p. 70).

Nina Rodrigues. (2004, p. 71) cita declaração de Marcelina, escrava da nação Mandubi sobre papeis de reza de origem malê.

> Os papèis achados são de reza dos malês, escritos e feitos pelos mestres que andam ensinando. Estes mestres de nação Haussá, por que os nagôs não sabem e são convocados para aprender por alguns de nação Tapa...

> Eles a aboreciam, dizendo que ela ia é missa adorar pau, que está no altar, por que as imagens não são santos.

Mesmos com termos que parecem não ressaltar de forma positiva os Males Nina Rodrigues (2004, p. 80) traz em sua obra um resumo do que são os males.

> Tão fetichistas os negros católicos ou do culto iorubano os malês da Bahia acham de fazer dos versetos do Alcorão, das águas de lavagem, das tábuas de escrita, de palavras e rezas cabalísticas etc., outras tantas mandingas, dotadas de notáveis miraculosas, como soem fazer os negros cristianizados com os papéis de rezas católicas, com as fitas ou medidas de santos, etc. Possuo grande coleção de gris-gris, mandingas ou amuletos dos negros muçulmis. Não querendo confiar na tradução dos escritos árabes pelos negros malês desta cidade, enviei alguns exempleres para Paris.

Lopes, N. (1988) cita Manuel Querino (p. 54) por este falar do jejum anual dos Malês.

> Na semana em que a religião Católica celebra a festa do Espírito Santo, começam o jejum anual do Malê , pela forma seguinte: levantando-se de madrugada, coziam o inhame e o pisavam para comer com *efó*, bola de arroz machucado ou *fura*, com leite mel de abelhas. As refeições eram feitas ás quatro horas da madrugada e ás oito horas da noite.
>
> Durante esse intervalo de tempo o Malê nem água bebia, assim como não absorvi. Á sextas-feiras não trabalhavam, por ser dia consagrado ás orações. O jejum é efetuado no intervalo de uma lunação; isto é, se começava na lua nova, terminava na lua nova seguinte. O cardápio era apenas constituído de inhame com azeite de cheiro e sal moído, bolas de arroz machucado com açúcar e água em volta do pescoço uma faixa de pano que seguravam pelas extremidades. (...) Quando um terminava de dançar passava o exercício a outra, retirando o pano e com ele envolvendo o pescoço da parceira. Aquelas que possuíam certa ascendência social, além do pano no pescoço exibiam-se nas danças com uma cauda de boi á imitada de espanejador.
>
> No último dia do jejum realizavam grande festa em casa do maioral da sita, havendo missa. Nenhuma bebida alcoólica era usada nessa festa. No ato de sacrificar o carneiro introduziam a ponta da faca na areia e sangravam o animal proferindo a palavra *Bi-si-mi-lai*

Lopes (1988, p. 55/57) cita autores que registram a presença dos malês em vários estados brasileiros. Para isso ele cita René Ribeiro (1978, p. 53); João Rio (1951:16); Abelardo Duarte (1958).

Em Recife René Ribeiro (1978)

> "Shango continuou nas suas andadas e distúrbios pelo mundo. Um dia chegou na terra dos *male* (...). encontrou eles na terra da Tapa, eles de branco, sentados ao redor de uma mesa cheia de velas acesas, dizendo: *abudalai salai lei aabudulai. (...)*. Diziam assim pegando num rosário de contas grandes. Shango bateu na porta eles não atenderam, entretidos na sua reza. Ele então forçou a porta, arrastou o seu *obe*, espada e amedrontrou-os dizendo que eles tinham de acreditar nele, senão ele acabaria com a terra deles. Disse então antes de sair que voltaria no dia seguinte para ver se eles tinham se resolvido a creditar nele. Nesse meio tempo Shango foi na terra de *Oke, reino de Yansan.* (...) Shango conquistou ele. (...).
>
> No dia seguinte saíram juntos para a terra dos malês. Ali chegados, acharam tudo no mesmo. Eles continuaram rezando seus rosários e nem ligaram Shango. Ele então mandou que Yansan lhe guardasse as costas e interpelou os malês. Eles ficaram assim, sem se explicar direito. Shango então descarregou o corisco que ficou dançando as velas, enquanto yansan arrastava a sua espada e rasgando o ar com ela fazia o relâmpago. Os malês, que não conheciam o relâmpago ficaram com medo e caíram no chão fazendo reverência a Shango. Então ele disse:*´E Eto`* (basta) e o corisco parou. Aí o chefe dos malês cantou: *`E oba emode emole loce´* reconhecendo a chefia de Shago e é com esse canto que se abre o culto dos malês".

No Rio de Janeiro Paulo Barreto, o João do Rio (1951) fala sobre o culto malê dos alufá:

> Os alufás (...) são maometanos com um fundo de misticismo. Quase todos dão para estudar a religião, e os próprios malandros que lhe usurpam o título sabem mais que os orixás.
>
> Logo depois do *Suma* ou batismo e da circuncisão ou *Kola* , os alufás habilitam-se à leitura do Alcorão. A sua obrigação é o *Kissium*, a prece. Rezam ao tomar banho, lavando a ponta dos dedos, os pés e o nariz, rezam de manhã, rezam ao pôr-do-sol. Eu os vi, retintos, com a cara reluzente entre as barbas brancas, fazendo o aluma gariba, quando o crescente lunar aparecia no céu. Para essas preces, vestem o abada, uma faixa branca, e á noite o *Kissium* continua, sentados em pele de carneiro ou tigre.(...).

Nas Alagoas (1958), Abelardo Duarte destaca que foram os malês que trouxeram a Festa dos mortos para este Estado.

> Foram eles que realizaram a Festa dos Mortos, descrita magistralmente embora com sentido folclórico nítido, por Melo Morais Filho, no Penedo; forma também os isurretos de 1815, na projetada revolta do Natal daquele ano nas Lagoas; foram os penitentes fotografados em 1887, no Penedo ainda, pelo Dr. Carvalho Sobrinho; foram os malês da Rocheira e do Barão Vermelho, Penedo, muito aproximados dos seus irmãos dos centros baianos; foram os conhecidos mandingueiros, da fama local.

No dia 14 d e maio d e1835, cinco negros muçulmanos, os escravos Gonçalo, Joaquim e Pedro, os libertos Jorge da Cruz Barbosa e José Francisco Gonçalves forram fuzilados no Campo da Pólvora, praça localizada na cidade de Salvador. Os lideres da revolução haviam sido condenados. Freitas (1983, p. 76) sinaliza que:

> A execução dos lideres da revolução não foi tranqüila. Marcada para o dia 13 de maio e armada a forca com muitos dias de antecedência, não se achava quem quisesse servir de carrasco. No dia 12 de maio, o juiz comunicou ao presidente da província que até á noite do dia anterior "não havia indivíduo algum nas prisões para servir de executor da justiça". A vista disso, alvitrava que "se oferecesse uma quantia um pouco avultada, até 20 ou 30 mil reis". Estava certo de que esse fim". Nem assim o carcereiro-mor encontrou quem aceitasse o encargo. Não há quem queira aceitar", comunicou aos superiores, depois de percorrer as prisões, uma a uma. "Nenhum quer por recompensa alguma e nem mesmo outros negros querem aceitar, apenas das diligências que lhes tenho feito, com grandes promessas, além do dinheiro". Face a isso resolveu-se fuzilar os cincos negros.

Devido à importância sócio, política, Cultural, religiosa, de auto estima não se encontrava executores para os lideres Malês.

Outro pesquisador que vem contribuir para o levante Malê é João José Reis. Este começa falando da Bahia como uma província. Essa no século XIX uma das mais prósperas regiões canavieiras das Américas. A Bahia nessa época tinha a sua economia basicamente açucareira, movidas pela mão de obra escrava. Os engenhos de açúcar eram localizados basicamente na região do Recôncavo. Segundo Reis J. J. (2003, p. 19).

> Esta é uma região fértil e úmida que abraça a Baia de todos os Santos. Salvador, então mais conhecida como Cidade da Bahia, ocupa um dos extremos desse conjuntos geográficos que impressionou tantos

> visitantes estrangeiros por sua beleza. Em 1805, Sir Robert Wilson, comandante da esquadra britânica do Atlântico sul, um homem que conhecia muitos mares e terras, escreveu que “a vista desta Baía” [...] é talvez a mais magnífica no mundo.

Reis, J. J. (2003, p 125) também fala do planejamento da rebelião. Na realidade no livro” Rebelião Escrava no Brasil”, Reis traz vários aspectos dessa revolução, mas achamos conveniente pontuar alguns como o planejamento.

> A rebelião de 1835 estava planejada para acontecer no amanhecer de um domingo, 25 de janeiro, dia da Nossa senhora da Guia. Essa era, naquela época, uma grande celebração, parte do ciclo de festa do Bonfim, bairro ainda rural, cheio de roças, hortas, fazendas engenhocas, distante cerca de oito quilômetros do centro do centro urbano de Salvador. Domingo de Senhora da Guia-um bom dia para os escravos se rebelarem, já que estariam mais livres da vigilância senhorial (...).

Sobre as lideranças religiosas e política Reis (2003) pode identificar no movimento de 1835, sete lideres muçulmanos, mestres malês envolvidos ou acusados de envolvimento na rebelião. Os lideres identificados formam.

> Ahuna, Pacífico Licutan, Luís Sanin, Manuel Calafate, Elesbão do Carmo (Dandará) Nicobé (Sule) e Dassalú (ou Damalu talvez). A quantidade e qualidade das informaçãoes sobre cada um desses homens variam na documentação, mas são suficientes para estabelecer suas atividades religiosas e políticas, sua presença na comunidade africana e, em alguns casos, também traços de sua personalidades. Seguem minibiografias desses alufás. REIS, J. J. (2003, p. 283).

Após o Levante, segundo Reis, J. J. (2003, p. 421).

> Uma atmosfera de medo envolveu a Bahia após a derrota da rebelião nas ruas, medo que orientou a perseguição e a violência contra os africanos. O clima beirava a histeria. “A população branca por pouco escapou a um grande desastre” comentou o cônsul britânico, John Parkinson, após mencionar que os senhores de engenho ainda temiam um grande levante no Recôncavo. Aqui e nas ilhas da Baía de Todos os Santos, não cessaram de correr boatos de revoltas escravas durante as semanas seguintes aos 25 de Janeiro. No inicio de fevereiro, foi divulgado que escravos de diversas propriedades da Ilha de Itaparica, aliados a outros vindos de Cachoeira, se levantariam no domingo de Carnaval. (...).

Enfim o Levante teve várias repercussões segundo Reis, J. J. (2003, p. 509)

> A rebelião repercutiu com variado grau de intensidade em outras regiões do Brasil e até fora do país. Neste capítulo final pretendo mostrar ao leitor que o movimento dos malês não ficou represado no tempo e no espaço, que teve conseqüências tanto locais como nacionais, e que chegou a ser usado por jornais estrangeiros para informação e doutrinação de seus leitores. Seu impacto no resto do país foi imediato, levando as autoridades da Corte e os diversos governos locais a dotarem medidas de segurança pública e a renovarem o debate em torno do tráfico e da própria escravidão. Na Bahia, alem disso,a preocupação com os malês foi muito mais prolongada e se manifestaria de diversas formas (...).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos apontar como considerações finais para esta pesquisa, que os conteúdos dos cadernos de educação do Ilê Aiyê são relevantes e precursores das Diretrizes Curriculares Nacionais da Lei 10639/03, pois os cadernos analisados, em especial os volumes hum, "*Resistência Negra*" publicado no ano de 1995, o três "*Zumbi 300 anos*" no ano de 1996, o quatro "*As forças das raízes*" publicado em 1996, o quinto com o tema "*Perolas negras do saber*", publicado no ano 1997 e o dez "*A Revolução do Malês*" publicado em 2002, nos faz visualizar a História que por séculos foi negada, a História e cultura do negro, mas que agora, através das Determinações das Diretrizes Curriculares Nacionais da lei 10639/03 e com o apoio significativo de várias entidades negras, como Ilê Aiyê, vêm buscando reparar os danos causados por uma cultura que se formou, ao longo da História, marcada por relações de dominação, resultando em preconceitos, que hierarquizam pessoas e grupos sociais. Isto, na realidade faz parte da formação que nos é dada no espaço da escola e que há séculos são veiculadas no currículo oficial.

Os Cadernos do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê são uma contribuição muito importante por preconizarem as Diretrizes Curriculares Nacionais da Lei 10639/03, pois os cadernos surgem com instrumento de resistência que vem sinaliza a necessidade de formação do educador para trabalhar com a História e cultura afro-brasileira. Eles são instrumentos valiosos, por surgirem de uma entidade, que hoje é referencia no Brasil e na Bahia de cultura. Essa entidade busca através das políticas de afirmação e nos seus projetos, em especial no PEP difundir materiais, que podem ser trabalhados no currículo dentro e fora da escola. Isso se dá pelo fato deste material ser desenvolvido para o carnaval de cada ano do Bloco. O riquíssimo material Pedagógico dos Cadernos são fruto de empenho de pesquisadores preocupados e engajados no combate a política de embranquecimento e discriminação étnico-racial existente em especial na cidade de Salvador.

Compreendemos, então, que nos conteúdos significativos dos **Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê** estão contidos, em grande parte os conteúdos recomendados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da lei 10639/03, tais como, promover a cultura anti-racista, combater a intolerância racial e educr para as relações étnicos raciais, através da promoção do conhecimento da história

e da cultura afro-brasileira e africana, negadas pela historiografia oficial através de conceitos e pré-conceitos presentes na educação brasileira, em especial no currículo da educação. O PEP (Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê) com os seu cadernos de educação vem trazer contribuições ao currículo de níveis de escolarização, desde as séries iniciais ao nível universitário. Desta forma podem ser considerados precursores das diretrizes curriculares da Lei 10639/03, por difundir o conhecimento que até o ano de 2003 não estava regulamentado, mas com a aprovação da lei e conseqüentemente das diretrizes curriculares desta lei, se tornou obrigatório à inclusão do estudo da história e da cultura negra.

Na realidade o processo que antecede a regulamentação da Lei 10639/03 e suas diretrizes, vem da luta de resistência e reorganização do Movimento negro brasileiro, preocupado com uma educação que contemple as diferenças, mostrando através da educação, a história da África e os Cadernos do PEP vem como precursores destas diretrizes, pois antes da aprovação da Lei, já abordavam a temática da civilização africano brasileiro através de seus conteúdos, tais como, a importância do candomblé para a formação da identidade negras através das suas entidades e suas correspondência no Brasil, as entidades sócio-recreativas; sociedade protetora dos desvalidos, a Frente Negra Brasileira; os blocos de afoxés e afros como os Gandhi, apaches do Tororó e o Próprio Ilê Aiyê. Os cadernos ainda nos trás como conteúdos a História de Zumbi dos Palmares, herói negro da Revolução quilombola no Brasil. Tráz as Pérolas Negras do Saber, com sua legitimação na área de artes, música, ciência, política. Os cadernos ainda trazem em seu corpo conteúdos como a Revolução Male entre outros significativos.

O que pudemos notar é que a efetivação da Lei e das Diretrizes Curriculares Nacionais encontra sérios obstáculos, entre eles o da formação do professor, pois em um dos seus artigos encontra-se vetado a formação do Educador. Mas mesmo assim, diversas iniciativas vêm sendo tomadas no sentido de superar este obstáculo. Notamos em especial na cidade de Salvador, que diversas entidades negras a exemplo do Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê e instituições como o Ceao, Uneb entre outras estão trabalhando no sentido de formar educadores que possam desconstruir as “verdades” ditas durante séculos, pela historiografia oficial, através do seu discurso “competente”.

Concluímos então, que o movimento negro organizado do Brasil durante vinte e cinco anos de ação, iniciada na década de 1970, quando da sua reorganização, contribuiu de forma empírica e teórica, através dos cantos dos blocos afros, de afoxés,

assim como, a grande produção desenvolvida nos grupos de trabalho de educação (G.T.S) e na academia. .Portanto os Cadernos são a síntese desta História de luta e resistência.

REFERÊNCIAS

ILÊ AIYÊ, Associação Bloco Carnavalesco. **Organizações de Resistência Negra**. Vol. 1. Salvador: Ilê, 1995.

_____. **Zumbi-300 anos.** Vol.3. Salvador: Ilê, 1996.

_____. **As Forças das Raízes**. Vol.4.Salvador: Ilê, 1996.

_____. **Perolas Negras do Saber**. Vol. 5. Salvador: Ilê, 1997.

_____. **Malês a Revolução 1835**. Vol. 10. Salvador: Ilê, 2002.

_____. **Mãe Hilda Jitolu:** Guardiã da Fé e da Tradição Africana**.** Vol. 12. Salvador: Ilê, 2004.

ALBERTO. Luiz (Deputado Federal). **Religiões de Matriz Africana:** Resistência e Solidariedade**.** Brasília: MMA, 2006.

APPLE, W. Michel. A política do conhecimento Oficial**:** Faz Sentido a Idéia de um Currículo Nacional. In: Moreira, Antonio F. e Silva T. T. da. (Org). **Currículo, cultura e sociedade**. 3ª. São Paulo: Cortez,1999.

APPLE, Michael. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Liboa.Disponível em: <www.pmatozo.hostimídia.com.br, 1979>. Acessado em:20 de nov. 2006.

BARCELAR, Jéferson. **Mario Gusmão:** Um Príncipe Negro na Terra dos Dragões da Maldade. Rio de .Janeiro: Pallas, 2006.

BARCELAR, Jéferson; CARDOSO, Carlos. (Orgs.). **Brasil: um País de Negros?**. R. J: Pallas, 1999.

BASTIDE, Roger. **Estudos Afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte. UFMG, 1998.

BRAGA, Julio. **Ancestralidade afro-brasileiros:** O Culto de Babá Egum. Salvador: Ceao/Ianamá, 1992.

_____ **Sociedade Protetora dos Desvalidos:** Uma Irmandade de Cor**.** Salvador/ Bahia: Ianamá, 1987.

_____Fuxico de Candomblé. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.

BITTENCOUT. Jorge Calmon Muniz . **O vereador Manuel Querino.** Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 1995.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Lei 10639/03.** Distrito federal: Mec, 2003.

CADERNOS CRH. **Cantos e Toques:** Etnografias do Espaço Negro na Bahia. Salvador: Suplementos, 1999.

CARVALHO, Carlos Eduardo Santana. **Carnaval, Identidade e Educação:** Um Olhar Sobre os Blocos Afro. In: Cadernos Sementes. Vol 3, n. 5/6. Jan/dez 2002. Departamento de Educação campus- I UNEB. Salvador. P. 147.

CARNEIRO, Moacir Alves. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-Fácil**. 11ª. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Educação, racismo e anti-racismo. In**:_____. Educação, Racismo e Anti-racismo**. No. 4. Salvador: Novos Toques, 2000. p.193-219.

CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS**. A História dos Malês**. Salvador: Universidade do estado da Bahia., 1995.

_____. **Pano-da-costa**. Salvador: Universidade do estado da Bahia., 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia:** O Discurso Competente e Outras Falas. 8ª. São Paulo:Cortez, 2000.

CINEMATECA. Disponível em:<www**.cinemateca.**gov.br/programacao.php>. Acessado em fev/2007.

COSTA, Marisa Vorraber. (Org). **Currículo e Política Cultural**. In:_____. O currículo nos limiares do Contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

CUNHA JUNIOR. Henrique. **Tear Africano:** Contos Afrodescendentes. São Paulo: Selo Negro. 2004.

CUTI . **... E disse o velho militante**: José Correia Leite. São Paulo.1992.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Minas Gerais: UFMG, 1999.

DEMO, Pedro. **A nova LDB:** Ranços e Avanços. 3ª. Campinas: Papirus, 1997.

FREITAS, Décio. **Escravos e Senhores de Escravos**. Porto Alegre:Mercado Aberto, 1983.

_____. Palmares a Guerra dos Escravos. 4ª. Rio de Janeiro: Grall. 1982.

FREITAS, Joseania Miranda. **Museu do Bloco afro Ilê Aiyê:** Um espaço de Memória e Etnicidade.Salvador: Edufba, 1996.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa**:** Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In:._____. **A interpretação das culturas**. Rio Janeiro. Zahar, 1978.

GIROUX, A. Henry**. Os Professores como Intelectuais:** Rumo a Uma Pedagogia crítica da Aprendizagem. Porto Alegre: Armed, 1997

GIROUX, A. Henry. **Teoria Crítica e Resistência em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GOMES, Lino Nilma;SILVA, Petronilha B. Gonçalves. (Orgs). **Experiências Étinico-Cultural para a Formação de Professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais:** No Início do Século XXI-Antigos e Novos Atores Sociais**.** Petrópolis. R. J.: Vozes, 2003.

GODI, Antônio Jorge Victor dos Santos. **De Índio a Negro, ou o Reverso**. Salvador: Cadernos do CRH, 1991. p. 51-70.

GUIMARÃES, Elias L. **A Ação Educativa do Ilê Aiyê:** Reafirmação de Compromissos, Restabelecimento de Princípio**s.** UESC. Disponível em:< www.anped.org.br/24/tp.htm ->. Acessado em 20 de nov. 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HAYEK, Friedrich A. **O Caminho da Servidão**. 8ª. Petrópolis: Instituto Liberal, 1983.

JITOLÚ, Mãe Hilda, **A História da Minha Vida**, Associação Bloco Carnavalesco llê Aiyê. Salvador. Ilê. (s.d.).

JUREMA, Aderbal. **Insurreições Negras no Brasil**. Recife: Edições da Cosa Mozart, 1935.

LIMA, Fábio Batista. **Os Candomblés da Bahia:** Tradições e Novas Tradições**.** Salvador: UNEB, 2005.

LODY, Raul. **O Que é Que a Bahiana tem:** Pano-da-costa Roupa de Baiana. In: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Rio de Janeiro: NARTE/MINISTERIO DA CULTURA, 2003.

LOPES, Nei. **Bantos, Malês**: Identidade Negra. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1988.

LUZ, Marco Aurélio. **Àgada:** Dinâmica da Civilização Africano Brasileiro. Salvador: Secneb,1995.

_____. **Do tronco ao Opa Exim..** . Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p.11-42.

_____. Cultura Negra em tempos pós-modernos. Salvador: Secneb, 1992.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio**. Abebe:** A Criação de Novos Valores na Educação. Salvador: Secneb. 2000.

LUZ, Narcimária C. Patrocínio. Bahia, A Roma Negra. Estratégias: Comunitárias e Educação Pluricultural. In: **REVISTA DA FAEEBA**. N o. 13. jan/junho. Salvador. 2000. p. 45-62.

LUZ, Narcimária C. Patrocínio. Awasoju: Dinâmica da Expansão Existencial das Diversas Contemporaneidades. In: **REVISTA DA FAEEBA**, Salvador, n o. 12. jul/dez. 1999.

LUZ, Narcimária C. Patrocínio. **Pluralidade Cultura e Educação**. Salvador: Secneb. 1996.

Manifesto Distribuído no Cortejo Curuzu/Pelourinho no dia 20 de Novembro de 2001, Dia Nacional da Consciência Negra.

MATTA, Roberto da. **O que faz o Brasil, Brasil?.** Rio de Janeiro: Rocco. 1991.

MCLAREN, Peter; FARAMANDPUR, Ramin. **Pedagogia Revolucionária**: Na Globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MESTRE DIDI: Deoscórdes Maximiano dos Santos. **História de um Terreiro Nagô**.. São Paulo: Carthogo e Forte, 1994.

_____.MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Distrito Federal: MEC, 2004.

MOREIRA, Antonio F. ; SILVA T. T. da (Orgs) **Territórios Contentados:** O Currículo e os Novos Mapas Políticos e Culturais. Petrópolis: Vozes.. 1995.

------. **Currículo, Cultura e Sociedade**. 3ª. São Paulo: Cortez.. 1999.

MOURA, Milton. **Faraó: um Poder Musical**. Salvador: Cadernos do CEAS., 112, 10-29, nov/dez, 1987.

MUNANGA, Kabengele (Org). **História do negro no Brasil**. Vol. 1. Brasília, 2004

NASCIMENTO, Abdias (Senado)**. A Luta Afro-Brasileira no Senado**. Brasília:Senado, 1991.

_____, Abdias.(Senador)**. A Luta Afro-Brasileira no Senado**. Brasília: Senado Federal,1991.

------. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil:** identidade Nacional Versus Identidade Negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombo:** Vida, Problemas e Aspirações do Negro. Rio de Janeiro. No. 1ª 10. dez/ 1948 a julho/1950.

_____. **O Brasil na Mira do Pan-Africanismo.** Salvador: Edufba/ Ceao, 2002.

_____. **O griot e as Muralhas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

_____. **O genocídio do Negro Brasileiro:** Processo de um Racismo Mascarado**.** 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

_____. **Orixás:** Os Deuses Vivos da áfrica= Orishas: the Living Gods of África in Brazil. Edição bilíngüe: tradição de Elisa Larkin Nascimento. Rio de Janeiro: instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO)/ Afrodiaspora, 1995.

NEI, Lopes. **Bantos, Malês e Identidade Negra**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

NINA RODRIGUES, Raimundo. **Os Africanos no Brasil**. .8º. Edição. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão Africana no Brasil:** Elementos para Uma Filosofia Afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

OLIVEIRA, Raquel de. **Tramas da Cor:** Enfrentando Preconceito no Dia- a dia Escolar**.** 2ª. Edição. São Paulo: Selo negro, 2005.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PERIN, Rosemary Rufina S**. Educação Cumunal:** As Experiências dos Cadernos de Educação Ilê Aiyê. Cd Rom do I Colóquio Internacional de políticas Curriculares. João Pessoa. Paraíba, 2003.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. **Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá:** Três Personagens da Capoeira Baiana. Tocantins/Goiânia:NEAB/ GRAfset, 2002.

QUILOMBHOJE (Org.). **Frente Negra Brasileira:** Depoimentos. Aristides Babosa/ Francisco Lucrécio/ José Correia Leite/ Marcelo Orlando Ribeiro/Palcidino Damasceno Motta/ Marcio Barbosa (entrevistas e textos). São Paulo: QUILOMBHOJE, 1998.

REBOUÇAS, André. **Diário:** a Guerra do Paraguai (1866)**..** São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.l, 1973.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil:** A História do Levante dos Malês em 1835. . São Paulo: Companhia das letras, 2003.

RUDIO, Fraz Victor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. 9ª. Petrópolis: Vozes. 1983.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica:** A Construção do Conhecimento. 6ª. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SANTOS. Jocélio Teles dos. **De Armadilhas, Convicções e Dissenções:** As Relações Raciais como Efeito Orloff**.** In: Cadernos de estudos afro-asiaticos. Editora: Ucam Schutz, Rosalvo. Para além da legalidade: A importância pedagógica dos Movimentos Sociais Populares. Agosto de 2003.

SANTOS PERIN, Rosemary Rufina. **Educação Cumunal**: As Experiências dos Cadernos de Educação Ilê Aiyê. In: Cadernos de Resumos do II encontro de História Oral do Nordeste. Salvador. 2000. p. 44.

SANTOS PERIN, Rosemary Rufina. **Educação Cumunal:** As Experiências dos Cadernos de Educação Ilê Aiyê. In:Caderno de Resumos do III Colóquio d e Profesores de História da Educação. Salvador. 1999. p.15.

SANTOS PERIN, Rosemary Rufina. **Educação Cumunal:** As Experiências dos Cadernos de Educação Ilê Aiyê. In:Caderno de Resumos da IV Jornada de Iniciação Científica da uneb 2000.131.

SANTOS PERIN, Rosemary Rufina. **Educação Cumunal:** As Experiências dos Cadernos de Educação Ilê Aiyê. In: Sementes: Caderno de Pesquisa “Comunalidade Africano-Brasileira e Educação”. Salvador . 2000. p.86-93.

SANTOS PERIN, Rosemary Rufina. **Educação Cumunal:** As Experiências dos Cadernos de Educação Ilê Aiyê. Revista da Faeeba: Brasil 500 anos. Salvador. 2000 . p.63-76.

SANTOS PERIN, Rosemary Rufina. **Educação Cumunal:** As Experiências dos Cadernos de Educação Ilê Aiyê. Cd Rom do 8º. Siicusp. São Paulo. 2000.

SEMENTES: **Cadernos de Pesquisa/Universidade do estado da Bahia Campus** I, volume 1-2.2000. Salvador/Bahia.

SEMENTES: **Cadernos de Pesquisa/Universidade do estado da Bahia Campus** I, volume 3-4. 2001. Salvador/ Bahia.

SEMENTES: **Cadernos de Pesquisa/Universidade do estado da Bahia Campus I,** volume 5-6. 2002. Salvador/Bahia.

SILVA, Ana Célia da**. As transformações da Representação Social do Negro no livro didático e seus determinantes.** (Tese de Doutorado)**.** Salvador: Faced/UFBa, 2001, p. 106.

SILVA, Ana Celia da Silva. **A Representação Social do Negro no Livro Didático:** o que mudou?. Disponível em: < **www.anped.org.br/24/pgt3.htm**.>. Acessado em: 20 de nov. 2006.

SILVA, Ana Celia da Silva. **A Discriminação do Negro no Livro Didático**. 2ª. Salvador: Edufba, 2004.

_____. **Desconstruindo a Discriminação do Negro no Livro Didático.** 2 ª Salvador:Edufba, 2003.

SILVA, Jônatas Conceição. **Vozes Quilombolas:** Uma Poética Brasileira. Salvador: Edufba, 2004.

SILVA. Tomaz Tadeu da. (Org**). Identidade e Diferença:** A perspectiva dos Estudos Culturais. 2ª. Petrópolis: Vozes. 2003.

_____. **Documentos de Identidades:** Uma Introdução a Teoria do Currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

SILVÉRIO, Roberio Valter. Políticas Raciais Compensatória: O Dilema Brasileiro do Século XXI. In: Sabóia, Gilberto Vergne (Org). **Anais de seminário regionais preparatórios para a conferencia mundial contra o racimo**. Discriminação racial, xenofobia e intelorância correlata. Ministério da justiça. Brasília. 2001.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes ; CARDOSO, Marcos Antonio . **Zumbi dos Palmares**: Belo Horizonte:Mazza. 1995.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes**. Ago Ago Lonan**. Belo Horizonte:Mazza.. 1998.

SÍTZER, Leo. **Vidas de Entremeio:** Assimilação e Marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental 1780-1945. Tradução: Vera Ribeiro.Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros:** Identidade, povo e Mídia no Brasil**.** 2 ed. Petrópolis: Vozes. 1999.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Educação:** A revolução Necessária. 2 ed.. Petrópolis: Vozes. 1992.

AGECO. Disponível em:<www.**agecom.ba.gov**.br>.Acessado em 13 set 09/2002

AGENDA BAHIA. Disponível em:<www.**agendabahia**.com.br>. Acessado em jan/2007.

AS PORTAS DO MUNDO. Disponível em: < http://www.projustitiae.org/eventos/**asportasdomundo**/exhibition-of-contemporary-art-luralidade-na-lusofonia>. Acessado em mar/2006.

AS PORTAS DO MUNDO. Disponivel em:< http://www.**asportasdomundo.**org/artistas/j-cunha>.Acessado em fev/2007

ATARDE. Disponível em:<www.**3atarde**.com.br/cidade/interna.jsp>. Acessado em 27 nov 2006

BIBLIOTECA NACIONAL. Em:www**.bn.**br/fbn/musica/cgrebou.htm.Acessado em dez/2006.

BIBVIT. Disponivel em:<www.**bibvit**.futuro.usp/texto/homeroteca>.Acessado em out/2006

CAPOEIRA MESTRE BIMBA. Em:<www.**capoeriamestrebimba**.com.br>.Acessado em dez/2006

CAPOEIRA. Em:<www.**capeira-palmares**.fr/histor/querino.htm>.Acessado em fev/2007.

CAPOEIRA PALMARES. Disponível em:<www.**capeira-palmares**.fr/histor/querino.htm>. Acessado em set/2006

CINEMATEC. Disponível em:<www.cinemateca.gov.br/programacao.php>. Acessado em nov/ 2006.

EMILIANO JOSE. Em:<www.**emilianojos**e.com.br/texto_mocoes.php>.Acessado em jan/2007

http://IBAHIA.globo.com/**entrevistas**/artigos/default.asp?modulo=1446&codigo=114795>. Acessado em. 24 jan. 2006.

ILEAIYE. Disponível em:www.ileaiye.com.br.. Acessado em fev/2006

http://www2.uol.com.br/**modabrasi**l/biblioteca/arquivo/40carn/index.htm. Acessado em fev/2006. Moda Brasil

PORTAL AFRO. Disponível em:<www.**portalafro**.com.br/entrevista/abdias/internet editada>.Acessado em out/2006

REVAM. Disponível em:<www.**revam.**com.br/catalago/0143.Texto>.Acessado em Ago/2006.

ROBERTO PIRES, ,www2.uol.com.br/**modabrasil**>. Acessado em jan/2007.

SALVADOR. Em www.**salvador.ba.gov.**br/noticias.php?codNot=2821>.Acessado em jan/2006.

UFBA. Disponível em<www.**orbis.ufba**.br/artigo10.htp>. Acessado em jan/2007.

UFSC. Normas de monografias e dissertação. Santa Catarina:UFSC,2005. Disponível www.**nfr.ufsc**.br/normas de monografias e dissertações>.Acessado em dez/2006.

UNB. Disponivel em:<sitewww.**unb**.br/acs/unbagencia>. Acessado em dez/2006.

TRIPOD. Em :http://members.**tripod**.com/~cuica/mestrepastinha.htm.Acessado nov/em 2006.

WIKIPEDIA. Disponivel em:<http://**wikipedia.org/**wiki/Mestre_bimba>.Acessado em jan/2007.

ANEXO 1

Samba enredo de Noel Rosa e Anescar Rodrigues de 1960 retirado do site cademia do samba.

No tempo em que o Brasil ainda era
um simples país colonial,
Pernambuco foi palco da história
que apresentamos neste carnaval.

Com a invasão dos holandeses
os escravos fugiram da opressão
e do jugo dos portugueses.

Esses revoltosos
ansiosos pela liberdade
nos arraiais dos Palmares
buscavam a tranqüilidade.

Ô-ô-ô-ô-ô-ô
Ô-ô, ô-ô, ô-ô.

Surgiu nessa história um protetor.
Zumbi, o divino imperador,
resistiu com seus guerreiros em suaTróia,
muitos anos, ao furor dos opressores,
ao qual os negros refugiados
rendiam respeito e louvor.

Quarenta e oito anos depois
de luta e glória,
terminou o conflito dos Palmares,
e lá no alto da serra,
contemplando em sua terra,
viu em chamas a sua Tróia,
e num lance impressionante
Zumbi no seu orgulho se precipitou
lá do alto da Serra do Gigante.

Meu maracatu
é da coroa imperial.
É de Pernambuco,
ele é da casa real.

Ilê Aiyê: O quilombo da Era Moderna

ANEXO 2

música de Paulinho Camafeu retirado dos cadernos I do projeto de extensão pedagógica do Ilê AIyê (1995, p. 23).

Que bloco é esse
Que eu quero saber
É o mundo negro
Que vamos mostrar pra você

Somos crioulos doido
Somos bem legal
Temos cabelo duro
Somos black power
Branco se você soubesse
O valor que o preto tem
Tu tomava banho de pixe
Ficava preto também

Eu não te ensino minha malandragem
Nem tampouco minha filosofia
Quem dá luz a cego
É bengala branca
E Santa Luzia.

ANEXO 3

A lei 10639/03 data de 9 de janeiro de 2003, altera o texto original da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta novos dispositivos aos artigos 26 A e 79 B desta lei, pois ambos tratam da obrigatoriedade de inclusão da temática da história e cultura Afro-Brasileira no currículo da educação escolar. Esta mudança surge no intuito de resgatar a História e a cultura afro-brasileiras excluída do currículo escolar em todos os níveis. Segundo Carneiro (2004)

> Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e cultura Afro-Brasileiras.
>
> § 1º. O conteúdo programático a que se refere o *Caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas; social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.
>
> § 2º. Os conteúdos referentes á História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.
>
> Art. 79- B O calendário escolar incluirá o dia 20 de Novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra". CARNEIRO, (2004, p. 98/195).

ANEXO 4

Música ***Nação Ilê*** de ***Lucinha Ouro Preto.*** Música retirada da página 8 do caderno VIII ”Terra de Quilombo” do projeto de extensão pedagógica do Ilê Aiyê.

A semente foi semeada
No Barro preto Curuzu
Germinou nasceu Ilê Aiyê
Germinou nasceu Ilê Aiyê

Somos filhos da terra
Descendestes desta nação
Amamentados pela mesma mãe
Embalados pela mão

Não vou esqueceu a lição que o Vovô ensinou
Diz que a força da semente africana
È de origem bantu nagô
Vem do Barro Preto
Liberdade Curuzu
Fonte de sabedoria
Ilê Axé Jitolu

Ilê Aiyê vamos gritas mais alto Liberdade
Pela paz pelo amor
E pela igualdade

ANEXO 5

O estatuto da frente Negra Brasileira Leite (1992, p. 94). publicados no Diário Oficial e registrados em 4 de novembro de 1931, ficaram assim redigidos.

> Art 1º. – Fica fundada nesta cidade de são Paulo, para se irradiar por todo o Brasil, a Frente Negra Brasileira, união política e social da Gente Negra Nacional, para afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude da sua atividade material e moral no passado e para reivindicação e seus direitos sociais e políticos, atuais, na Comunhão Brasileira.
>
> Art 2º. – Podem pertencer á Frente Negra Brasileira todas os membros da Gente Negra Brasileira de ambos os sexos, uma vez capazes, segundo a lei básica nacional.
>
> Art. 3º. – a Frente Negra Brasileira, como força social, visa à elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica, econômica e do trabalho da Gente Negra.
> $ Único – Para execução do art. 3º. , criará cooperativas econômicas, escolas técnicas e de ciências e artes, e campos de esportes dentro de uma finalidade rigorosamente brasileira.
>
> "Art. 4º. – Como força política organizada, a Frente Negra Brasileira, para mais perfeitamente alcançar os seus fins sociais, pleiteará, entre da ordem eletivos de representação da Gente Negra Brasileira, efetivando a sua ação político-social em sentido rigorosamente brasileiro."
>
> Art. 5º. – Todos só meios legais de organização necessários á consecução dos fins da Frente Negra Brasileira serão distribuídos em tantos departamentos de ação quantos forem precisa, constando de regulamento especial.
>
> Art. 6º. –A Frente Negra Brasileira é dirigida por um Grande Conselho, soberano e responsável, constando de 20 membros, estabelecendo-se dentro dele o Chefe e o Secretário, sendo outros cargos necessários preenchidos a critério do Presidente. Este Conselho é ajudado em sua gestão pelo Conselho Auxiliar, formado pelos cabos distritais da Capital.
>
> Art. 7º. – O Presidente da Frente Negra Brasileira é a máxima autoridade e o supremo representante da Frente Negra Brasileira, e sua ação se limita pelos princípios que a orientam.
>
> Art. 8º. – A Frente Negra Brasileira representa-se ativa e passivamente, judicial e extra-judicialmente pelo Grande Conselho, na pessoa do Presidente, e na falta deste, por um dos outros diretores. Os membros não respondem, subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Art. 9º. – Tem força de lei os regulamentos, ordem, avisos e comunicações emanadas pelo Grande Conselho, e os casos omissos nestes Estatutos serão regidos pelas leis e praxes em vigor no País.

Art. 10º. – A Frente Negra Brasileira somente se extinguirá pela vontade unânime do Grande Conselho e da maioria do Conselho Auxiliar e de todos os sócios reunidos na Assembléia Geral Especial, convocam pelo Presidente Geral em harmonia com o Grande Conselho. Se, por acaso, for extinta, seus bens passarão para uma sociedade beneficente de gente negra, que se mostrar digna da doação.

Estes Estatutos são irreformáveis nos artigos 1º., 2º., 6º. E 7 o., a não ser por vontade unânime dos Conselheiros.

Fonte: Ramos Arthur O negro na civilização brasileira. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1956, p. 188-190.

ANEXO 6

Entrevista de Abdias do Nascimento ao portal afro acessada em out/2006

A partir dessa importante expressão literária, buscamos outras e nos encontramos com os Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Optamos por trazer na integra a entrevista intitulada "**Uma vida dedicada a um ideal**" cedida por Abdias do Nascimento ao portal afro www.portalafro.com.br/entrevista/abdias/internet editada por Milton C. Nilcolau

Retirado do sitewww.unb.br/acs/unbagencia

Abdias do nasciemnto foi um dos fundadores da **Frente Negra Brasileira** em 1931, criou o **Teatro Experimental do Negro** (TEN) em 1944, foi secretário de Defesa da Promoção das Populações Afro-Brasileiras do Rio de Janeiro, **Deputado Federal** pelo mesmo estado em 1983 e **Senador** da República em 1997.

Abdias do Nascimento é militante no combate à discriminação racial no Brasil. Sua história confunde-se com as conquistas sociais dos negros nos últimos 60 anos. Nasceu no interior de São Paulo, na cidade de Franca, em 14 de março de 1914, filho de uma doceira e de um sapateiro. Desde cedo aprendeu a lutar por seus ideais e objetivos. Foi protagonista de vários fatos históricos, como a criação do Movimento Negro Unificado, em São Paulo.

Abdias do Nascimento fala sobre o seu envolvimento com o movimento negro - Desde que nasci estou envolvido com a defesa de meu povo. Todas às vezes em que eu voltava da escola reclamando de alguma ofensa ou da forma injusta como era tratado, minha mãe saia em minha defesa. A primeira grande lição de solidariedade racial que recebi na vida foi quando vi minha mãe defender um menino negro órfão, um colega do grupo escolar, que estava sendo espancado no meio da rua por uma mulher branca.

> Foi assim que aprendi, desde criança, que não se deve deixar sem resposta uma ofensa racial. Esta é uma lição que venho praticando durante toda minha vida. Todos os meus 87 anos foram dedicados a esta luta.

O envolvimento de Abdias do Nascimento com o surgimento do Teatro Experimental do Negro (TEN). Segundo ele, viajava com um grupo de poetas brasileiros e argentinos para uma série de palestras pela América do Sul. Em Lima, no Peru. Após nossa palestra na Universidade

Maior de São Marcos, assistimos a uma peça de teatro chamada "Imperador Jones", interpretado por um ator branco argentino pintado de preto. Eu nunca havia assistido uma peça de teatro no Brasil, apenas teatrinho de bonecos e aquelas dramatizações de circo. Aquela imagem me fez refletir sobre o teatro e o negro no Brasil. E foi exatamente naquele momento que imaginei que o teatro poderia ser um grande instrumento em nossa luta anti-racista. Ali mesmo, então, decidi que, ao voltar, iria criar do teatro no negro no Brasil. "Eu já conhecia a fama que nossos teatros tinham de excluir o negro. Nos teatros municipais do Rio ou de São Paulo, negros entravam apenas para limpar o chão que os brancos sujavam".

Portal Afro - Havia alguma forma de o TEN atuar em paralelo com o trabalho desenvolvido pela Frente Negra Brasileira?

Abdias do Nascimento - A Frente Negra Brasileira tinha como proposta a luta contra o preconceito, a integração racial. O TEN vinha com outros ideais. Mas, a bem da verdade, não consigo enxergar esses movimentos seccionados. "*O movimento negro tem várias faces, mas sempre é uma continuidade da grande luta de libertação cujo maior líder e referência básica é Zumbi dos Palmares"*

As idéias do Teatro experimental do Negro O Teatro Experimental do Negro não nasceu para ser apenas uma reação contra a exclusão do negro no teatro. Ele foi imaginado como frente de luta, então deveria ter várias ramificações, vários setores a serem atingidos por uma ação transformadora de nossa realidade. Por isso o TEN é também uma continuidade das lutas da Frente Negra, mesmo tendo uma identidade própria. O diferencial é que o TEN não queria saber de integração.

O TEN foi criado para fortalecer os valores da cultura tradicional africana. Foi criado para combater o racismo, sim. Mas também para firmar nossos valores. Não queríamos apenas ter o direito de entrar numa barbearia, num cassino ou em um restaurante, esses eram nossos direitos como cidadãos que nasceram aqui e ajudaram a construir este país. *"Queríamos principalmente que os valores da personalidade do africano fossem respeitados no Brasil, e fizessem parte da consciência e da cultura das instituições brasileiras".*

Foi para isso que criamos o TEN, para resgatar os valores perdidos no transcorrer de nossa história. Para que os negros não continuassem apenas representando para a diversão dos brancos. Não queriamos que toda a história do negro no Brasil, todo seu sofrimento, suas alegrias e tudo o que ele construiu continuasse figurando de forma acidental na cultura brasileira. Queriamos uma participação organizada viva, dinâmica e criativa, os olhos para o futuro.

Portal Afro - O aparecimento do TEN deve ter assustado muita gente... **Abdias do Nascimento** - Quando o TEN apareceu nos jornais foi uma revolução. O fato de o negro aparecer associado a algo positivo surpreendeu muita gente. O negro era olhado como algo negativo, um estigma. Ninguém queria ser negro. Antes de lançar o projeto, muitas pessoas falavam que se eu colocasse o nome "negro" no teatro, seria apedrejado, desprezado e marginalizado. Insisti. Não que eu achasse que o negro ali representasse o valor máximo do trabalho, mas o objetivo era representar um espelho da africanidade, mostrar a importância de sermos africanos. *"O que o Brasil rejeita não é tanto a cor da pele, mas sim a África. O Brasil não quer ser africano"*

Para Nascimento –o Brasil rejeita a cor negra por considerá-la uma coisa negativa. Daí a importância do TEN: resgatar o valor da pele negra, exorcizar da raça negra todos esses estereótipos que foram introduzidos desde a colonização, que diziam que nossa cor representava tudo o que havia de ruim e negativo, de feio e mau. Naturalmente não tínhamos como objetivo único achar que a cor da pele fosse o limite. Nosso ponto focal era a humanidade do ser afrodescendente, era isso quedeveria ser valorizado. O TEN veio cumprir este papel e foi fiel a esta idéia até o final.

Portal Afro - Em seus textos, o senhor apresentava personagens baseados na mnitologia africana. Qual foi o impacto dessa iniciativa? **Abdias do Nascimento** - Num primeiro momento foi perturbador. Todos estavam acostumados com os mitos grecoromanos como os grandes e talvez únicos referenciais da mitologia universal. Assim, foi muito difícil mostrar que os próprios mitos grecoromanos, se olhados com a devida proximidade, eram também africanos. Foi a partir da África que toda essa cultura se expandiu, de onde foi copiada pelos gregos.

A maioria dos tratados e estudos sobre o teatro, dizem que ele nasceu na Grécia. Isto não é verdade! Mil anos antes da Grécia já havia textos dramáticos no Egito Negro, como exemplo podemos citar o texto sobre a morte do filho de Ísis e Osíris, que tinha toda a estrura de uma peça teatral.

Eu mesmo trabalhei numa peça onde tive muitos choques: "Orfeu Negro". Não Precisamos trazer um orfeu negro quando temos nossos próprios mitos, muito mais próximos de nossa realidade e com a mesma bela densidade dramática e trágica. "*Foi dificil ter que enfrentar essa lavagem cerebral que a comunidade sofre até hoje; ter que mostrar o outro lado da moeda e não essa versão caricatural, estereotipada e folclórica que o negro tem."*

Portal Afro - Qual é esse outro lado? **Abdias do Nascimento** - A raça negra também tem seu lado sério. Mitologia e filosofias muito bem fundamentadas. Era isso que o TEN queria mostrar. Era essa a revolução que queriamos iniciar. O que fizemos representa uma gota d'água no que

deve ser feito para eliminarmos os 500 anos de lavagem cerebral e distorção cultural que os negros sofreram neste país. Temos que trabalhar muito para reverter esse quadro.

E esta é uma tarefa nossa, pois os brancos que estão nas Academias e Universidades não o farão. Eles continuarão contestando as verdades que revelamos, que os incomoda. A verdade: *"Que os negros é que foram a verdadeira fonte da chamada cultura ocidental"*

Portal Afro - É uma afirmação que pode gerar polêmica... **Abdias do Nascimento** - Existem provas. Minha mulher, por exemplo, tem várias pesquisas, algumas já publicadas, que mostram toda a raiz africana da ciência, da arte e da cultura do ocidente, onde tudo que está lá tem origem na África Negra.

Portal Afro - Como mudar conceitos estabelecidos há tanto tempo? **Abdias do Nascimento** - Temos que limpar da cabeça do negro essas falsas noções de inferioridade. Nossos acadêmicos são racistas e puramente etnocêntricos, sempre a favor de valores europeus. Temos que combater esse problema não somente através da palavra, mas também por nossas obras noe mais variados setores.

É por isso que também comecei a pintar. Além de colocar elementos de nossa mitologia e símbolos de nossas lendas e valores religiosos em meus textos teatrais, passei a expressar-me também pela pintura.

Precisamos fazer um esforço para tirar da cabeça de nossos artistas negros: escritores, pintores, arquitetos, etc., essas imagens européias que passam como sendo as únicas referências da arte universal. Temos valores mais próximos de nossas verdades.

Não estou propondo que voltemos ao passado. Não é isto que prego. Devemos aproveitar a inspiração e os valores que são permanentes e adaptá-los a nossa época, com os critérios atuais, para construir nosso legado para o futuro.

Portal Afro - Voltando aos cultos afros, o senhor viveu uma época em que essas manifestações eram repremidas, não? **Abdias do Nascimento** - Os cultos afro-brasileiros eram uma questão de polícia. Dava cadeia. Até hoje, nos museus da polícia do Rio de Janeiro ou da Bahia, podemos encontrar artefatos cultuais retidos. São peças que provavam a suposta deliquência ou anormalidade mental da comunidade negra. Na Bahia, o Instituto Nina Rodrigues mostra exatamente isso: que o negro era um camarada doente da cabeça por ter sua própria crença, seus próprios valores, sua liturgia e seu culto. Eles não podiam aceitar isso.

Portal Afro - A Frente Negra Brasileira pregava um movimento para se igualar à identidade do branco. Hoje em dia, o movimento negro prega o respeito pela diversidade. Como se deu essa transfoprmação? **Abdias do Nascimento** - Quando falamos em mostrar diferenças, talvez possamos parecer um pouco primários. É possível que na Frente Negra existisse alguém que sonhasse com mudanças mais profundas, mas a tônica do movimento não era essa. O objetivo era o negro quebrar as barreiras para se entregar à mesma moral do branco.

Era isto que pregava, por exemplo, o poeta Nilo Guedes, ao ensinar ao negro como andar "direitinho" e poder se igualar ao branco.

VEJA BEM! Eu não estou condenando a Frente Negra. Ela atendia e era adequada ao momento histórico que estava atravessando. Era muito difícil lidar com questões do movimento negro naquela época.

Não é como agora, que temos tantas portas abertas. O momento atual é fruto dessa luta constante! Hoje em dia, acredito que o negro só não atinge tudo o que ele quiser se não for capaz de organizar-se e concretizar seus objetivos. As antigas reivindicações já estão praticamente aceitas pelas classes dirigentes e até pelos governantes. O presidente Fernando Henrique e o ministro do desenvolvimento agrário, Raul Jungmann, por exemplo, têm defendido abertamente a adoção de cotas para negros no governo.

"Quando eu era deputado federal e falava em políticas públicas para atenuar a desigualdade racial no Brasil, só faltaram me enjaular. As discussões que eu tinha com os outros deputados eram ferozes. Parecia que eles se sentiam agredidos quando eu falava dos direitos dos negros"

Portal Afro - Em que ano isto acontecia? **Abdias do Nascimento** - Estávamos entre os anos de 1983 e 1987. Mas minha luta nessa questão vem de mais tempo.

Portal Afro - Desde quando? **Abdias do Nascimento** - Realizamos em 1945 a Convenção Nacional do Negro. Deste encontro redigimos um manifesto onde advogavamos políticas públicas a favor dos negros, além de requerer que o racismo e a discriminação racial fossem considerados crimes de lesa-humanidade. Entregamos o documento para ser apreciado nos trabalhos da constituinte de 1946, através da Convenção Nacional do Negro, que eu presidia. É claro que eles jogaram em uma gaveta qualquer e nem deram bola.

Portal Afro - Mas o senhor não desistiu... **Abdias do Nascimento** - A luta é feita com muito esforço. Esforço de todos nós. Hoje, em todo país, em qualquer cidade onde exista uma população negra, eles estão trabalhando.

Portal Afro - O que falta? **Abdias do Nascimento** - Poder. De mídia, por exemplo. Não temos representatividade nos meios de comunicação. Não temos um canal de televisão, não temos uma rádio e nem um grande jornal. Todas as informações que nos interessam são fragmentadas. As pessoas escutam uma informação aqui e, ao mesmo tempo, recebem uma contrainformação acolá, dada pelos grandes agentes da mídia.

Portal Afro - Então o senhor é a favor da concessão de canais públicos de tv e rádio para negros? **Abdias do Nascimento** - É claro. Os canais pertencem à nação. Ninguém é dono. Nem o governo e nem o senhor Roberto Marinho! Ora, como somos parte da nação, como construímos este país, nós, africanos e seus descendentes, nada mais justo que a comunidade negra tenha seus próprios canais de comunicação. Não é nenhuma reivindicação absurda. A própria Constituição reconhece a especificidade de nossa cultura, e a garante. Portanto é pacífico que as instituições nascidas no seio da comunidade negra tenham acesso ao sistema midiático do país. É **uma questão de direito.**

> Enquanto não houver igualdade, sobretudo nos meios de comunicação e na educação, e enquanto a voz das instituições que apresentam uma outra versão da filosofia que nos foi imposta não tiverem eco, o Brasil não tem o direito de declarar-se uma nação democrática! De maneira nenhuma**!.** NASCIMENTO,A. www.portalafro

Portal Afro - O senhor representou o Brasil em vários encontros internacionais de negros. Que impressões guarda daquela época? **Abdias do Nascimento** - Esse movimento fez parte de um contexto da participação do negro brasileiro nos foros internacionais de discussão do racismo.O negro brasileiro tomou a palavra e passou a denunciar o racismo no Brasil.

Foram várias as ocasiões: o Congresso Pan Africano em 1974 e a Conferência Preparatória, na Jamaica, para o mesmo congresso, em 1973; a Conferência dos Intelectuais Negros Africanos, em Dakar, também em 1974; os Congressos de Cultura Negra das Américas (de Cali, em 1977 e no Panamá, em 1980) e nossa participação em uma série de conferências em Gana, além da organização do Encontro Internacional na PUC, em 1982. *"Acredito que a contribuição da original visão afro-brasileira da problemática do racismo foi muito importante para o movimento em todo o mundo".*

Portal Afro - Além das cotas, quais seria as outras medidas que deveriam ser implantadas para diminuir a desigualdade racial no Brasil? **Abdias do Nascimento** - Os poderes públicos, que tem o dever de executar essas políticas, deveriam estimular o nascimento de pequenos empresários negros. Eles têm que investir nesse sentido. Ora, não temos um Banco Nacional de

Desenvolvimento Econômico e Social que fianancia um monte de gente? Por que não financiar o empreendedor negro? Isto é uma necessidade.

No campo do ensino, que não houvessem apenas as cotas. Claro que elas são importantes, mas, ao mesmo tempo, são insuficientes. Esses jovens que serão beneficiados, entrarão em instituições onde aprenderão a não amar seu próprio povo! Aprenderão o desamor a si mesmos. *"Quero dizer com isto que precisamos de instituições negras de ensino, para que esses jovens tenham uma outra versão da história e da realidade"***.**

Portal Afro - Mas onde esse processo deveria ser iniciado? **Abdias do Nascimento** - A criança negra já tem essa desvantagem desde que nasce. É preciso que se inicie um programa de medidas correlatas de amparo à mulher negra, para que ela possa iniciar esse processo de auto-valorização nas crianças.

Portal Afro - Qual a importância na mulher negra no movimento negro brasileiro? **Abdias do Nascimento** - As mulheres negras são as grandes heroínas deste país. Não estou falando dessa história de mãe preta que serve apenas para amamentar crianças brancas... Falo do valor integral desse ser humano. Ela é uma personalidade histórica admirável, à qual rendo todas as minhas homenagens e gratidão. Minha mãe é um exemplo. Éramos em sete irmãos e meu pai, um sapateiro, mal ganhava para custear a comida de um dia, para ajudá-lo, minha mãe fazia e vendia doces, além de cuidar da casa e de todos nós. Acredito que foi por isso que ela morreu cedo, aos trinta e poucos anos. Minha mãe era o grande sustentáculo da casa. Era nosso exemplo de valentia e de coragem para enfrentar os desafios da vida.

De certa forma todas as mulheres negras são assim, batalhadoras. Com exceção de uma ou outra que teve oou tem um padrinho branco e rico... No mais, elas passam por um grande esforço físico e resistência moral, por serem as mais agredidas em todo esse processo.

Atente para a importância histórica da mulher negra nesse país: além de ter que sustentar seus próprios filhos, nas condições mais precárias possíveis, era obrigada a criar e amamentar os filhos de seus senhores. *"É preciso que o movimento negro brasileiro desenvolva um espírito de homenagem, agradecimento e respeito à mulher negra. E isto depende de nós, homens negros. Temos a responsabilidade de fazer isso"*

Portal Afro - No TEN o senhor promovia cursos de alfabetização para negros, chegando a ter cerca de 600 alunos. Hoje temos alguns projetos desse tipo espalhados pelos país, inclusive pré-vestibulares para negros. Qual o paralelo que podemos traçar entre aquela época e a atual? **Abdias do Nascimento** - Os cursos de alfabetização que promovíamos eram sementes que

deveriam ser espalhadas. A Frente Negra também atuava nesse sentido e se preocupava bastante com a alfabetização da criança negra.

O paralelo que faço é que hoje aquele movimento se expandiu e aprofundou-se. Naquele tempo não podiamos pensar em entrar para a universidade. Queriamos fazer, como no caso do teatro, que os negros aprendessem a ler para que pudessem desempenhar melhor seus papéis, viverem bem e apresentar melhores condições de competitividade no momento de procurar emprego.

É bom ver que as coisas estão se expandindo e os próprios negros vão conquistando seus espaços. Foram os próprios negros que iniciaram esses cursos de preparação para a universidade. Aqui no Rio, por exemplo, foi Frei Davi. Já sei de um projeto desse tipo no Rio Grande do Sul e a iniciativa da Afrobrás, em São Paulo.

Foi esta contribuição do TEN: colocar mais uma sementinha nessa sementeira que está por aí, brotando, fortificando e florescendo. Acredito que neste momento esse movimento tornou-se irreversível. Estamos amadurecidos para um grande salto histórico, uma grande conquista.

"Agora em 2002 teremos uma grande oportunidade para eleger vários parlamentares negros estaduais e federais, para que avancemos cada vez mais. Não podemos desdenhar nenhum dos caminhos e é fundamental que o negro esteja presente na vida política."

Portal Afro - Como o senhor entrou na política? **Abdias do Nascimento** - O processo eletivo no Brasil é também um grande negócio. E como todo negócio, é preciso ter dinheiro para se começar. Nós negros, temos a desvantagem histórica de não ter dinheiro. Nem tampouco temos algum poder sobre os meios de comunicação. Portanto, nossas candidaturas ficam restritas àqueles ambientes onde o candidato circula, daí a dificuldade em formarmos uma grande bancada. *"Somente através da conscientização e do esclarecimento é que poderemos crescer, pois a mídia não dará nenhuma "colher de chá" pra nós. Ela beneficia apenas um ou outro que já passou de nosso meio para o outro lado e é coordenado pelas forças dominantes."*

Portal Afro - Foi difícil, então? **Abdias do Nascimento** - Sim. Foram várias tentativas. As coisas somente mudaram quando, no exílio, tive a oportunidade de mostrar a Leonel Brizola a gravidade da situação do negro no Brasil. Ele foi o primeiro político brasileiro a entender e agir a favor de nosso problema. *"Quando é para falar contra a discriminação racial todo mundo fala. Na hora de apresentar resultados concretos querem que sejamos pacientes. Fica tudo no lero-lero."*

Quando Brizola voltou ao Brasil a questão negra foi uma prioridade no programa do PDT. O partido criou e eu presidi a secretaria do movimento negro dentro do próprio partido, onde

tínhamos autonomia e falávamos de igual para igual com os outros órgãos do PDT. Foi através dessa abertura que consegui me eleger deputado federal e depois senador.

Portal Afro - Quem eram seus eleitores? **Abdias do Nascimento** - Eram brancos e negros. Eu tinha muitos eleitores brancos. Acredito que se eu fosse esperar os votos apenas dos negros eu não conseguiria me eleger. Foi muito difícil, até porque minha campmnha era considerada por muitos como radical. Minha bandeira era defender meu povo e foi exatamente o que fiz ao ser eleito. Basta pegar os documentos da Câmara ou do Senado e verificar que todos os meus discursos e projetos de lei são sempre referentes à comunidade negra. Sempre fui um defensor exclusivo da comunidade negra. Foi difícil, mas temos sempre que enfrentar os desafios. Nosso valor está justamente no grau das dificuldades que enfrentamos, aí é que medimos a força de nossas convicções.

Portal Afro - Que mensagem o senhor daria para os jovens negros que irão usufruir dessas políticas reparatórias do governo? **Abdias do Nascimento** - Que sejam fiéis à nossa história, ao nosso passado e a nossa dignidade. Um dos fatores que retardam nossa marcha é a hesitação ao assumir uma identidade: muitos pensam que por terem a pele um pouco mais clara, serão considerados mulatos e não negros ou afrodescendentes, essas coisas que os brancos ainda colocam na cabeça dos negros desavisados.

"A comunidade negra tem que ser fiel a si mesma, fiel aos seus antepassados, fiel à história de nossas lutas, e não deixar-se emprenhar pelo ouvido ao ficar escutando mensagens derrotistas, que se prestam a tirar a força, a energia e o ímpeto que o negro tem para lutar por seus direitos. É preciso dar continuidade à grande luta de Zumbi dos Palmares. O direito está a nosso favor. Os orixás estão nos prestigiando e nos amparando. É nossa beleza. É nosso futuro."

ANEXO 7

Manuel Querino, o primeiro historiador negro no Brasil (1854-1923) deu a primeira descrição da capoeira baiana no seu último livro, *A Bahia de Outrora*, em 1916..

"A CAPOEIRA"

“O Angola era, em geral, pernostico, excessivamente loquaz, de gestos amaneirados, typo completo e acabado do capadocio e o introductor da capoeiragem, na Bahia.

A capoeira era uma especie de jogo athletico, que consistia em rapidos movimentos de mãos, pés e cabeça, em certas desarticulações do tronco, e, particularmente, na agilidade de saltos para a frente, para traz, para os lados, tudo em defesa ou ataque, corpo a corpo. O capoeira era um individuo desconfiado e sempre prevenido. Andando nos passeios, ao aproximar-se de uma esquina tomava immediatamente a direcção do meio da rua; em viagem, si uma pessoa fazia o gesto de cortejar a alguem, o capoeira de subito, saltava longe com a intenção de desviar uma aggressão, embora imaginaria. (...)

O domingo de Ramos fôra sempre o dia escolhido para as escaramuças dos capoeiras. O bairro mais forte fôra o da Sé; o campo da lucta era o Terreiro de Jesus. Esse bairro nunca fora atacado de surpresa, porque os seus dirigentes, sempre prevenidos fechavam as embocaduras, por meio de combatentes, e um tulheiro de pedras e garrafas quebradas, em forma de trincheiras, guarneciam os principaes pontos de ataque, como fossem: ladeira de S. Francisco, S. Miguel, e Portas do Carmo, na embocadura do Terreiro. Levava cada bairro uma bandeira nacional, e ao avistarem-se davam vivas vas a sua parcialidade.

Terminada a lucta, o vencedor conduzia a bandeira do vencido.

Nos exercicios de capoeiragem, o manejo dos pés muito contribuia para desconcertar o adversario, com uma rasteira, desenvolvida a tempo. O Angola era, em geral, pernostico, excessivamente loquaz, de gestos amaneirados, typo completo e acabado do capadocio e o introductor da capoeiragem, na Bahia.

No acto da lucta, toda a attenção se concentrava no olhar dos contendores; pois que, um golpe imprevisto, um avanço em falso, uma retirada negativa poderiam dar ganho de causa a um dos dois. Os mais habeis capoeiras, logo aos primeiros assaltos, conheciam a força do adversario; e, neste caso, já era uma vantagem, relativamente ao modo de agir.

Por muito tempo, os exercicios de capoeiragem interessaram não só aos individuos da camada popular, mas tambem às pessoas de representação social; estas, porém, como um meio de desenvolvimento e de educação physica, como hoje é o foot-ball e outros géneros de sport. Os povos cultos têm o seu jogo de capoeira, mas sob outros nomes: assim, o português joga o pau; o francez, a savata; o inglez, o soco; o japonez, o jiu-jitsu, a imitação dos jogos olympicos dos gregos e da lucta dos romanos.

> Havia os capoeiras de profissão, conhecidos logo à primeira vista, pela attitude singular do corpo, pelo andar arrevesado, pelas calças de bocca larga, na pantalona, cobrindo toda parte anterior do pé, pela argolinha de oiro na orelha, como insignia de força e valentia, e o nunca esquecido chapéu á banda.
>
> Os amadores, porém, não usavam signaes caracteristicos, mas, exhibiam se galhardamente, nas occasiões precisas. No domingo de Ramos e sabbado de Alleluia entregavam-se a desafios e luctas, nos bairros então preferidos, como fossem: o da Sé, S. Pedro, Santo Ignacio ou da Saúde.
>
> Previamente, parlamentavam, por intermedio de gazetas manuscriptas. Duas circumstancias actuavam, poderosamente, no espirito da mocidade, para se entregar aos exercicios de capoeiragem: a leitura da Historia de Carlos Magno ou os doze pares de França, e, bem assim, as narrações guerreiras da vida de Napoleão Bonaparte. Era a mania de ser valente como, modernamente, a de cavador. Nesses exercicios, que a gyria do capadocio chamava de -- brinquedo, dansavam a capoeira sob o rythmo do berimbau, instrumento composto de um arco de madeira flexivel, preso ás extremidades por uma corda de arame fino, estando ligada a corda numa cabacinha ou moeda de cobre".www.bibvit.futuro.usp/texto/homeroteca

ENTREVISTAS

Transcrição da entrevista realizada com a professora Ana Célia da Silva em 04/01/2006 na sala de professores do departamento de educação campus I.

Questão 1

Conheço, o conheço, os cadernos por que eu faço parte do projeto de extensão pedagógica do PEP, do Ilê Aiyê, sou uma das professoras formadoras. Eu vejo os cadernos, como uma construção muito grande aos currículos de séries iniciais até o nível universitário, que trazem conhecimento que são invisibilizados, excluídos ou apresentados de forma minimizadas ou são invisibilizados através do currículo pela história oficial de educação no Brasil.

Questão 2.

Olha acredito que sim, uma vez ele vinculam um conhecimento da história da cultura africano e afro brasileira que até 2003 não estavam oficialmente incluídos no currículo brasileiro desde as séries iniciais até o universitário. É claro que nestes 25 anos de reorganização do movimento negro nacional a preocupação maior dos militantes foi com a educação. E durante esses 25 anos quase todas entidades negras no Brasil tiveram os seus grupos de educação trabalhando no sentido de mostrar a história dos africanos

na África pré colonial, da áfrica partilhada pelos brancos, na ressurreição da áfrica a partir dos levantes da independência a partir d e1960. A África recriada no Brasil, os levantes de insurgências negras, os quilombos, todo esse processo histórico cultural africano e afro- brasileiro foi contado pelas instituições negras através dos seus grupos de educação. E os cadernos Negros vem sintetizar tudo isso quando ele começa apresentar as várias etapas do processo civilizatório africanos e afro – brasileiro bem como as suas diversas contribuições culturais. É o precursor, é o iniciador. E eu diria mais, e sistematicamente ele apresentou essa história que foi invisibilizada recortada e excluída intencionalmente da educação brasileira.

Transcrição da fita de Makota Valdina Pinto, em sua casa no bairro do Engenho Velho da Federação, as 14:30 do dia 9/01/2006.

Questão. 1

Conheço, inclusive participei, contribui pra existência de alguns. Eu vejo como uma contribuição, uma das primeiras, por que outros movimentos outros houveram outras formas, mas enquanto a gente não tinha material como agente ainda não têm, como agente ainda esta, constituindo elaborados para serem usados em sala de aula. E com a contribuição do movimento, surgidos de blocos afros e no caso do Ilê Aiyê, por que eu acho que a gente hoje já tem uma lei que ampara, que a gente tem que introduzir nas salas de aulas o estudo da história, das culturas africanas e afro-brasileiras, mas tempos atrás a gente não tinha e o Ilê Aiyê enquanto primeiro bloco afro, e aí vieram todos os demais, começaram a contar essa história, a partir dos carnavais, a partir dos temas dos carnavais das letras das músicas, é e a África então foi. A história d áfrica a ser cantada pelos blocos afros na rua, pois o Ilê criou o projeto de extensão pedagogia, que já era, já começavam uma sistematização desse contar a história d áfrica na sala de aula e a partir do convenio que fez com a Smec, não é trabalhando com algumas escolas da rede, mas com algumas escolas, se começou a colocar em prática, os temas, que o Ilê escolhia e que pra cada tema tinha um caderno, a partir do surgimento do projeto de extensão pedagógica q eu se aplicava com professores, com os alunos. Então pra gente falar dos cadernos é preciso à gente falar d a importância que falam os blocos afros pra que a gente tem hoje, quer dizer a História da África começou a cair na boca do povo, a história que a escola devia contar e que a escola não contava foi começada a contar a partir do carnaval, a partir dos temas do Ilê Aiyê e dos demais blocos afros que vieram depois. Depois de uma forma mais sistemática através do projeto de extensão pedagógica do Ilê Aiyê, foi aí que surgiram os Cadernos. E a gente tem que ver donde começou. Não começou do nada, o caderno não surgiu do nada é preciso ver. O caderno é conseqüência de que ?. E caderno serviu, é uma contribuição pra que?. Hoje nos temos a lei, quer dizer esse cadernos que estão aí a meu ver, ainda precisam ser aprimorados, re-elaborados, revistos, mas foi o material quando a gente não tinha nada, quando não tinha lei nenhuma agente já fazendo coisa. É assim, que eu vejo

Transcrição da entrevista de Petronilia Beatriz Gonçalves e Silva concedida a Rosemary Rufina em 16/09/2006 no IV encontro de pesquisadores negros.

1) Você conhece os cadernos de educação do Ilê Aiyê? De que forma os vêem?

R: Sim, Bom é uma contribuição muito importante, não unicamente para o próprio projeto, que ele em primeira instancia visa atender, mas outras escolas, quem diz isso não sou eu,o fato das outras escolas. E o fato das outras escolas adotarem, mas as informações que ele traz e a forma como essas informações são organizadas e feitas, Não são importantes ou úteis unicamente pra Salvador ou para o Estado da Bahia, quer dizer eles são materiais que podem ser trabalhados, como a gente diz, climatizados pra outras religiões outras experiências outros níveis de ensino outros projetos. Ah! Então é. Talvez uma questão importante é aprender a climatizar para a sua região, não se trata de uma transposição, mas a forma como os cadernos da forma como os cadernos são organizados favorecem isso. Quando eu digo climatizar eu estou pensando como os professores se inspiram, trabalham os conteúdos, se inspiram e vão buscar na sua região, é, é, outras manifestações ou conhecimentos a propósito das questões tratadas ou de outras relacionadas. Por exemplo quando trata da Revolta de Búzios né, é o ensejo, não só por que é um fato nacional, mas é um ensejo pra que se busque na história da região com os historiadores ou com as pessoas mais velhas histórias de movimentos de resistência, seja antigos, seja do tempo do regime escravista, ou seja mais recentes. Então isso é um exemplo, é um material muito rico e muito incentivador.

2) Você considera os cadernos de educação do Ilê como um dos precursores das diretrizes curriculares nacionais d alei 10639/03? Por que?

R: Não só os Cadernos do Ilê, mas todas as experiências, que no decorrer do século XX , professores individualmente ou grupo do movimento, como o Ilê fizeram fosse de uma forma sistemática como é o caso dos cadernos que tem um publicação periódica, fosse de forma pontual, né desde simples filipetas com pensamento palavras de ordem, jonaiszinhos mimiografados, falas e palestras, como hoje no minicurso, como haviam os oradores no início do século, que se juntavam com a população negra, é que faziam as suas falas, nas festas nos bailes. Se interrompiam e havia um orador que ia discorrer sobre o que estava comemorando naquela data. Isso era considerado um momento educativo, né. A, em São Paulo, ia se visitar monumento dos abolicionistas, por ocasião do 13 de maio e diante dos túmulos de Luis Gama, Jé do Patrocínio. Então destas pessoas que tinham digamos assim, o dom da oratória. Faziam discursos e que tinham, o , não era o discurso pelo discurso. O discurso a fala tinha um valor formativo. Ao bailes, faziam os bailes em datas nacionais, como o 7 de setembro, e alguém discorria no momento dados do baile. Isto tudo são os mais velhos que contam. Eu já não peguei o baile com discurso! rsrs, A imprensa negra e as atividades ou uma certa cumplicidade de professores negros com crianças negras dando reforços, levando merenda, distribuindo material... Tudo isso isto durante o século XX tornou possível a elaboração do Parecer, tornou possível que o Parecer tem a cara que ele tem. Não é resultado de uma reflexão isolada, não é resultado também unicamente da consulta que é registrada. Foi feito uma consulta pra ver o deveria constar, também o que não deveria. Foi feito a consulta depois de redigido ou a medida que iam sendo redigido ou melhor. E as pessoas iam incluindo. As pessoas eram professores sim, em exercício, aposentados, em exercício em secretarias de educação, em exercício, mas também eram pais, pessoas do movimento negro, estudantes ou simplesmente outras pessoas interessadas justamente numa sociedade justa, fossem pessoas negras não negras. Então os cadernos do Ilê juntamente com todo esse contexto que vai atravessando o século XX criaram as condições para que este Parecer tivesse formado que tem, dito as coisas que disse, que

vem sido, e que vem sido elogiado internacionalmente e que fez com que a SECADE fizesse, a publicasse a tradução do parecer em três línguas, Inglês Francês e espanhol. Né, há alguns estudiosos, não tenho eu pessoalmente nenhum levantamento, nenhum dado objetivo, que diz que o Brasil é primeiro pais do mundo, segundo dizem, e que tem uma lei que é nacional para tratar justamente, uma lei que vai promover uma política curricular que é uma política da população negra, de educação das relações étnicos raciais. Então eu acho que isso mostra a importância sem dúvida alguma os cadernos do Ilê ajudaram, mas tem todo um contexto junto no quais os cadernos nascem, então os cadernos deslinham. Em todo esse esforço né, até quando eu digo as filipetas os papeizinhos de canto que alguém inventou tudo isso foi criando, né.

Entrevista realizada por Rosemary Rufina dos Santos Perin, aluna regular do Mestrado em Educação e contemporaneidade da Uneb, orientanda de Ana Célia da Silva. Sal.vador / Bahia.

Transcrição da entrevista com Marli Josefina- coordenadora da Cr Orla dias 6/01/2006.

Questão 1.

Conneço e vejo assim, de uma forma muito positiva. Nos traz a consciência sobre a história, né, a realidade da nossa História e foi uns dos primeiros cadernos a surgirem, trazendo esta realidade para nós enquanto educadores por que até então nós não tínhamos, não conhecíamos é o legado cultural africano e essa contribuição que o Ilê Aiyê traz e assim, é.

É primordial para categoria dos professores, por que é pioneiro nessa luta, é há mais d e30 anos que o Ilê Aiyê vem trazendo essa História para sociedade baiana e soteropolitana.

Questão 2.

Como eu disse para você, foi o pioneiro a mais d e35, 32 anos o Ilê Aiyê já trazia essa História para a gente, inclusive até muito criticado pela sociedade soteropolitana, achando que era um grupo de pessoas inconseqüente que estavam trazendo até o preconceito a tona. Enquanto hoje a gente percebe de que trazendo mesmo a História, que cada Cadernos desse ele traz a História d e um povo africano. Então a gente começou a conhecer isso de uma forma lúdica, que depois a sociedade sai e ver o bloco na rua, mas que isso houve todo um trabalho d ebase, embasamento teórico dentro das escolas, dentro d apropria entidade, lá na escola Mãe Hilda.